

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS – VOL. 2

Nuku Shedivawe Xina

Saberes do céu e saberes da terra

ROSENILDA NUNES PADILHA
LINDOMAR DIAS PADILHA
LUIZ FELIPE BARBOZA LACERDA
(ORGANIZADORES)



Casa Leiria



JESUÍTAS BRASIL



OLMA

Observatório Nacional de Análise Sociocultural
Luziane Romão de Almeida



CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO



QUEM SÃO OS JAMINAWA?

Jaminawa ou *Iaminawa* e *Yaminawa* é o nome genérico dado a diversos povos ou clãs indígenas da família pano que se autodenominam *Xixinawa* (gente do quati), *Kununáwa* (gente da orelha de pau), *Sharanáwa*, *Mastanawa*. De todos esses etnônimos eles preferem a autodenominação de Jaminawa.

NUKU SHEDIVAVE XINA
SABERES DO CÉU E SABERES DA TERRA

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 2



**OBSERVATÓRIO NACIONAL DE JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL
LUCIANO MENDES DE ALMEIDA - OLMA**

Provincial da Província dos Jesuitas do Brasil

Pe. João Renato Eidt, S. J.

**Secretário para Promoção da Justiça Socioambiental
da Província dos Jesuitas do Brasil e
Coordenador Nacional do OLMA**

Pe. José Ivo Follmann, S. J.

Secretário Executivo

Dr. Luiz Felipe B. Lacerda

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO - CIMI

Presidente

Dom Roque Paloschi

Secretário Executivo

Cleber Buzatto

Equipe CIMI Amazônia Ocidental

Rosenilda Padilha

Rosenilda Nunes Padilha
Lindomar Dias Padilha
Luiz Felipe Barboza Lacerda
(Organizadores)

NUKU SHEDIVAVE XINA
SABERES DO CÉU E SABERES DA TERRA

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 2



Casa Leiria
São Leopoldo/RS
2019

SÉRIE SABERES TRADICIONAIS - VOL. 2

NUKU SHEDIVAWE XINA

SABERES DO CÉU E SABERES DA TERRA

Rosenilda Nunes Padilha

Lindomar Dias Padilha

Luiz Felipe Barboza Lacerda

(Organizadores)

Edição: Casa Leiria.

Apoio: Conselho Indigenista Missionário – CIMI

Desenhos: Samuel Martins Saldanha Jaminawa.

Mistos e Histórias: Carlito Jaminawa, João Jaminawa, Mariana Jaminawa,
Oscar Jaminawa, Ricardo Jaminawa e Zé Correia Jaminawa.

Fotos: Lindomar Dias Padilha, Rosenilda Nunes Padilha e
Samuel Saldanha Jaminawa.

Os textos são de responsabilidade dos autores.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

N968 Nuku Shedivawe Xina: saberes do céu e saberes da terra.[recurso eletrônico] / Organização de Rosenilda Nunes Padilha, Lindomar Dias Padilha, Luiz Felipe Barboza Lacerda. – São Leopoldo: Casa Leiria, 2019.

(Série Saberes Tradicionais, v.2).

ISBN 978-85-9509-051-4

1. Índio – Cultura – Brasil. 2. Índio – Costumes – Brasil. 3. Povos indígenas – Brasil – Jaminawa. I. Padilha, Rosenilda Nunes (Org.). II. Padilha, Lindomar Dias (Org.). III. Lacerda, Luiz Felipe Barboza (Org.).

CDU 39(=1.81-82)

Catálogo na publicação

Bibliotecária: Carla Inês Costa dos Santos – CRB 10/973

SUMÁRIO

11	Nuku Shedivawe Xina
13	Prefácio
15	Apresentação
19	Narrativa histórica do povo jaminawa
20	Quem são os Jaminawa?
21	<i>Do contato</i>
23	<i>Os Jaminawa no contexto atual</i>
23	<i>Os Jaminawa do Kayapuká</i>
24	<i>Os Jaminawa do Guajará</i>
24	<i>Os Jaminawa do rio Caeté</i>
25	<i>Os Jaminawa do São Paulino</i>
25	<i>Os Jaminawa do Estirão</i>
26	Retorno Jaminawa
26	<i>Não podemos admitir povos sem territórios</i>
33	Mitos do povo Jaminawa
34	Nu Aweskash Kushuite Vtirume Carlito Jaminawa explica sobre como se forma um pajé
36	Úwa Kara yuxivu História de um índio poderoso
38	Diwu yuxiwawe yuxi sherevu pidivu Mapinguari que foi comido pelo espírito da samaúma
40	Avi pidi História de um homem que se alimentava de seres humanos
44	Yuxivave piki raxki divu História do homem que foi ao encontro da família
47	Kapetâwane atu pukebadi História do Jacaré
49	Kapa yuxiwu História das duas moças que encantaram o quatipuru
54	Edemêra yuxi História da mãe das águas
56	Shubawāwe iwidivu História da menina que foi levada pela alma da Sumaúma
58	Awapa shawe txtutadi História do jabuti e da anta
60	Dukuwede Tiruba História de um casal que saiu à procura de “ <i>dutxu</i> ” (uruá)

- 61 Tsadasa awa putadi
História da anta e da cutiara
- 64 Txai puwe
História de um homem assassino
- 66 Aya ruwa washu vidi
História de um solteiro que encantou aya
- 69 Dukuwe Tiruba
História do mapinguari e um homem
- 70 Xinutxuta baki tapi badi
História do macaco esperto
- 71 Awa shubaya raveta yuvi navu keda pakedevu
História de duas antas jovens
- 72 Tashka beshadi
Historia de um homem medroso que andava perdido
- 75 Runua Shau awa txutadi
A História da anta e da cobra
- 79 Bava Yuxivu
História das almas do barranco que encantavam as mulheres
- 80 Baka Uxiwu
História da parteira rata
- 82 Yu Yuxi txuta paudi
História do homem solteiro que casou com a alma
- 84 Ave tsawe yuxi tsuika Tsakadi
História de duas mulheres que foram para o roçado: uma do mal e outra do bem
- 86 Nawa texte
História da lua
- 89 Numa
História da Juriti
- 91 Tiku pipitiadi
Visita de um cunhado isolado
- 93 Yuvaxi davavu
História dos Povos sovinas
- 96 Inava shadu
História da Mãe da natureza
- 99 Inava shadu putse pakedi
História do jabuti e da onça má
- 101 Ixpa vave shukadi
História de um homem que se recuperou da sua saúde
- 105 Dukuvede kashe bistu Ruputu peste ví txepedi
História do um homem, carapanã, mutuca e o pium
- 106 Ruwa Ixpitabu
História do Jacaré grande

- 109 Bapudivu
História de um dos irmãos que se transforma em espírito da
sumaúma
- 111 Dukuvene Kaxta rua vashu vidi
História de um homem e o tatu
- 113 Ruva nesa vevadi
História do um homem que foi traído pela tartaruga de igapó
- 115 Yawawaka tu pikadash yavadivu
História do povo que se transformou em Queixada
- 117 Retena bisvu
História de um homem Guerreiro
- 124 Inava vake vidi
História da onça e da menina
- 128 Isku yuxivu
História de um genro e sogro canibal
- 130 Isu vake viyadi
A História de pai e filhos caçadores
- 133 Inava shadu
o pai que deixa o filho na mata
- 136 Dava reku
Surgimento de outros povos
- 137 Karu yuxivu
História da lenha
- 139 Shete ita expinua
História do Urubu
- 140 Pustu e Yūxi
História do ser humano que briga com alma
- 141 Iri yuxivu
O encontro de dois povos
- 145 Vapa rua Vashu vidi
História de Uma Mulher que a encantou uma Coruja
- 147 Estrutura Linguística Jaminawa
- 148 O Alfabeto Jaminawa / Yaminawa
- 148 *Alfabeto Yaminawa da Bolívia: Guia del Alfabeto Yaminawa*
- 149 *O Alfabeto Jaminawa do Brasil*
- 150 *Sistema Fonético Preliminar Jamimawa*
- 155 A origem dos Kedes
- 159 Referências

NUKU SHEDIVAWE XINA

Homenagem póstuma

Yuduwe

Na véspera de finalização deste livro, o pajé Carlito Jaminawa, aos 91 anos, faleceu. O saber refletido nas suas histórias foi compilado e escrito por muitas mãos, em sua homenagem. Carlito Jaminawa era considerado um dos maiores líderes espirituais também no mundo da espiritualidade. O título do livro é o nome dele na língua Jaminawa.

Boa leitura.

PREFÁCIO

Quais os tempos entre o céu e a terra?

Quais os tempos que queremos que fiquem na memória de nossos povos originários e em nossas memórias?

Como contar a história de quem foi espalhado, de quem teve que fazer correria, de quem foi escravizado, de quem virou mão de obra barata e sem direitos, de quem foi perdendo seus territórios sagrados, de quem foi levado para as cidades perambular, de quem só teve como opção o refúgio nas cabeceiras dos rios e adentrar na amazônia profunda?

Como contar a história de quem muito lutou, muito resistiu, muito se reinventou, de quem muito guardou no coração as suas memórias sagradas?

Jaminawa: um povo que foi espalhado por tantos lugares e que até disseram por um tempo que tinha desaparecido. Um povo que ousou buscar em suas narrativas ancestrais, o tempo da fartura do quati-puru, do banquete para que ninguém tivesse fome! Muito milho, macaxeira, banana, batata, curimatã, piranambu, jundiá e todo tipo de caça.

Reunindo os saberes do céu e os saberes da terra, os Jaminawa tomam o chá do shuri, para sararem as feridas e desditas do passado, articulando no presente a construção do futuro, dançando para um amanhã que clareia e ilumina.

Eis o tempo propício para rever os parentes, em choro de saudades, de reconquista dos territórios e de afirmar a história de um povo livre e autodeterminado.

Eis o tempo que não importa mais se é gente do quati, gente da orelha de pau, gente da cutia, gente boa, gente guerreira. A existência é na pluralidade!

Estamos diante de uma publicação que anuncia o tempo da pintura do tamuatá: crianças, jovens e adultos podem usar no dia a dia, expressando a alegria, a boniteza, a festa.

HÁ MUITO PARA DESCOBRIR ENTRE O CÉU E A TERRA!

Benedito de Queiroz Alcântara¹
Macapá/AP

1 Professor de História e Filosofia no Estado do Amapá, membro da Rede Eclesial Panamazônica (REPAM – Diocese de Macapá) e membro do Fórum Social Panamazônico (FOSPA-AP).

APRESENTAÇÃO

O segundo volume da Série Saberes Tradicionais, organizada pelo Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), traz a voz do povo Jaminawa, da Amazônia Ocidental brasileira. Saberes do Céu e Saberes da Terra é uma reedição da obra organizada pelo Conselho Indigenista Missionário – Cimi em 2018, através de profundo contato com as lideranças deste povo, para a coleta e posterior transcrição das histórias orais passadas de geração em geração.

Esta proposta literária nos alegra muito, na medida em que operacionaliza a premissa básica do OLMA, referente ao trabalho em rede, nos colocando de mãos dadas com o Cimi, enquanto instituição de relevante histórico no apoio as causas indígenas no território nacional. Ademais, tal obra, assim como a referida coleção, apresenta-se como resposta direta a Preferência Apostólica elencada pela Província dos Jesuítas do Brasil, no tocante a Amazônia.

É nesta perspectiva que o importante trabalho que aqui apresentamos se insere, dando um novo e firme passo na reafirmação da cultura e da identidade do povo Jaminawa, com a publicação de seus mitos originais. Importante ressaltar que tal projeto foi concretizado por meio da articulação com os próprios indígenas, interessados em ouvir, registrar e traduzir as histórias aprendidas diretamente de seus anciões, guardiões de seus saberes tradicionais.

Diante do atual contexto de violências, desrespeito e violações dos direitos dos povos tradicionais e originários, esta importante iniciativa junto aos Jaminawa faz-nos ecoar mais uma vez as palavras proféticas do Papa Francisco, que afirmou aos povos amazônicos, em seu encontro com eles no Peru, que “a cultura dos nossos povos é um sinal de vida.”

No caso dos Jaminawa, assim como de muitos outros povos indígenas, a possibilidade de valorização de seus saberes e os modos de vida tradicionais estão diretamente ligados ao direito destes povos viverem sobre suas terras. O retorno protagonizado pelos Jaminawa ao seu território tradicional, no coração da Amazônia, é exemplo da sua autodeterminação e disposição de resistência.

O trabalho que aqui apresentamos passou por muitas mãos, do jovem Samuel Jaminawa, Carlito Jaminawa, Marina Jaminawa, Ivanilda Torres, Lindomar Dias Padilha, em parceria com KINDER MISSIONSWERK, CIMI e

OLMA. Foram três anos de trabalhos de campo com toda família Jaminawa. Todos os Mitos escritos neste livro foram gravados na língua Jaminawa, em seguida foi uma força tarefa, para traduzir para o Português, há palavras que não possuem tradução.

Os Mitos Jaminawa nos levam a conhecer as suas origens, seus antepassados e a história do povo. Mitos falam da realidade ou dos conflitos que dão conhecimento para resolver os problemas que existem entre homem e mulher, entre o ser humano e natureza, entre a humanidade e seu *Epa kereshepa* (Deus). O mito é expressão de que o homem e a mulher fazem parte da natureza, explica o que são o querem ser, iluminam, motivam o projeto de vida. São registros históricos gravados coletivamente na memória do povo Jaminawa onde estão presentes, o passado e o futuro, o ontem e o hoje. Expressam a diversidade que existe na cultura Jaminawa, a capacidade de conviver com a natureza e acercam-se de *Epa kereshepa* (Deus).

Até os dias atuais é por tradição o povo viver em pequenos grupos, em pequenas aldeias de acordo com o *Shukuwetsavu*, (clã) é permitido por linha paterna, porque o filho é herdeiro do pai. Devido *Shukuwetsavu*, os Jaminawa vivem espalhados em muitos lugares, na terra indígena Mamoodate, na cabeceira do Rio Acre, Sena Madureira, Assis Brasil, Terra indígena Kaipuká, São Paulino, Caeté, Estirão, no Peru e na Bolívia. *Shukuwetsavu* é que determina a que grupo a pessoa ou a família pertencem.

A situação desse povo ganhou visibilidade na sociedade acreana, por expor de forma clara e direta em plena calçada de Rio Branco, as consequências dos conflitos internos e externos que atingem as comunidades indígenas, levando, por vezes, mulheres acompanhadas de suas crianças a mendigar nas ruas da cidade.

Os Jaminawa já foram e continuam sendo ameaçados por representantes do poder judiciário em Rio Branco, Epitaciolândia e Sena Madureira, que considerou oportuno aplicar o ECA – Estatuto da Criança e do adolescente, retirando algumas crianças das tutelas de suas mães. O Cimi tem auxiliado essa população no resgate de suas crianças, levadas aos abrigos públicos.

Desta forma, os contos e mitos encontrados neste livro são também reflexos de uma luta atual, cotidiana, que busca o simples direito de existir. A primeira parte apresenta uma narrativa histórica do povo Jaminawa até os dias atuais, denunciando essas agressões e demais desafios. A segunda, em forma de Mitos apresenta a base estrutural da cosmovisão deste povo e como esta serve de pilar de sustentação às resistências necessárias frente a estes cenários. Por fim, a terceira parte traz uma síntese da estrutura linguística Jaminawa.

Nossa gratidão e reconhecimento ao trabalho do Cimi, do Regional Amazônia Ocidental e a todo o povo Jaminawa que compartilha conosco seus conhecimentos ancestrais.

*Roque Paloschi*¹
*Rosenilda Nunes Padilha*²
*Luiz Felipe Lacerda*³

1 Bispo da Igreja que está em Porto Velho/RO, Presidente do Cimi.

2 Membro do Cimi Regional Amazônia Ocidental, licenciada em Antropologia pela UPS, Especialização no trabalho de campo e populações tradições pela UnB e Mestra em ciências da linguagem pela Universidade Federal de Rondônia.

3 Secretário Executivo do OLMA, docente da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), psicólogo, doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

NARRATIVA HISTÓRICA
DO POVO JAMINAWA

QUEM SÃO OS JAMINAWA?

Jaminawa ou *Iaminawa* e *Yaminawa* é o nome genérico dado a diversos povos ou clãs indígenas da família pano que se autodenominam *Xixinawa* (gente do quati), *Kununáwa* (gente da orelha de pau), *Sharanáwa*, *Mastanawa*. De todos esses etnônimos eles preferem a autodenominação de *Jaminawa* e, sobre essa autodenominação, José Correa Jaminawa¹ explica:

Posso afirmar que a gente não tinha esse nome de *Jaminawa* nem conhecia outro povo que tinha esse nome. Com a chegada da Funai em 1975, havia um desconhecimento da realidade dos índios que viviam aqui no Estado. Como o órgão indigenista não sabia que povo nos pertencia, deu esse nome de *Jaminawa*. Antes chamavam a gente de *Marinawa* (gente da cutia), *Sharanawa*, (gente boa), *Mastanawa* (gente guerreira). No tempo dos seringais os *Carius*, os brancos, chamavam a gente de caboclos como faziam com qualquer outro povo indígena do Acre. Atualmente prefere nomenclatura *Jaminawa*, esse nome já foi assimilado por todos os *Jaminawa*.

De acordo com Calavia (1995), os *Jaminawa* se dividem em um número determinado de *kaio*, palavra *Jaminawa* para dizer clã, tronco ou raiz. Que seriam clãs de caráter “totêmico” e de linha paterna. “O conjunto de *kaio* tende a coincidir com diversos etnônimos, sendo os principais os *Xixanawa* (gente do quati), *Kununawa* (gente da orelha de pau) *Sharanawa*, (gente boa) *Mastanawa*, (gente guerreira) e outras diversas parcialidades”. Portanto, os *Jaminawa* só existem como pluralidade. Os *Jaminawa*, por sua vez, estendem o nome *Jaminawa* para além dos grupos panos do rio Purus, englobando também os *Kaxinawa* e vários grupos panos do Vale do Juruá.

1 José Correa Jaminawa é liderança entre o povo e ocupa o papel de chefe de posto da Funai de Sena Madureira desde 1997. Entrevista publicada na coluna “Papo de índio”, *Jornal Página 20*, 5 de fevereiro de 2006.

DO CONTATO

A ocupação do território no atual Estado do Acre, pelas populações não indígenas, ocorreu relativamente tarde em comparação a dos outros Estados brasileiros. Segundo alguns autores, os primeiros a avançar por aquelas terras foram João da Cunha Corrêa² e Manoel Urbano da Encarnação³ no ano de 1850, (RANCY, 1992), que realizaram expedições de reconhecimento dessa região, identificando inclusive os principais rios que cortam o Acre, entre eles o Aquiri (atual rio Acre), o Hyuacu (atual rio Yaco) e o Aracá (atual Chandless). Deve-se recordar ainda que esse território somente passasse ao controle definitivo do Estado brasileiro em 1903, através do acordo de Petrópolis entre os governos da Bolívia e do Brasil.

A história dos primeiros contatos com os nativos/indígenas, notadamente com os Jaminawa, é também a história das “correrias⁴” e da sujeição aos caucheiros⁵ peruanos e seringueiros brasileiros. Este tempo histórico das correrias marca fortemente a memória do povo Jaminawa até os dias atuais. Os Jaminawa mais velhos ainda se recordam de seus antigos patrões, considerados por eles pessoas ricas e poderosas, porém afirmam que era tempo do cativoiro⁶. Segundo Correia⁷:

Passaram, além de cortar seringa, a desempenhar uma série de atividades necessárias ao funcionamento do seringal, a saber, fazer transporte da borracha e mercadorias nas cos-

-
- 2 Cearense que foi nomeado pela administração da província do Amazonas como Diretor dos Índios do Purus e do Juruá em 1850.
 - 3 Amazonense que foi nomeado pela administração da província do Amazonas como Diretor dos Índios do Purus e Juruá em 1850. Tinha a missão de percorrer os rios que cortavam a região para averiguar a possibilidade de navegação entre os afluentes do Purus e o Madeira.
 - 4 Chegada dos brancos, dos não índios, dos Nawa ou Cariú, invasão do território indígena, época em que os índios se espalharam pelas cabeceiras dos rios. Refere-se ao período dos primeiros contatos no auge da borracha em 1912. Esse período marcou todos os grupos indígenas da região com saldo grande de mortos entre índios, por doenças e assassinatos. E, quando escapavam da morte, eles eram capturados por homens armados com ajuda de cães, sendo forçados a trabalhar para os “donos da terra e dos seringais” em regime de escravidão.
 - 5 Pessoas que tiravam o caucho que é uma resina de uma planta e quando fresca pode ser moldada na forma desejada. É impermeável à chuva, mas o que a torna notável é a sua grande elasticidade; confeccionam botas, chinelos, garrafas etc...
 - 6 Época dos patrões seringalistas, quando os índios trabalhavam como escravos nos seringais.
 - 7 Cloude de Sousa Correia, antropólogo da Funai. Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Arara, do Igarapé Humaitá Acre. Brasília, Funai, mimeo em julho de 2001.

tas, varejar balsas abarrotadas de borrachas, até as cidades, abrir e zelar estradas de seringa, campos e pastagens, construir ubás (canoas) edificar casas e currais, levantar cercas, extrair madeiras de lei, fazer farinha, movimentar engenhos de cana de açúcar para fabricar o mel, rapadura e gramiçó colocar roçado, pescar e caçar para o abastecimento do barracão (CORREIA, 2001).

O seringalista, “o tirano” “o escravizador dos seringueiros”, “o malfeitor”, estes eram alguns adjetivos que muitos estudiosos da borracha utilizavam para nomear os donos dos seringais. Esses seringalistas perceberam que era mais fácil pegar a mão de obra dos indígenas do que trazer novas pessoas do Nordeste para trabalhar nos seringais.

Não só os Jaminawa, mas também outros povos, após sofrerem correrias, preferiram começar a trabalhar para os patrões para evitar novas violências. Nas estradas de seringas ou nas colocações, as famílias indígenas estavam sujeitas a tratamento semelhante ao dado pelos patrões aos seus fregueses cariús (não índio). Atrrelados ao sistema do aviamento dos barracões, os seringueiros e indígenas eram enganados no preço da borracha e das mercadorias e pagavam renda das estradas de seringas.

Num primeiro momento, a escravidão mostrou sua face mais cruel: as correrias. As correrias tinham dois motivos básicos: expulsar os indígenas para se apropriar de seus territórios e conseguir mão de obra escrava. Os Jaminawa afirmam que foi por causa das correrias que houve migração de seu povo para os Altos Rios Purus, Yaco, rio Acre no estado do Acre, no Brasil, e para os departamentos de Pando e de Tahuamanu, na Bolívia e no Peru.

Euclides da Cunha, jornalista e escritor brasileiro, esteve no Acre, precisamente na região do Alto Purus, no início do século XX, momento em que registrou cenas vivenciadas pelo escritor da vida das pessoas de um seringal. No livro *À margem da história*, publicado em 1909, ele descreveu como os seringueiros comemoravam a Semana Santa:

Não tiveram missas solenes, nem procissões luxuosas, nem lava pés tocantes, nem prédicas comovidas. Toda a semana santa correu-lhes mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristeza e de pesares, que lhes parece uma interminável sexta-feira da paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinido pelo ano a fora (CUNHA, 1909, p. 101).

Durante décadas os Jaminawa ficaram atrrelados à empresa seringueira, totalmente submissos a patrões que os tratavam como mão de obra barata,

posto que, por desconhecerem a lógica mercantil, facilmente se transformaram em vítimas da “esperteza” dos brancos. Ainda hoje muitos vivem fora dos territórios Mamoadate e Cabeceira do Rio Acre.

OS JAMINAWA NO CONTEXTO ATUAL

Atualmente o povo Jaminawa habita algumas regiões do Estado do Acre, no Brasil, e as fronteiras da Bolívia e do Peru. No Brasil, somam aproximadamente uma população crescente de 1.800⁸ pessoas, segundo dados extra-oficiais. Todos os Jaminawa são falantes da língua materna de mesmo nome, que pertence à família linguística Pano. No lado brasileiro há duas terras indígenas demarcadas para o povo Jaminawa, a Terra Indígena (TI) Mamoadate⁹, no rio Iaco com a extensão de 313.647 hectares, localizada nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil e a TI Cabeceira do Rio Acre, com 76.680 hectares de extensão, localizada no município de Assis Brasil.

Muitas famílias Jaminawa vivem em diversos territórios reivindicados por eles. Os territórios são: Kaiapucá, São Paulino, Caeté, Extremo e Guajará. Essas cinco áreas estão sendo reivindicadas pelo povo Jaminawa para a demarcação, já com alguns estudos antropológicos em andamento. Devido a essa reivindicação, há grandes conflitos com não índios que lá se estabeleceram e lutam pela posse da terra.

OS JAMINAWA DO KAYAPUKÁ

Era março de 2015, dias de pleno carnaval. Nesses mesmos dias de muita folia, foi instaurado o programa TERRA LEGAL que é um programa de regularização fundiária do governo Federal que conta com apoio do governo alemão por meio da agência oficial de cooperação, a GIZ, da sigla alemã para DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR INTERNATIONALE ZUSAMMENARBEIT.

8 Esse número pouco preciso, refere-se a todos os povos identificados como Jaminawa, inclusive os que habitam os espaços urbanos de Sena Madureira, com exceção dos Jaminawa-Arara, considerado como povo distinto.

9 Essa terra é compartilhada também com povo Manchineri, que também soma uma população crescente de 1600 pessoas. É área também de perambulação de povos livres (sem contato).

A empresa contratada para lotear a terra foi ALCÂNTARA COSTA ML (Empresa de Gel) dos senhores Alexandre Alcântara Costa e Valderi Carlos Cavalcanti. O Território Kayapuka foi todo loteado e ali se instalou um conflito entre indígenas e não indígenas pela posse da terra. Várias reuniões foram feitas, sendo assinado um acordo de convivência no dia 20 de maio de 2016, em audiência na cidade de Sena Madureira,

O Acordo de Convivência entre os indígenas, ribeirinhos, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boca do Acre, e o Programa de Regularização Fundiária na Amazônia (terra legal), e Funai. O objetivo do acordo de convivência é buscar o estabelecimento das relações pacíficas e respeitadas entre indígenas e não indígenas, os quais convivem usufruindo a área de uso em comum e de áreas de uso reservado a cada grupo. O intuito do termo é identificar tais áreas, de modo a construir os parâmetros para o uso dessas áreas conforme as modalidades indicadas, ou seja, compartilhando-se espaços que forem identificados como imprescindíveis a índios e não índios, e respeitando as demais áreas de uso que são usufruídas por cada grupo especificamente. O acordo prevê 24 itens a serem cumpridos. Resultado, o acordo não está sendo cumprido e na área se estabelece um conflito pela posse do território.

Durante os anos de 2016 e 2017, os Jaminawa que moravam na cidade de Sena Madureira, voltaram para as suas moradias de origem e lá se estabeleceram formando quatro comunidades, tais como: Santana, Canaã, Santa Fé e Sumaúma, nesta área habitam aproximadamente 350 pessoas.

OS JAMINAWA DO GUAJARÁ

Em 2001 o Inca cedeu uma área de 600 hectares para os Jaminawa que lá residem. Moram também famílias Jaminawa nesta mesma região, fora da área do Inca, no local chamado Boca do Igarapezinho. Os Jaminawa reivindicam a demarcação dessa área, alegam que no passado era terra deles, que sabem onde estão enterrados seus parentes. Mesmo algumas famílias morando em Assis Brasil, esse território é referência para eles.

OS JAMINAWA DO RIO CAETÉ

Os Jaminawa foram para o Caeté em 1995, depois de duro conflito entre eles na aldeia São Lourenço, que fica na cabeceira do rio Acre. A partir

daí os Jaminawa passaram por uma grande crise e começaram a pedir esmolas nas ruas de Rio Branco. O Ministério Público Federal pressionou a Funai para que destinasse uma área de terra para os Jaminawa. Foi cedida uma área no Rio Caeté, onde existem cinco aldeias: Kanamari, Extrema, Buenos Aires, Igarapé Preto e Vai Quem Quer. A Funai prometeu identificar essa área e até o presente momento nada foi feito. No ano de 2002, o Ibama criou a reserva extrativista do Cazumbá-Irecema, sem combinar nada com os Jaminawa. Desde então, os Jaminawa buscam o diálogo com a Funai, pedindo o apoio do CIMI e outras organizações, para que possam ter território demarcado.

Atualmente existem 280 pessoas da etnia Jaminawa nesta área que continuam aguardando pela regularização fundiária. Todos os Jaminawa que habitam neste Rio falam a língua materna. Seu Batista é um dos líderes mais velhos e respeitados no Caeté, é um pajé que conhece toda a história e a medicina do seu povo.

OS JAMINAWA DO SÃO PAULINO

Esse grupo, cujo principal líder é o seu Francisco Saldanha Jaminawa, luta por um pedaço de terra de aproximadamente 25 hectares onde residem cerca de 15 famílias com 163 pessoas. Vivem praticamente às margens do rio Purus, numa área completamente desmatada, onde não há mais lugar para caçar. Sobrevivem apenas de pequenos roçados de mandioca e banana e da pesca no rio Purus.

OS JAMINAWA DO ESTIRÃO

O território reivindicado pelos Jaminawa e Madiha do Estirão fica no município de Santa Rosa do Purus/AC. Nunca houve qualquer estudo demarcatório, nem levantamento histórico-fundiário. A região apresenta vários entraves para a demarcação, como, por exemplo, a linha de fronteira com o Peru, uma área destinada ao Exército e, ao fundo, um projeto de assentamento do Incri, inclusive com a abertura de um ramal nos fundos. A área reivindicada sofre com constantes alagamentos. Um grupo de Madihas também habita esta região e lutam, junto com os Jaminawa, pela demarcação.

RETORNO JAMINAWA

Lindomar Dias Padilha¹

*Seu Zé Correia Jaminawa é
motivo de orgulho para mim. Conhecê-lo
foi fundamental no meu indigenismo.*

NÃO PODEMOS ADMITIR POVOS SEM TERRITÓRIOS

Alterações no meio significam, em larga medida, alterações no grupo. Sobre este fato, a recíproca se nos aponta como verdadeira. Sobre este aspecto vale recorrer a Cândido (1979, p. 173) “A princípio, o meio representava para o grupo uma totalidade, cujos limites coincidiam com os limites da atividade e da mobilidade grupais”. Este método, alterações no meio e no grupo, parece ter sido o preferido na Amazônia Ocidental brasileira no processo de colonização e desterritorialização² dos povos que ali viviam. A quase a totalidade dos povos indígenas perdeu completamente o controle e até mesmo o acesso aos seus territórios tradicionais.

O povo indígena aqui referido como “Jaminawa” se constitui a partir de uma sofrida história entre famílias “Sharanawa” (gente boa), “Mastanawa” (gente guerreira) “Xixinawa”, (gente do quati), “Kununawa” (gente da orelha de pau). Portanto, para entendermos melhor todo o processo, precisamos nos reportar ao final do século XIX.

1 Lindomar Dias Padilha é licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e pós-graduado em Desenvolvimento e Relações Sociais no Campo pela UnB – Universidade de Brasília. E mestrando em Direito pela Universidade Católica de Petrópolis – UCP.

2 A desterritorialização refere-se não à perda do sentido territorial das sociedades, mas sim, seguindo Rogério Haesbaert (2004), à forma como um grupo ou indivíduo perde poder, controle e acesso ao respectivo território.

Os povos indígenas da região da Amazônia Ocidental vêm sendo contatados desde o final do século XIX: primeiro para trabalhar nas frentes extrativistas, e aqui merece destaque o extrativismo da borracha, (extração) do látex da seringueira (*Hevea brasiliensis*) e do caucho (*Castilloa elastica*), ambos comercializados como matéria prima para a produção de pneumáticos, elemento básico da indústria automobilística, depois transformados em seringueiros, barranqueiros, diaristas, mateiros, varejadores, caçadores nas fazendas agropecuárias e em peões. Dessa forma, conforme Padilha (2012), a situação destes povos só pode ser entendida dentro dos projetos e realizações da sociedade não indígena influente na região que primeiro se apropriou de seus territórios e depois de sua própria força de trabalho.

Ora, se “a configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais [...]” (SANTOS, 1996). Certamente as alterações territoriais, tanto em relação aos sistemas naturais quanto na imposição de um modelo de produção voltado exclusivamente para um mercado e consumo alheio às necessidades e vontades dos povos originários, forçaram estes povos a mudanças comportamentais, estruturais e, finalmente, à perda de territórios físicos e culturais, foram levados à desterritorialização de forma forçada.

A espoliação e expulsão dos povos indígenas de seus territórios levou à afirmação de que no Acre não havia mais índios. De fato, povos inteiros foram dizimados fisicamente, culturalmente e inclusive do imaginário. Segundo Bianchini (2007):

Estima-se que, no período anterior à chegada dos seringalistas, existiam cerca de 50 povos indígenas na região. O contato entre esses povos e os exploradores resultou nas correrias, termo que representa a fuga dos índios rio acima visando escapar do massacre físico e cultural promovido pelos seringalistas, e no cativo, ou seja, a captura e escravização dos indígenas para o trabalho nos seringais.

A região que hoje corresponde ao Estado do Acre, pois, sofre uma perda de cerca de 35 povos, uma vez que hoje existem dezoito territórios para serem demarcados para povos indígenas, sem contarmos os que se encontram em situação de isolamento.

O povoamento não indígena da região da Amazônia Ocidental ocorreu efetivamente na segunda metade do século XIX, sendo precedido por expedições semioficiais de exploração.

Na narrativa de Vilanueva (1902 apud BIANCHINI, 2007, p. 427), temos ideia do processo de desterritorialização e perdas tantas:

Impiedosamente perseguidos pelos caucheiros, a quem constantemente assaltam em seus *tapiris* (tombos) para roubar-lhes suas armas, seus instrumentos e sua farinha, sem o que não é possível que ninguém subsista no centro da floresta. Para afugentá-los, periodicamente se organizam correrias nas quais a pior parte cabe ao índio, pois se o prendem com vida é levado para longe e submetido ao trabalho como um verdadeiro escravo e frequentemente vendido como tal, e se opõe resistência e defende sua palhoça e a seus filhos menores, objeto da rapacidade dos assaltantes, então acha a morte sem misericórdia.

Essa violência e esses ataques impiedosos descritos por Vilanueva e outros, marcarão profundamente a vida e a morte dos povos indígenas e, claro, dos Jaminawa cuja dispersão resultará na quase extinção, daí ser-lhes aplicado o nome de Jaminawa, tentativa de reunir os mais diversos grupos no que “restou”. Havia, por trás dos ataques, a sanha pelos produtos da floresta e a mão do mercado, voltado também para a obtenção de mão de obra escrava para o trabalho nos seringais, conforme atesta Vilanueva (1902 apud BIANCHINI, 2007, p. 428):

Para falar a verdade, o objetivo principal dessas indignas correrias é o de colher mulheres e crianças para, em seguida, vendê-los a bom preço. Um menino de dez a doze anos vale, em geral, (s. 500) quinhentos soles, e se é campá, muito mais. Uma menina da mesma idade custa trezentos ou quatrocentos soles, e algo menos a mulher maior de vinte anos (...). A perseguição de que são objeto, mantem os índios em constante movimento. Já não tem casas fixas para viver e nem roças para se alimentar. Vivem errantes em uma condição deplorável. Por esse motivo seu número vai decrescendo sensivelmente (VILANUEVA, 1902 apud BIANCHINI, 2007, p. 428).

É importante destacar que no final do século XIX, todo o Acre, notadamente a região dos altos rios Juruá e Purus, era disputada entre o Brasil, a Bolívia e o Peru, cujos impasses e hostilidades só seriam resolvidos definitivamente no final de 1903, através de um tratado formalizado em Petrópolis, onde o Acre era concedido ao Brasil em troca de uma indenização no valor de dois milhões de libras, da construção de uma estrada de ferro entre os dois países e do acesso a um porto no rio Madeira.

Seja para forçar os indígenas ao trabalho como escravizados, seja pela mera posse e saque dos recursos naturais existentes em seus territórios, o fato

é que os territórios indígenas, pois, se converteram em seringais nascendo assim, a categoria de índios sem terra e convertidos em seringueiros. Os chamados Jaminawa, que já tinham em sua origem uma diversidade de grupos, a partir do contato com a sociedade não indígena dispersam-se de vez.

Em 1999, realizou-se um estudo sobre a situação dos indígenas Jaminawa, cuja intenção era produzir “*relatório do levantamento antropológico acerca da situação de mendicância de indígenas da etnia Jaminawa*” (SOUZA, 1999), marcadamente, como previsto no próprio título, pela má impressão que estes índios causam aos transeuntes e habitantes das cidades onde se encontram e vivem em situação de abandono. No caso, o relatório foi realizado por solicitação do Ministério Público Federal.

A dispersão somada à perda de seus territórios rendeu aos agora denominados Jaminawa a definição de povo nômade em cujo *ethos* acentua-se uma explícita vocação a um anarquismo social. Quem os observa de longe, facilmente duvidaria de que há um comando, uma organização, uma estrutura social composto por líderes e liderado. Essa pseudoausência de coordenação e liderança tem sido utilizada para enfraquecer as tentativas de lutas para readquirirem seus territórios e para justificar a ausência do poder público. Nos anos 2000 era comum assistirmos cenas de barcos fretados pelo governo, carregados de indígenas Jaminawa, subindo os altos rios. A ideia era retirá-los das cidades sob a alegação de que estavam “mendigando”.

O abandono pelo poder público raramente é citado nas pesquisas realizadas por estudiosos contratados pelo governo do Estado. Mesmo quando solicita estudos do tipo “*Levantamento da situação atual dos índios Jaminawá*” (FERREIRA, 2001). Não se trata de questionar os estudos realizados e os relatórios produzidos. Trata-se de justificar ou não o tratamento dispensado aos indígenas. A retirada desses indígenas da cidade, ainda que nos parecesse necessária, não poderia ser feita sem a solução dos problemas em suas origens. Não se trata de levantamentos e pesquisas apenas. O fundamental era ouvir as razões dos próprios indígenas para estarem ali e, junto com eles, refletir sobre a situação.

Ocorre que o mesmo governo que os levava e “largava” nos altos rios, não lhes prestava qualquer assistência e mais, parecia desconhecer que estes indígenas não tinham seus territórios demarcados e garantidos conforme prevê a Constituição Federal.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar

todos os seus bens. (BRASIL, Constituição Federal, 1988)

Ora, se o poder público, Governo Federal com a participação dos demais entes, não lhes oferecem proteção, cabe a eles mesmos, os indígenas, se organizarem para a autodefesa, autoproteção e para exigir a demarcação e a garantia dos territórios e demais direitos. Foi com essa certeza que a partir de 2008 o Conselho Indigenista Missionário – CIMI, Regional Amazônia Ocidental, decidiu ajudá-los de forma mais atuante nesta que seria longa, porém, vitoriosa empreitada: apoiá-los no retorno e retomada de seus territórios invadidos, garantir a demarcação e recuperar a autoestima.

Para incentivar, valorizar e recuperar a autoestima o ponto de partida foram as visitas frequentes, tanto às famílias que viviam nas cidades quanto às que permaneciam nas aldeias. Era evidente que seria necessário um trabalho que apontasse o retorno e a recuperação dos territórios como alternativa e meio de adquirirem maior dignidade. Assim foi que a antropóloga e linguística, Rosenilda Nunes Padilha, iniciou um processo de levantamento sobre a situação e, claro, estudo mais aprofundado sobre a história e a língua do povo Jaminawa e sempre considerando a vida em espaços urbanos como direito dos povos indígenas.

A cidade passou a ser um local de oportunidade: para trabalhar, estudar, ter assistência médica e, também, um lugar de refúgio, principalmente quando a terra não está demarcada. O fato é que o ambiente urbano tornou-se uma conquista, espaço de apropriação onde é possível tornar-se visível tanto individualmente quanto coletivamente (NUNES, 2011 p. 7).

Nesta leitura, a presença dos indígenas, Jaminawa ou não, nas cidades, é entendida como um direito e, logo, a volta e retomada dos territórios não tem o caráter de “remoção” destes indígenas como se fossem estorvo e “enfeiassem” as cidades. Demonstra clara e inequívoca contestação ao dito “lugar de índio é na mata” e repõe a verdade de que “os povos indígenas no Estado do Acre estão quase que no abandono total e a maior prova disso é a não demarcação das terras” (PADILHA, 2012).

Assim, a retomada dos territórios passa a ser questão de justiça e de direito adquiridos na carta maior de nosso país desde 1988. Este ponto é vital para o enfrentamento da questão dos indígenas Jaminawa e é desta compreensão que inverte completamente a lógica adotada e defendida pelo governo do Estado, que nasce e se fundamenta todo o processo de retorno dos Jaminawa para seus territórios tradicionais.

Os territórios Jaminawa são anteriores mesmo ao próprio Estado do Acre. Deste ponto podemos dizer que não foram os Jaminawa que “invadi-

ram” as cidades, mas exatamente o contrário: as cidades e os não índios é que invadiram os territórios Jaminawa. Então, para que a história seja contada como realmente foi, temos que admitir que os Jaminawa foram no fundo, e ainda são, saqueados em seus territórios e desapropriados. Reconquistar os territórios é reescrever a história e recobrar a dignidade de povo livre, auto-determinado.

Em 2011, foi realizado pelos próprios indígenas, sob a coordenação de Rosenilda Nunes Padilha, um levantamento sobre quantos eram e como viviam os indígenas vivendo em espaços urbanos nos municípios de Rio Branco e Sena Madureira. Este levantamento foi essencial por dois aspectos básicos: primeiro porque foi concebido e construído com os indígenas, onde eles mesmos foram os “recenseadores”; depois porque, ao analisarem sua própria realidade, foram, em larga medida, afetados e impelidos à busca de alternativas.

Uma conclusão muito importante a que os índios chegaram ao analisarem sua realidade foi a de que a história havia sido deturpada, conforme indicou Padilha (2012):

Aparece então, como discurso do indigenismo oficial uma divisão do tempo, grosso modo distribuído assim: Tempo das malocas; Tempo das correrias; Tempo do cativo e Tempo dos direitos, até os dias de hoje. “Esse novo tempo não só tem sido marcado pelo avanço nos processos de reconhecimento e regularização das terras indígenas e conquista da autonomia da comercialização, mas também pela capacitação dos professores bilíngues, agentes de saúde, agentes agroflorestais, constituição e legitimação de diferentes organizações do movimento indígena.” (Adaptado de Índios no Acre - História e Organização. CPI/AC, 2002).

O questionamento desta divisão arbitrária da história indígena no Acre e, em certo sentido no Brasil, possibilitou aos indígenas a percepção clara de que, mais uma vez, a história estava sendo apropriada pelos vitoriosos e contada de forma linear favorecendo a narrativa do capital e do estado. De onde os indígenas perceberam e escreve Padilha (2012):

Essa divisão da história tem por finalidade justamente neutralizar as mobilizações e as lutas por direitos. Se no tempo do direito todos os direitos já foram conquistados, então por que lutar? No tempo dos direitos chegam mesmo a anunciar o “tempo do governo dos Índios (...)”. Longe de estarmos no tempo dos direitos e menos ainda do tempo do governo dos índios, os povos indígenas continuam

marginalizados e desrespeitados em todas as formas, o que passaremos a demonstrar agora numa análise rápida da atual situação no que se refere a direitos essenciais e básicos como Saúde, Movimento Indígena e Terra e Usufruto (PA-DILHA, Lindomar Dias.et.al. Dossiê Acre: O Acre que os Mercadores da Natureza escondem CIMI, DF, 2012).

Se a história estava sendo escrita para favorecer o capital e o Estado, deveríamos reescrever a história de forma a favorecer os povos. Esta percepção, então, foi o ponto de partida, não o fim em si, mas uma nova forma de olhar para a realidade e se propor a construir outro futuro. Futuro que não mais seria definido apenas pelos donos do poder e capital, mas pelos próprios povos indígenas. Os Jaminawa retomam sua própria história e começam a romper o círculo de submissão involuntária. Os tempos embora não sejam de direitos respeitados, são tempos de construção de futuro. Tempos de ruptura e tempos de retomada dos territórios e, com eles, a autoestima e dignidade de povo.

Com o retorno dos Jaminawa aos seus territórios, assistimos a um dos mais belos capítulos da história do indigenismo no Estado do Acre. Os Jaminawa passaram de problema para modelo e exemplo. Está em curso uma verdadeira revolução, uma insurgência alegre e festiva na certeza de um amanhã, apesar destas noites escuras.

MITOS DO POVO JAMINAWA

NU AWESKASH KUSHUITE VITIRUME

CARLITO JAMINAWA EXPLICA SOBRE
COMO SE FORMA UM PAJÉ

Carlito Jaminawa

Quando a pessoa quer se tornar pajé, procura um pajé para se curar e se sentir mais firme na presença da força da cura. Depois da cura, a pessoa deve buscar um lugar onde estão tomando cipó e cantando na língua. Ali, no sono, você sonha. Uma pessoa que realmente conhece o espírito da cura vai te ensinando, no sonho.

De repente, pode aparecer uma menina bem bonita; é a força espiritual do cipó. Ela, a menina, fica te falando muitas coisas e vai te contando todos os segredos do espiritual. Isso acontece no sono. Ela é uma cobra cheia de cordões e pinturas pelo corpo. É muito bonita mesmo. Você escuta pessoas falando do espiritual e da cura. Você fica em dúvida: - Será que é verdade? Será que estou entendendo? Aí, você acorda e fica pensando: - Será que é isso mesmo o que eu vi? Então, a gente corre atrás do pajé para tirar dúvida.

Perguntamos a ele sobre o que ouviu no sono. Aí, o pajé vai explicar: “ele falou da cura, da doença...” Aquilo que você escutou é tudo espiritual, é a força do pajé. Então, se a pessoa quiser ser pajé, o pajé pede para a pessoa chupar língua de cobra viva. É uma prova para entrar no mundo espiritual. Mas, primeiro, a pessoa tem que pegar ferrada de caba, ferrada de taxi, (espécie de formiga pequena que ao picar sofre fortes dores) fazer uma dieta rigorosa, não pode chegar perto da família, mulher ou filhos... Não pode “txuta” (fazer sexo por longos meses). A dieta é muito importante. Não pode comer nenhum tipo de comida, apenas o que o pajé orientar. Aí, tudo o que passou no sonho dele, ele fica pensando: - Poxa vida, se eu voltasse a sonhar de novo esse sonho... Ele dorme e tenta sonhar de novo o mesmo sonho, mas não consegue mais.

Aí, depois a pessoa vai de novo ao lugar onde os pajés estão tomando o “shuri” (chá alucinógeno utilizado nos rituais, conhecido como Ayahuasca) para fazer um teste e ver se ele é pajé mesmo e se entende o que está sendo tratado no meio deles. A primeira coisa que a pessoa escuta é o que ela escutou no primeiro sonho.

E tudo o que o pajé estiver falando, a pessoa também vai entendendo tudo. É como se a pessoa tivesse conseguido passar por todos os passos. Não conseguimos nunca mais esquecer isso; a gente morre com toda a sabedoria do mundo espiritual do pajé. Isso é verdadeiro e existe mesmo na cultura Jaminawa. A formação vem de quatro linhagens, a primeira vem da cobra

Sucuri. A segunda vem da Jiboia, que conseguiu “txuta” (fazer sexo) com a mulher. E uma terceira linhagem é da cobra “Runê”. A Quarta linhagem é da cobra “Axiuka”, que vive trepada e fortifica o poder.

Depois que encontrar com espírito das cobras o pajé fica com muitos poderes. Era a cobra que passou todas as informações. Qualquer uma dessas cobras, você tem que matar, chupar e comer um pedaço da língua dela. À noite tem que tomar muito cipó até vomitar e jogar a língua para fora. Isso é feito na mata, fora da comunidade. Não pode ter contato com ninguém, somente com o pajé. Deve seguir todas as normas que o pajé estabelecer.

Outro teste é do “daida” (caba do céu) joga o ninho no chão, deve levar muitas ferradas até desmaiar. Quando você acorda já nos braços do pajé. Fica uma semana deitado, fazendo a cura e tomando o cipó.

Conforme a sua melhora vai aumentando a dosagem do cipó de vários tipos. Em seguida vem o teste do taxi, que não pode estourar nenhuma ferida que ficar no seu corpo da ferrada. E por último vem o teste da tucandeira. Somente o pajé sabe a dosagem que cada um pode tomar. Não existe curso de pajé.

Para se tornar um pajé, você segue vários caminhos, para fazer o bem ou fazer o mal. É impossível formar o pajé novo, demora muitos anos. Nós não aguentamos formar novos pajés, porque hoje se come a galinha do homem branco, come açúcar, come carne de boi. Aí o corpo está fraco, não aguenta fazer todas as dietas.

Nos últimos anos, o pajé Carlito tentou formar cinco jovens, apenas um aprendeu muita coisa, cantos, remédios. Os outros todos foram desistindo. A dieta é muito forte, o problema que ocorreu foi que, antes de terminar a formação, o nosso pajé morreu aos 91 anos de idade. Aí fica complicado, porque sem pajé nós não temos como dar continuidade às nossas curas (Entrevista de Zé Correia em 20.07.2018).

ÛWA KARA YUXIVU

HISTÓRIA DE UM ÍNDIO PODEROSO

Júlio Jaminawa

“Veruyux”i (espírito gerado de uma mulher), porém essa mulher nunca tinha “txutadu” (feito sexo com alguém). Certo dia o menino falou do ventre da mãe, vamos visitar nosso tio.

- A mãe falou, vamos filho. E o garoto falou - existem dois caminhos um cheio de pena de Arara e o outro de pena de Jacamim. Quando sua mãe no caminho perguntou, - em que caminho vamos entrar? Aí o menino não respondeu. Então a mãe entrou no caminho vermelho, o de pena de Arara. O sinal vermelho desse caminho indicava que as pessoas se alimentavam de carne humana. Quando avistou a aldeia o menino gritou: - mãe, por que você pegou esse caminho?

- Eles comem humanos.

É tarde, vou chegar até lá, já estão me vendo. Os homens estavam trabalhando e as mulheres que estavam na aldeia, visitante novo, vêm “txai”, (amigo) todos ficaram alegres. - Eu tenho muito piolho na cabeça, vem catar o meu piolho. Um garoto correu para avisar a todos os homens que tinha chegado uma mulher grávida - eu não acredito que vamos ter carne fresca. Quando os homens chegaram, mataram a mulher e comeram. Tiraram a criança da barriga e deixaram jogada. Uma mulher escutou a criança chorando e falou ao seu esposo, - marido, mataram uma mulher e a criança está chorando, vamos buscar para nós criarmos.

Eles foram buscar a criança e cuidaram, foi crescendo, começou a andar. O pai falou, - olha não deixa essa criança sair para lugar nenhum, podem matar para se alimentar da carne dele. O pai fez uma flechinha para a criança. O pai foi caçar e a criança desapareceu, a mãe ficou desesperada procurando. E aí o menino apareceu com toda qualidade de peixe, de todos os tamanhos. Ele transformava folhas em peixes.

Então o menino disse, - foi aqui que mataram a minha mãe? Ele começou a se vingar e matar as pessoas. Ele começou a sair com os caçadores, chegava à mata, matava os homens. Certa vez fizeram uma festa grande na aldeia, pediu para que fosse levada a festa. O menino falou - mãe, vamos matar todos os homens, depois é fácil matar as mulheres.

Fizeram muita flecha para matar o garoto, os pais pediram para fugir para a mata. Fizeram uma fila para matar a criança. Todos chegaram para matar, então o menino se levantou, começou a flechar toda aldeia que comia gente. Quero saber onde deixaram os ossos de minha mãe?

- Foi aqui, ele pegou os ossos e saiu um tamanduá bandeira. Isso aqui não é osso de minha mãe.

- E aí foi procurar os ossos da mãe dele, então, trouxe sua mãe de volta e foi morar na aldeia de seu tio. E lá começou a se reproduzir outro povo.

DIWU YUXIWAVE YUXI SHEREVU PIDIVU

MAPINGUARI QUE FOI COMIDO
PELO ESPÍRITO DA SUMAÚMA

Carlito Jaminawa

Um homem pelou a cabeça dele porque seu filho tinha morrido. A mulher dele falou: - nós pelamos a cabeça porque nosso filho morreu. Agora, não tem nada para comer; então, vai caçar e vê se tu matas pelo menos um nambu-galinha (espécie de galinha que canta). Ele saiu para caçar, andou, andou, e chegou ao lugar onde ele tinha pelado a cabeça. Aí, ele passou rodeando um pé de sumaúma onde vivia um espírito mau, era a alma da sumaúma. A alma da sumaúma comia gente que chegava perto da árvore. Ela já tinha pegado muitas pessoas para se alimentar. Quando ele passou aquela árvore, já longe, muito longe, ele se encontrou com o Mapinguari. (O Mapinguari que está presente na memória dos indígenas Jaminawa, um bicho grande de um olho no meio da testa, umbigo na barriga e pés para trás que habita no interior da mata).

O Mapinguari vinha gritando. Ele pensou: - aqui não tem ninguém, eu estou muito longe e estou só; será que é Mapinguari mesmo? Então, ele viu que era um Mapinguari de verdade e fugiu. Foi correndo, às carreiras e em desespero, rumo à mata. Ele corria com muito medo, mas o Mapinguari vinha atrás e se aproximava dele. Ele tinha muito medo do Mapinguari, mas, na hora da correria, ele passou de novo bem perto da sumaúma, sem sentir medo dela.

Quando o homem passou debaixo da sumaúma, viu o espírito da árvore dependurado em um galho, de cabeça pra baixo. Ele vinha ligeiro, então, o bicho tentou agarrá-lo pela cabeça, mas como ele estava careca, com a cabeça pelada, conseguiu escapar e só ficou com umas unhas na cabeça.

O homem continuou correndo e o Mapinguari vinha atrás, tentando agarrá-lo. Cada vez mais, o Mapinguari se aproximava dele. Aí, quando ele passou a sumaúma, resolveu parar e ver se o Mapinguari escapava da alma da sumaúma...Pensou: - Meu Deus, quase que eu ia ser comido pela alma da sumaúma! Ele escutou a gritaria quando o Mapinguari chegou perto da sumaúma e foi agarrado pelo bicho. O choro dos dois parecia como um pau prensado que faz um barulho feio quando venta.

A zoadá dos dois ficava cada vez mais alta, já que o bicho levou o Mapinguari para os galhos da sumaúma. Ele gritava e ia cada vez mais para o alto, agarrado pelo bicho. Então, ele foi comido pelo bicho lá em cima da árvore.

O Mapinguari gritou o tempo todo e só parou de gritar quando acabou de ser comido pela alma daquela sumaúma. E quando o homem chegou à aldeia, contou o que tinha acontecido: que o Mapinguari tinha sido comido pela alma da sumaúma. Então, ele falou para os parentes: - nós não podemos ir lá olhar a sumaúma porque podemos ser comidos também. Então a Sumaúma é respeitada por todos os Jaminawa. Essa árvore tem o poder de seduzir as pessoas se perder na mata.

AVI PIDI

HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE SE ALIMENTAVA DE SERES HUMANOS

Carlito Jaminawa

Havia um homem que ia para o mato caçar, mas ninguém conhecia a vida dele, como ele era. Ele fingia que saía para caçar, mas na verdade ele não ia caçar, saía para se alimentar do seu próprio corpo. Ele cortava pedaços dos seus músculos, da sua carne, e comia. Além disso, era todo aleijado. Muitas vezes, chegava da caçada e dizia que tinha se cortado com o terçado. Mas, ninguém sabia nada da vida dele. Depois de um tempo, ele convidou a família para ir caçar na mata. Ele chamou as mulheres e disse: - Mulheres vão sair para a gente caçar na mata e ver se a gente pega pelo menos uma piaba. Eu achei um local onde tem muita piaba e gostaria que vocês fossem comigo. Eu só vim buscar vocês.

Ele tinha quatro filhos, que o acompanharam. Um ainda era pequeno e andava nos braços do pai; os outros três foram caminhando, caminhando. Na verdade, ele era casado com duas mulheres, que eram duas irmãs. A mulher que foi com ele para a mata era a mais velha, com quem ele tinha quatro filhos. A outra, mais nova, estava grávida e ficou em casa. Depois de muito caminhar, ele chegou muito longe, em um lugar aonde sempre ia, e fez uma casa grande de palha para ficar com a família. Quando terminou de fazer a casa, ele disse para a mulher:

- Mulher! Vou tirar lenha porque à noite vai fazer muito frio. Aí, ele escolheu a melhor lenha que havia. Perto da casa, ele começou a tirar a lenha, que ia carregando para a casa. Ele estava juntando muita lenha e a mulher dele falou para ele: - Já está ficando tarde demais, você está tirando muita lenha; eu já cozinhei macaxeira, então, para de fazer essa lenha e vai dar uma pescada. - Vê se você pega pelo menos um bodó para a gente jantar.

- Com raiva, ele se virou para a mulher e falou: - Como é que não vamos jantar nada, se é você que vai ser meu jantar? Em seguida, agarrou um machado e deu um golpe na cabeça da mulher, tão forte que a matou. Quando ela caiu, os filhos vieram correndo, chorando e gritando dois deles perguntaram:

- Pai, o que o senhor está fazendo? Ao ouvir isso, ele pegou o machado e matou os três filhos maiores. Quando terminou de matar os três mais velhos, pegou o mais novo e o matou também, jogando a criança no chão. No momento da matança, dizia: - Vocês acham que são meus filhos? Depois

que todos estavam mortos, ficou contente porque viu que a mulher tinha cozinhado muita macaxeira. E pensou: - agora tenho mistura para comer com a macaxeira. Ele moqueou (assou) a carne dos quatro e passou bastante tempo comendo essa carne, misturada com a macaxeira. Quando a carne acabou, ele pensou: - agora vou buscar a outra: a buchuda. Para comer ela e a criancinha, que já deve estar com a carne bem macia para comer. Eu vou enganar ela e trazer para cá. Vou dizer que a irmã dela mandou um recado para ela vir aqui.

-Aí, vou matar e comer ela. Ele limpou o local com muito cuidado. Quando estava limpando o local, juntou todos os ossos que estavam espalhados para que a outra irmã não desconfiasse de nada quando chegasse. Aí, pegou os ossos e guardou dentro de um paneiro feito de palha.

Havia um igarapé perto deste local, onde ficava o tronco de uma árvore, e dentro deste tronco, ele escondeu os ossos. Depois que ele fez isso, foi pescar. Ele conseguiu três piabas, que assou. Antes de assar, enrolou as três em folhas de bananeira. Em seguida, pegou a comida que ia levar para enganar a mulher e pensou: - agora, vou buscar a outra mulher. Vou falar com ela que foi a irmã dela que mandou esse peixe e que me pediu para buscar ela.

Quando ia caminhando para buscar a mulher, o homem ia pensando: eu vou buscar essa outra para comer ela também. Chegando lá, falou para ela: - eu vim aqui porque sua irmã mandou recado para eu vir te buscar e te levar com muito cuidado porque você está “buchuda” (grávida).

A família dela ficou muito feliz com a chegada dele. Muito contente, a mulher preparou pamonha (bolo feito com milho) e ajeitou suas coisas para a partida. Ele apressou a mulher para que partissem naquele mesmo dia. E ela falou: - então, vamos, porque minha irmã ficou sozinha com meus sobrinhos e tem muita onça na mata. Ele disse: - Não se preocupe porque antes de sair, eu deixei tudo com cuidado lá. Não se preocupe. Eu deixei muita comida e ninguém está passando fome lá. Os dois vieram caminhando, quando ela estava cansada de tanto caminhar, eles chegaram ao local onde ele tinha matado a outra família. Lá, ele disse: - é aqui onde eu acampeei quando viajei com sua irmã. Mas, na verdade, era o local onde ele tinha matado a outra mulher e os filhos.

A mulher disse: - está muito cedo; porque não continuamos a viagem? Ele respondeu: - daqui para a gente chegar onde está à outra casa é muito longe, onde está sua irmã e os sobrinhos. Não conseguimos chegar hoje. Aqui, neste lugar, a sua irmã disse que temos que ficar. Não dá para fazer a viagem no mesmo dia então é para a gente dormir aqui. Mas, a mulher insistia: - está cedo, vamos caminhar mais para chegar lá. Ele então falou: - você não pode me apressar; vamos ter que dormir aqui. E naquele local, novamente, foi tirar lenha. Antes falou como tinha falado com a irmã mais velha: - vou buscar lenha porque vai fazer frio esta noite. A mulher começou a preparar macaxeira,

como sua irmã também tinha feito antes de morrer. Depois disso, ela deixou a panela no fogo com a macaxeira cozinhando e foi tomar um banho.

No igarapé, ela viu um tronco de uma árvore caído. Ela tirou suas roupas e mergulhou nua no igarapé. Assim que ela entrou na água, pensou: - vou ver se pego pelo menos um “bodó” (espécie de peixe) para jantar.

Ela pegou um bodó e deixou em cima do tronco caído que estava no igarapé. Na verdade, havia muito bodó ali por causa dos ossos das quatro pessoas, que eles tentavam roer. O peixe maior se aproximou do local onde estavam os ossos. Ela tentou agarrar o bodó grande, então, encontrou o peneiro e se assustou. Para tirar sua dúvida, ela tocou de novo no peneiro, buscando saber o que tinha dentro. Dentro do peneiro, viu que estavam os ossos da cabeça e do corpo dos sobrinhos e da irmã.

Aí, sentiu muito medo e pensou: - esse bicho velho comeu minha irmã e meus sobrinhos, vai tentar me comer também, eu vou morrer. Na mesma hora, tirou o peneiro do tronco e deixou fora da água, na terra. Então, para fugir do marido e ver o que ele ia fazer, ela subiu em uma árvore e ficou lá em cima, escondida, espiando. Antes de subir, pensou: - se eu ficar aqui embaixo, ele vai me matar.

Vou subir numa árvore porque vai ficar difícil ele me achar. Então, o homem percebeu sua ausência e começou a chamar: - Mulher vem logo! Onde você está? A macaxeira está no fogo queimando. Sem resposta, ele insistia: - você está onde? A macaxeira está queimando, vem logo. Depois, ele falou baixinho, pensando sozinho: - Será que ela encontrou os ossos da irmã? Eu vou ver se ainda estão lá no igarapé trepada em cima da árvore, a mulher escutou ele falar isso e ficou com mais medo. E ele foi até o igarapé, onde encontrou os ossos na areia, fora do tronco onde ele tinha escondido.

Ele pensou: - Ah, então ela achou os ossos da irmã dela. Para eu poder ir atrás dela, acho que ela está longe porque faz horas que saiu, e com certeza deve estar quase chegando à casa da sua família. Atrás das árvores, ela escutava tudo. Ele se lamentava, falando sozinho em voz alta: - eu fui besta, devia ter matado antes de tirar a lenha. Depois, agarrou o bodó que a mulher tinha pegado no igarapé e levou para assar.

Ele comeu todos os peixes, assados, e olhou para sua própria canela. Então, com uma faca, cortou um pedaço de carne de sua perna e assou. Assando, via a gordura de sua própria carne pegando fogo. E pensava: - Ah, estou muito gordo. E continuava comendo sua própria canela assada. Depois que terminou, deu vontade nele de assar um pedaço da coxa. Mas, quando tentou cortar sua coxa para comer, se deu mal porque a faca cortou uma veia. Ele caiu para trás e ficou no chão, gritando de dor e pedindo socorro. Enquanto isso, a mulher pensava: - será que é verdade ou é mentira dele para me pegar? - mas o sangue saiu mesmo, de verdade.

A mulher viu o sangue derramando e viu que era verdade. Ele continuava no chão, urinando e gritando de dor. Ela desceu bem rápido da árvore e chegou à frente dele. Então, ele perguntou: - mulher, você estava onde?

Aí, olhou para ele e disse: - olha só, ele ainda está me chamando de mulher. E ele pedia: - mulher, não me mate. Então, ela pegou o machado, pensando que ele tinha matado sua irmã e sobrinhos, e com toda a raiva que tinha naquele momento, o matou. Depois disso, jogou o corpo no fogo, colocou mais lenha em cima, e voltou para casa chorando, muito triste.

De longe, sua família escutava os gritos e se perguntava entre si: - será que aconteceu alguma coisa com nossas irmãs e sobrinhos? Eles pegaram suas flechas e arcos e foram na direção de onde estava a mulher. E perguntaram o que havia acontecido. Ela respondeu: - aquele bicho velho comeu nossa irmã e sobrinhos e queria me comer. Com muita raiva, seus irmãos perguntaram onde ele estava porque queriam matá-lo. A mulher respondeu: - agora, não tem jeito porque eu já o matei. Quando seus irmãos e irmãs chegaram ao local onde o corpo tinha ficado queimando, não encontraram nada porque as chamas tinham consumido tudo.

YUXIVAVE PIKI RAXKI DIVU

HISTÓRIA DO HOMEM QUE FOI AO ENCONTRO DA FAMÍLIA

Carlito Jaminawa

De manhã, o marido acordou e chamou sua esposa. Disse: - mulher levante-se e venha cortar meu cabelo. Eu estou indo encontrar meu cunhado e minha irmã, que moram muito longe daqui. Os antepassados viviam assim. Como só visitavam a família depois que pelavam a cabeça, fazia muito tempo que não se viam. Então, o marido pediu que a mulher pelasse sua cabeça para que ele fosse visitar a irmã e o cunhado. Mas, quando ele disse: - Mulher estou indo, a mulher começou a chorar.

Ele respondeu: - Mulher, eu estou indo sozinho para visitar a minha irmã. Não se preocupe porque ninguém vai te matar aqui.

Ele foi caminhando e chegou ao local onde haviam acontecido muitas mortes. Era uma aldeia onde não vivia ninguém. E passou por um pé de árvore chamado “aguano” (madeira de lei da Amazônia). E debaixo da árvore grande, achou um jabuti. Nesse local, estavam as almas das pessoas que tinham morrido. Quem dormisse lá nunca voltava porque as almas das pessoas mortas matavam quem chegasse lá. Ele chegou já bem tarde da noite e pensou: - vou ficar aqui porque não dá para seguir a viagem. Então, ficou lá mesmo. Neste local, não viviam pessoas vivas, mas tinha panelas feitas de barro e casas velhas.

E lá tinha muitas sumaúmas também. Tinha também outras plantas, que tinham sido plantadas pelas pessoas que estavam mortas. Foi ali que ele preparou sua janta. Primeiro, matou um jabuti, depois, acendeu o fogo. O jabuti estava cheio de ovos, e pensou: - Eu vou aprontar logo os ovos para comer porque é mais rápido, e depois eu preparo a carne. E usou as panelas de barro que estavam no local para cozinhar os ovos. E cozinhou o fígado do jabuti junto com os ovos. Depois, tirou a comida do fogo e se serviu, enquanto comia, a comida acabou rapidamente.

Ele não percebeu logo que as almas também estavam comendo sua comida. Mas, depois se deu conta que a comida estava acabando. E pensou: - acho que aqui tem alma comendo junto comigo. Aí, para tirar a dúvida, pensou: - eu vou cozinhar a carne agora, e foi preparar a carne. Mas quando estava preparando a carne, a comida foi acabando. E não comeu nada.

Ele viu isso e pensou: - eu não comi toda essa carne. Que almas gulosas! E ficou com raiva. Ele pegou lenha cheia de brasa de fogo e jogou essa

lenha que estava queimando para todo lado. Quando pegava a lenha e jogava, as almas ficaram rindo dele e achando graça no que estava fazendo porque o fogo não queimava nenhuma alma porque todos estavam mortos.

As almas falaram: - vamos pegar ele. Então, pegou sua flecha e se escondeu no teto da casa, onde geralmente se guardam várias coisas. As almas tentaram agarrar o pé dele e quase conseguiram, mas não pegaram. Elas ficaram perguntando: - onde ele se meteu? Será que fugiu? Ele ficou escutando a conversa delas. Tinham chegado várias almas àquele local. Uma delas disse: - eu avisei vocês, mas vocês queriam comer com ele primeiro. Tinham que ter matado ele e depois comido o jabuti. Em nenhum momento, as almas perceberam que ele estava ali. Se fossem pessoas vivas, tinham procurado e encontrado o local onde ele estava escondido. Mas era muito burras, e pensou: - Então, elas pararam de procurar e começaram a fazer festa.

Ele escutava a conversa das almas e via como elas gritavam e dançavam como se tivessem vida. Outra alma chamava pela sua mãe e seu pai: - mãe vem aqui que o pai trouxe um macaco. As almas também namoravam “txutavam” (faziam sexo), e ouvia tudo o que elas faziam. Elas faziam tudo exatamente do mesmo jeito de quando estavam vivas. Outras almas batiam em suas mulheres e também cantavam na língua. Também comemoravam da forma tradicional e tomavam “shuri”, (chá).

Por volta das três horas da manhã, elas foram parando... O dia vinha chegando e as almas foram embora. Quando o dia estava bem claro, ele saiu do esconderijo e perguntou: - para onde foram as almas gulosas? Sumiram todinhas... Quase que as almas me comiam!. Depois, pensou: - vou seguir minha viagem. E chegou à aldeia onde morava seu cunhado. O cunhado, que tinha acabado de chegar de uma caçada, ficou muito alegre quando o viu.

O cunhado tinha matado um macaco. De tão felizes, a irmã e o cunhado choraram quando ele chegou. Os restos dos parentes também ficaram felizes. Eles perguntavam: - quem chegou? - É meu cunhado! Respondeu o cunhado dele. O homem foi muito bem recebido por todos. Nesta aldeia havia uma árvore bem alta, onde vivia um mutum. Quando a aldeia recebia outros parentes de visita, era costume levar as visitas para este local para que tentassem flechar o mutum. Quem acertasse, ganhava uma menina. Mas, ninguém tinha acertado ainda o mutum, apesar de que muitos já tinham tentado flechar o animal em outros tempos. Ele perguntou para sua irmã: - o que eles estão fazendo? Ela disse: - esse é um animal bem grande, mas ninguém nunca o acertou. Mas todos têm que tentar porque é ordem do cacique. Então, o pajé da aldeia falou para ele: se você acertar, ganha duas meninas.

Então, ele acertou o mutum e ganhou as duas meninas. Porém, as meninas queriam que ele ficasse naquela aldeia com elas. Mas, ele disse que não, porque tinha esposa e filhos em outro lugar. Então, voltou para sua aldeia

e contou tudo o que tinha acontecido que as almas tinham tentado mata-lo. Quando fez a viagem de volta para sua aldeia, levou a irmã e o cunhado.

Nós Jaminawa, temos um ritual que é assim, quando faz tempo que a gente não vê um parente, a gente faz o ritual do choro, lamenta todo o tempo que fica distante, se joga no chão, amaciando os pés, contando tudo chorando em forma de lamento, tudo o que aconteceu com o povo.

KAPETÂWANE ATU PUKEBADI

HISTÓRIA DO JACARÉ

Carlito Jaminawa

Havia um rio bem grande aí nesta região, do outro lado do rio, moravam vários povos. Um dia, aconteceu uma reunião e eles combinaram: - A gente já vive há muitos anos neste lado do rio, já é hora de ir morar no outro lado. Precisamos atravessar para morar no outro lado do rio. Agora, nós vamos tirar um tempo para fazer uma caçada. Na caçada, eles mataram anta, veado, porquinho... Mataram todos os tipos de animais que vivem na floresta, e levaram para a viagem. - Nós vamos precisar destes alimentos para atravessar o rio porque neste rio tem um jacaré muito grande, disse uma pessoa. Eles queriam que o jacaré servisse de ponte para a travessia, enquanto o jacaré estivesse comendo, eles podiam atravessar passando pelas costas do animal, que serviria de ponte para eles.

Então, eles chegaram à beira do rio e o jacaré apareceu boiando. Algumas pessoas jogaram alimentos para ele. Alguém disse: - gente, podemos passar enquanto estiver comendo, porque não vai comer a gente, mas vamos rápido porque a comida está acabando. Então, todos começaram a atravessar passando pelas costas do jacaré. Enquanto ele comia, alguns passavam correndo, outros pulando.

Pouco depois, a comida acabou e o jacaré começou a afundar. Neste momento, eles foram divididos em dois grupos porque uma parte conseguiu atravessar e outra parte ficou no mesmo lado do rio. Entre os povos que tinham conseguido atravessar, estava a mulher da anta com os filhos. O marido dela tinha ficado no mesmo lado do rio porque tinha ido caçar e não tinha voltado quando sua mulher fez a travessia. Quando a anta chegou da caçada, ficou muito triste quando contaram que sua família tinha conseguido atravessar o rio.

Ele quis fazer a travessia, mas um parente disse: - não vai, não, porque tem um jacaré bem grande no rio. Mas, resolveu arriscar: - eu vou, sim, porque minha família está do outro lado. Ele tinha muita saudade da família. Quando chegou à beira do rio, os povos que tinham ficado chegaram perto dele e falaram para não atravessar porque podia morrer.

Mas estava decidido a viajar. Quando entrou na água, todos ficaram observando... A anta foi atravessando e chegou ao meio do rio, quando foi puxada pelo jacaré. Os povos que tinham ficado falaram: - nós avisamos, mas ele quis atravessar o rio, e agora, o jacaré o pegou. Todos estavam esperando que o corpo da anta aparecesse boiando. Mas então, eles viram quando apare-

ceu o fígado do jacaré boiando... é que, com o peso do seu corpo, a anta tinha pisado na barriga do jacaré com força e acabou matando o animal. Então, a anta terminou de atravessar e chegou ao outro lado do rio.

Mas, quando o jacaré morreu, o rio começou a secar porque, de tão grande, ele enchia a água. Então, eles foram caminhando em direção à cabeceira do rio para ver onde estava o lugar mais raso para poderem atravessar. Aí, o restante dos povos conseguiu atravessar para o outro lado e se encontrou com os outros parentes. Os caciques fizeram uma reunião. E um deles disse: - hoje, nós vivemos todos juntos, mas a partir de agora, vamos nos dividir. E quem fizer a casa maior, será cacique do seu grupo. Então, os povos se espalharam, com seus caciques, e construíram suas aldeias separadas das outras. Uns ficaram mais próximos da margem do rio, outros foram indo rumo à cabeceira, enquanto outros avançaram para dentro da mata.

Daí se espalhou se dividiram cada um para seu lugar. Por isso, os Jaminawa são espalhados, tem Jaminawa em todo o canto.

KAPA YUXIWU

HISTÓRIA DAS DUAS MOÇAS QUE ENCANTARAM O QUATIPURU

Carlito Jaminawa

Duas moças saíram à procura de alimento, “*Shéu*” (coco da mata). Foram andando de repente passou um quatipuru na frente delas achando graça, elas falaram - esse quatipuru passa com barriga cheia, rindo e nós com a barriga seca. Ah! Se fosse homem para nos ajudar.

Elas andaram mais um pouco e encontraram um homem bem velho de cabelo amarrado em pé, então elas perguntaram: - quem é você? E ele respondeu:

- Sou eu, minhas primas, a mesma pessoa que vocês viram passar rindo, eu estava rindo por causa do meu roçado que estava estragando alimento. As moças então responderam: - Não era com você que estávamos falando, era com um quatipuru. - eu sou a mesma pessoa, eu sou o quatipuru, disse o homem.

O homem perguntou: - o que vocês vieram fazer? Eles responderam: - Viemos procurar “*Shéu*” para se alimentar de bicho que tem dentro dele, porque estamos sem alimento. - Prima vocês estão mentindo, há tanta comida estragando e vocês estão com fome, disse o quatipuru.

Estamos com fome, disse as moças. O quatipuru disse, fiquem aqui e me espere. Depois de um tempo ele chegou com bananas bem maduras e entregou para elas e disse: - vocês podem se alimentar à vontade. Então as moças falaram: - também estamos pensando em nossa mãe que está com fome em casa, vamos levar uma pra ela.

E o quatipuru respondeu: - podem se alimentar depois vamos levar outra para sua mãe. Elas comeram e encheram a barriga e ainda sobrou muita banana. - Nós estamos com fome, na verdade queremos nos alimentar de outras coisas; disseram as moças. Porque meus irmãos foram atrás do “*Kutá*” (pé de árvore grande que alimentava os indígenas). O quatipuru perguntou: - na verdade o que vocês querem ver? As duas moças responderam - queremos um lago cheio de peixe. Ele levou as duas moças. Ao chegar lá elas ficaram se lamentando porque não sabia como pegar os peixes.

O quatipuru então pediu que elas ficassem de costas para o lago e não olhassem para ele, então ele marcou três pontos no lago com uma vara e o quatipuru com sua sabedoria secou o lago. Quando secou o lago, foi possível ver vários peixes pulando no seco e uma cobra grande que ficou com raiva.

Então o quatipuru disse: - agora vocês escolhem o peixe que vocês quiserem, mas vocês não podem levar muito porque vão levar a banana também e não vão conseguir levar tudo. Então elas escolheram os peixes de melhor qualidade, curimatã pirambu e um bocado de jundiá (peixe pintado). Então novamente ele pediu que elas ficassem de costas para que ele com seu poder retornassem a água do lago e o lago voltou ao normal.

Então o quatipuru fez um paneiro de palha para levar os peixes. O quatipuru disse à moça mais velha: prima agora deixa sua irmã mais nova na frente que a gente vai depois. Depois disso o quatipuru teve um relacionamento com a irmã mais velha e eles se casaram. No caminho de volta, ao chegar ao local onde tinham comido banana, a irmã mais nova estava lá esperando.

E o quatipuru disse: - Agora vocês esperam que eu vá buscar banana. E as duas moças falaram: - Então você pega para a gente banana e macaxeira. E ele trouxe muita banana madura e muita macaxeira e ele as ajudou a levarem os alimentos.

O quatipuru levava banana, macaxeira e batata e as moças levavam os peixes. Desta vez ele falava para a irmã mais nova: diz para sua irmã mais velha ir à frente que nós vamos depois, e então ele se casou com a mais nova.

O quatipuru falou para as duas moças: - agora minhas primas para chegar a casa, vocês vão à frente que eu vou escutar o que a sogra vai falar com vocês. As duas moças disseram para ele: - Primo não tenha medo, a mãe não vai falar nada ela vai ficar muito contente e feliz. A mãe das moças que já estava comendo barro de tanta fome olhava para a direção que as filhas tinham ido. Quando as moças chegaram à casa trazendo banana madura, batata, macaxeira e peixes a mãe perguntou: - Minhas filhas onde vocês conseguiram tanta comida?

E elas disseram a sua mãe: - Não faça muita pergunta se alimente e depois a gente responde. E elas já foram cozinhar os peixes a macaxeira e enquanto elas preparavam o alimento a mãe perguntava de onde elas conseguiram tanto alimento. As moças disseram:

- Mãe nós encontramos com o primo na mata. E a mãe disse: - onde ele está? Vai buscar, vai logo atrás dele. As meninas disseram está em pé na mata com medo. E a mãe disse: - Vai buscá-lo. Elas então foram buscar, quando ele chegou foi logo comer com elas.

À tarde depois de se alimentar o quatipuru começou a perguntar: - Quem é que fez roçado aqui que só é capoeira? E as duas moças disseram, esse perto de casa foi meu pai que fez, esses encostados no roçado do meu pai, meus dois irmãos que fizeram e as outras mais distantes, os outros que fizeram o quatipuru perguntou: - Nesse perto de casa, o que era plantado? E elas responderam: - Essa roça perto de casa era de milho, dentro do roçado

de milho tinha misturado macaxeira e banana, isso já era noite e o quatipuru estava deitado com as duas irmãs uma do lado direito, outra do lado esquerdo, então ele saiu à noite e disse: - Espera que vou fazer xixi, mas, quando ele saía ele usava seu pensamento para transformar as coisas e estava fazendo o roçado, ele fez isso várias vezes e sempre dizia que ia sair para fazer xixi e sempre estava fazendo roçado.

Ele estava transformando aquele roçado como era antes com os mesmos alimentos que o pessoal tinha feito. Depois que ele já tinha plantado tudo pela manhã a sogra levantou para urinar e ela deu de cara com o milho e perguntou:

- O que é isso? As irmãs foram ver, e o roçado era cheio de milho, muita banana e muita macaxeira. Elas ficaram muito felizes ao ver o roçado como era antes. As duas moças saíram para quebrar o milho e fazer mingau e enquanto isso ele tirava lenha.

Depois disso ele levou as duas moças para caçar. E enquanto isso a sogra ficou em casa fazendo pamonha. Ele tinha matado dois macacos pretos, a vida dele, a partir dali, era sair para caçar com as duas mulheres. Uma vez que ele foi caçar a mais nova decidiu ficar com a mãe para ajudá-la, nesse mesmo dia quando saíram para caçar eles deixaram no caminho pamonha e quando o irmão que tinha saído para caçar chegou e viu muita comida, chegaram com fome e foram comendo e perguntando quem havia feito aquele roçado como tinham conseguido tanta comida. O pai das moças ao ver o roçado foi perguntar para a esposa e para a filha que estava em casa: - Quem é que fez tudo isso aqui? Sua esposa disse: - Quem mais poderia fazer isso? Foi nosso genro que casou com as duas filhas.

Quando o sogro soube que as duas filhas tinham se casado com o homem que fez tudo aquilo ficou muito feliz. Os outros parentes que gostavam das duas meninas quando souberam que elas tinham se casado ficaram com raiva. Então o marido das meninas chegou acompanhado de uma esposa às três horas da tarde trazendo sua caça.

Quando ele chegou perguntou aos homens que estavam lá: - Vocês já chegaram e os dois cunhados muito felizes responderam sim já chegamos, mas, os outros homens não falaram com ele. E toda a comunidade deixou de comer o “*kutú*” diante da fartura de alimento. Depois disso ninguém mais fazia roçado porque já tinham, eles apenas caçavam. Os homens que tinham ficado com raiva do quatipuru começaram a falar mal dos cunhados porque agora só o quatipuru trabalhava.

Os genros então falaram para o quatipuru estão falando mal da gente dizendo que agora só o genro trabalhava. Então o quatipuru saiu com os cunhados para fazer roçado. Chegando ao local o quatipuru falou para o cunhado você fica aqui que eu vou marcar, ele foi marcando e colocando fogo

no roçado em forma de sinal para marcar e o fogo vinha se aproximando do cunhado e ele se perguntava: - O que meu cunhado está fazendo?

- O cunhado foi teimoso e mexeu no fogo que o quatipuru tinha pedido para não mexer, e o fogo pegou muito rápido e o cunhado se queimou.

O quatipuru só não se queimou porque ele era muito rápido por ser um animal e conseguiu fugir do fogo e caiu na água e disse para o cunhado já queimado: - O que você fez? Eu pedi para não mexer. O quatipuru então saiu para caçar e deixou o cunhado morto lá onde o roçado queimou tudo não ficou nem pedaço de pau naquele roçado.

Na caçada o quatipuru matou dois macacos pretos e na volta ele vinha pegando um pedaço tala com a fruta da jarina; quando chegou onde o cunhado estava ainda havia um pedaço do cunhado que o fogo não tinha consumido. Ele pensou agora o que vou fazer com meu cunhado e falava sozinho, porque que você foi mexer eu falei para você não mexer. Com o material que ele havia trazido a tala e a fruta ele refez o cunhado como um boneco e ele se tornaram um ser humano novamente e renasceu. Ao renascer ele perguntou ao quatipuru: - cunhado o que aconteceu comigo. E o quatipuru respondeu: - você mexeu no fogo que não era para você mexer e você se queimou.

O quatipuru então recomendou ao cunhado, ao chegar a casa, fala para tua família que você estava com febre, não diz que você queimou. Era bem de manhãzinha o quatipuru pegou um caroço de milho um pedaço de macaxeira e falou para o cunhado. - Vamos deixar essa macaxeira e o milho e vamos caçar primeiro para depois plantar.

Eles mataram dois macacos. Na volta estava a família do quatipuru plantando para ele e o quatipuru disse ao cunhado: - Olha você não fala nada, aquele milho que nós deixamos e aquela macaxeira eles estão plantando, mas, você não fala nada. Então eles deixaram a família do quatipuru fazendo o roçado e foram embora. Depois de três meses o quatipuru chamou o cunhado para ver o roçado. Quando eles chegaram lá já era tempo de colher, havia banana, macaxeira e a família do quatipuru tinha feito uma casa grande no meio do roçado para eles. De manhã o quatipuru convidou toda a aldeia para tirar milho, e toda a aldeia ficou contente.

O povo foi na frente e o quatipuru falou para a esposa dele: - Fala para tua mãe quando chegar e não ficar admirada e não falar meu Deus! Como meu genro fez tudo isso!. Então a esposa disse para mãe quando chegar ficar calada. Perto da casa tinha um toco em pé queimado e ao chegar ali à mãe das moças disse: - Meu Deus como meu genro fez tudo isso! Ao dizer essas palavras a mãe das moças virou um gavião e ficou cantando em cima de um pau. E o quatipuru falou: - Meu Deus! Eu pedi para ela não falar nada.

Logo depois o quatipuru matou um calango e mostrou para o gavião que na mesma hora desceu e virou novamente uma mulher, e ela perguntou:

- O que aconteceu comigo minha filha? E a filha respondeu: - Você falou às palavras que não podia. E a mãe disse - Está bem minha filha. As pessoas estavam tirando lenha e pensando como ele sozinho fez tudo isso sozinho? Esse roçado é bem grande. A esposa mais nova estava se afastando do quatipuru e gostando de outro homem da aldeia, ela não ia mais caçar com ele.

O quatipuru que já tinha filho com a esposa mais velha chamou os filhos para caçar e disse a eles que a mãe deles ia junto, mas a tia não. E então eles foram caçar, ele deixou sua família na mata e voltou para vigiar sua esposa mais nova, ao chegar encontrou sua esposa com outro homem. Por três vezes o novo casal tentou “*txuta*”, (fazer sexo) mas, a sua rede caía, era o quatipuru que cortava os punhos da rede. Então eles fizeram uma cama de palha para “*txuta*” no chão, mas, quando eles iam tentar o quatipuru cortou o “*vuxkei*” (pênis) do rapaz, mas, eles não viram o quatipuru porque estava escuro, achava que era um morcego, o homem que tinha tido o “*vuxkei*” cortado morreu. Todos achavam que o morcego tinha matado ele.

O quatipuru voltou para onde estava a família, ele matou três macacos e deu dois para os filhos da mulher mais velha e ficou com um que era para trazer para a mulher mais nova. Esse macaco que era para a esposa mais nova ele misturou com o pênis do rapaz que morreu. Ao chegar o povo estava falando sobre o homem que havia morrido. Ele perguntou o que estava acontecendo, mas, ele já sabia e a esposa mais velha falou o teu sócio morreu. Então ele entregou o macaco para a esposa mais nova e disse a ela come e depois você fica com saudade. E ela comeu a carne do macaco que tinha se misturado ao “*vuxkei*” do homem e a esposa mais nova foi emagrecendo. E um dia quatipuru pediu para a esposa mais nova pegar água e ela ficou com preguiça. - E ele disse você está emagrecendo porque comeu o “*vuxkei*” do seu marido.

Então descobriram que quem matou o homem foi o quatipuru. E a família do rapaz que morreu ficou com raiva e quis matar o quatipuru e ele fugiu levando os dois filhos mais velhos e deixou o filho de colo com a mãe e ninguém nunca mais teve notícias do quatipuru. A esposa mais velha chorava de pena dele, mas, ele não podia voltar por medo que as pessoas da aldeia o matassem.

EDEMÊRA YUXI

HISTÓRIA DA MÃE DAS ÁGUAS

Ricardo Jaminawa

Existia uma mulher que nunca tinha filhos. Um homem saiu para caçar encontrou “*Wake*” (criança), chegou da caçada e falou para esposa, - vi “*Wake*”, de quem será? Alguém levou para lá, se não tiver dono, nós vamos criar, porque não temos filho. Foram buscar a criança para criar, era um menino. Essa criança era filho d’água, por isso crescia muito rápido. As crianças das aldeias sempre desapareciam, os pais choravam pensando que tinha morrido afogado. Essa criança, filho d’água, sabia que quem pegava as crianças, era o avô dele que pegava e matava as crianças. O que ele matava não tinha como trazer de volta, os que sobreviviam ele resgatava para aldeia. O menino ficou com raiva de seu avô, pois ele ia caçar com uma menina da aldeia quando seu avô a levou. O menino falou para seu avô – “*txata*”, (fazer sexo) se tu continuar fazendo isso, eu vou te matar, porque os pais ficam sofrendo na aldeia!.

O menino falou: - Eu vou lá ver, e mergulhou no fundo e viu que a menina estava morta. Voltou e avisou para os pais da menina que ela estava morta. Os pais não podiam fazer nada, por que não pertenciam a essa família d’água (clã). O menino ficou com raiva e foi para o igarapé pescar “*capiriba*” (curimatã). Pegou sua fecha começou a pescar pensando na menina. Começou a assobiar chamando o peixe, quando ele viu era o “*txata*” (avô) que vinha. Quando colocou a cabeça para fora d’água, flechou a cabeça de seu avô. Quando seu avô foi flechado, o sol escureceu e caiu a chuva forte, o dia e a noite.

Quando chovia caiu o “*txasnush*” (espécie de sapo), os parentes de seu avô ficaram com raiva e queriam matar todo o povo, pertencente à outra família (clã) que não era d’água. O “*txasnush*” pertence à família d’água. Quando mais “*txasnush*” chegava, água aumentava muito, de uma hora para outra. O povo da aldeia ficou com muito medo e gritavam - Por que está acontecendo isso? O menino falava, eles estão com raiva, ninguém sai, vamos ficar todos aqui. O menino foi dentro d’água olhar e viu que todo mundo estava se preparando para matar o povo da aldeia. E perguntou - Cadê o avô? O velho estava deitado com a flecha na testa. Ele arrancou a flecha. Seu avô não sabia quem tinha flechado. Ele só soube na hora em que o neto pisou e puxou a flecha de sua testa. Seu avô falou - se fosse outra pessoa eu ia matar você. E o menino falou - Eu avisei vó que era para parar de carregar criança.

O menino voltou para aldeia e falou que nada ia acontecer, tudo em paz. A água começou a secar. Passou muito tempo depois o menino foi visitar

seu “*txata*” (avô). E seu avô perguntou - Quem é esse rapaz que está vindo? Essa pessoa nova? Os outros falaram – “*txata*” fica quieto, você não vai fazer nada. Seu avô ficou quieto, escutou o conselho da família (clã).

Seu avô falou, - olha pede para tua família fazer outra morada bem longe daqui. Eles não podem morar perto de mim. Até hoje Jaminawa é assim, existem muitas famílias (clãs) que não pode morar perto do outro.

SHUBAWĀWE IWIDIVU

HISTÓRIA DA MENINA QUE FOI LEVADA PELA ALMA DA SUMAÚMA

Carlito Jaminawa

A família saiu para o roçado e a menina colocou um paneiro na cabeça e foi na frente, então a alma da Samaúma a viu sozinha e a carregou, eram dois homens. A mãe da menina então começou a procurar - Cadê minha filha? Saiu perguntando para os parentes, - Você viu minha filha? Todos diziam, - Não, ela não está aqui, procuraram por todo canto, procuravam rastro, mas, nada, sua família chorava.

Depois de muito tempo que ninguém conseguiu achar esqueceram a menina, ninguém se lembrava de mais dela. Às vezes alguns se lembravam e diziam, - foi algum bicho que carregou, mas, ninguém imaginava que era Sumaúma, uma irmã dela era casada com um rapaz chamado “*Txai kuxi evadi?*” (pessoa rápida e ligeira) ele era caçador e ninguém da aldeia era como ele, caçava mais longe. Um dia ele caçando escutou muito longe a menina chorando e cantando na língua, nas canções diziam, - meus irmãos venham me buscar, mas era muito longe aquele canto. O marido mais velho da menina (aquele que tinha carregado) estava esmigalhando tabaco e o mais novo estava deitado na rede e cantando e tocava flauta de taboca, então o caçador “*Txai kuxi evadi?*” que havia matado um macaco veio embora e chegou à casa meio dia, mas não contou a história.

O dia anoiteceu, e pela manhã ele chamou seus cunhados, eles então responderam, oi estamos ouvindo, o caçador perguntou então, o que aconteceu com a irmã de vocês? E eles não responderam nada. Depois disseram que não sabiam o que tinha acontecido. O caçador disse então, a irmã de vocês não morreu, não aconteceu nada, ela foi levada por dois maridos dela, mas, ela sente saudade de vocês, ela chora. Então os irmãos se revoltaram e falaram, fala para nós onde ela está? O caçador respondeu, ela está com dois maridos o mais velho esta esmigalhando tabaco e o mais novo está cantando e tocando flauta.

Os irmãos nos disseram vamos lá buscar ela e ficaram muito felizes. Porém o caçador disse vocês não vão conseguir chegar lá, é muito longe. Então eles pediram para a irmã fazer uma farinha de milho e betu para levar na caminhada e então foram na caminhada, enquanto eles andavam para chegar ao lugar que “*Txai kuxi evadi?*” ia até em casa e ainda voltava, pois era muito rápido, e quando encontrava os irmãos da menina ele dizia a irmã de vocês ainda está lá no mesmo lugar, mas pode andar.

Passou-se um mês caminhando e sempre o caçador passava por eles, e com um mês de caminhada “*Txai kuxi evadi*” disse a eles: - vocês estão na metade do caminho, mesma distância da casa é à distância da irmã de vocês. De manhã “*Txai kuxi evadi*” disse a sua mulher, vou ver se seus irmãos estão perto de chegar, mas ao encontrar com eles disse, falta uma semana para vocês chegarem onde está à irmã de vocês olha vocês não podem errar a flechada, porque se vocês deixarem um fugir vocês nunca vão trazer a irmã de vocês, tem que acertar para matar os dois.

Quando faltavam dois dias para chegar, os irmãos perguntaram ao caçador se faltava muito e ele disse, não vocês chegam amanhã, mas, vocês não podem errar vocês têm que matar os dois, porque se errar a irmã de vocês não volta mais.

Quando estavam bem próximos eles escutaram a menina chorando e de longe viram que o marido mais velho estava esmigalhando tabaco e o mais novo tocando flauta, e na flechada acertaram só o marido mais velho e o mais novo escapou, mas eles pegaram a irmã de volta, a pálpebra dela estava comprida, os seios também estavam compridos e o “*txixpe*” (Vagina) também estava comprido dos maridos puxarem.

Ela teve que levantar a pálpebra para enxergar e reconhecer os irmãos, então ela chorou por ver seus irmãos e eles a levaram de mãos dadas com ela. Então “*Txai kuxi evadi*” disse: - sinto muito, mas, vocês nunca vão levar a irmã de vocês, porque vocês não mataram os dois, só mataram o mais velho, vocês não podem dormir muito porque a qualquer hora ele pode vir buscar ela.

E enquanto um dormisse outro tinha que vigiar para que ele não viesse buscar ela. Quando faltava um dia para chegar à aldeia ninguém aguentava mais o sono, então todos cochilaram, e assim que todos dormiram o bicho a carregou de novo, então chegaram a casa chorando, então o caçador disse, - eu avisei que vocês nunca iriam conseguir trazer ela. Agora não tinha mais como alcançar onde ela está. Ao chegar da caça a uma da tarde “*Txai kuxi evadi*” disse aos irmãos agora vocês nunca mais vão alcançar onde ela está. E nunca mais conseguiram ver a irmã. Hoje a Sumaúma encanta qualquer Jaminawa.

AWAPA SHAWE TXUTADI

HISTÓRIA DO JABUTI E DA ANTA

Oscar Jaminawa



A anta andava na beira do lago, nadava no lago, viu seis porcos do mato “udu” (porco do mato). Esses seis porcos do mato acharam um jabuti e estavam “*txutando*” (fazendo sexo com o jabuti). A anta ficava só observando escondida.

Depois que o “*udu*” (porco) saiu à anta foi até o jabuti, e disse para ela, - prima vem aqui que eu quero “*txuta*” contigo também, e jabuti respondeu, - não primo não posso “*txutar*” contigo porque você tem “*vuxke?*” (pênis) muito grande e meus primos udus eu já estou acostumada.

A anta ficou insistindo e perguntando - Porque você ficou com os “*udus*”? O jabuti, por sua vez, respondia - Por que os “*udus*” são meus maridos. Então, anta “*txuta*” (fez sexo) com jabuti à força. Jabuti não queria, mas, a anta a jogou no chão, e o jabuti disse, - primo você vai ficar comigo, mas, com

muito cuidado, tem que ser devagarinho porque você é anta, Jabuti olhou para o “*vuxkei*” (pênis) da anta que era bem grande, e falava - Me pega devagar, com cuidado. E a anta dizia, - Mas, eu nem coloquei ainda! O jabuti falava, - Primo, eu não estou aguentando mais! - A anta dizia, - Você já está reclamando não está nem no começo.

O jabuti já estava morrendo e não conseguia mais falar. Estava engolindo cuspe quando o “*vuxkei*” (pênis) da anta varou e saiu pela boca do jabuti. Quando varou pela boca o jabuti mordeu, e a anta falou, - Não prima, não me morde eu vou tirar! A anta fazia cócegas no jabuti, mas ele não soltava e cada vez mordida mais a anta dizia:

- Morde não, prima eu vou tirar, prometo.

A anta olhava para seu “*vuxkei*” que já estava sangrando com a mordida do jabuti. A anta começou a gritar de dor, dizia, - Eu já te avisei para soltar, mas você não quer agora vou te quebrar. E começou a bater o jabuti num pau. Enquanto a anta batia o jabuti, o jabuti ia apertando mais o “*vuxkei*”. Quando a anta viu que não tinha jeito se jogou dentro do lago com o jabuti e disse a ele, - Agora vou te afogar. Mas quando a anta não estava aguentando mais saiu novamente para terra onde iria morrer, e ficou na beira do lago gritando quase morrendo.

Então o jabuti cortou com o dente o “*vuxkei*” (pênis) da anta e saiu muito sangue. A anta morrendo disse, - Essa mulher velha que tem muita água no olho que me matou, eu estou morrendo. E o jabuti disse: - Esse homem bem grande que me matou, eu estou morrendo. E completou - Aguenta, eu te falei, você não me ouviu, agora tu vai morrer! Os dois morreram.

DUKUWEDE TIRUBA

HISTÓRIA DE UM CASAL QUE SAIU À PROCURA DE “DUTXU” (URUÁ)

Carlito Jaminawa

A mulher falou para o marido - vamos atrás do “*dutxu*”, (Uruá) - vamos buscar peixe bodó e ele disse, - vamos. O pai do homem falou, - meu filho tem muito Mapinguari nesta mata não deixa eles comerem minha nora.

E ele disse ao pai, - eu não deixo o Mapinguari comer a tua nora, eu mato o Mapinguari. E o pai disse, - eu estou sentindo que algo vai acontecer, não deixe o Mapinguari comer minha nora.

O homem repetiu para o pai, - eu não deixo, eu mato esse bicho. E em cada igarapé que ele passava pegava peixe “*dutxu*” (uruá) e colocava tudo dentro do paneiro. Em um igarapé tinha o rastro do Mapinguari, tinha toldado toda água do igarapé e a mulher disse, - meu Deus! Passou o Mapinguari, ele ficou com raiva e disse: - Eu já te falei - que tinha muito Mapinguari aqui, foi você que me chamou. Quando falou o Mapinguari começou a gritar e ele dizia para - mulher, anda ligeiro o Mapinguari está perto, brigava com ela dizendo, foi você que me chamou, e repetia - Vamos logo! - Corre.

Ela não andava ligeiro porque ela estava grávida, e dizia para o marido, não faz isso não eu não consigo correr, você não disse para seu pai que matava o Mapinguari, e ele dizia: - não, eu não mato não e vamos logo o Mapinguari está bem perto. Então ele correu e disse para a mulher, - você fica aí que vou falar para meu pai, e deixou ela sozinha para traz, largou até as flechas, e ela dizia - não corre, não me deixa aqui só, ele dizia, fica aí eu vou falar para meu pai vir matar o Mapinguari.

Quando o Mapinguari chegou bem perto ela tirou a saia, deu um nó na saia e batia na cara com a saia dela, enquanto isso ela gritava ao marido, - vem matar o Mapinguari, não me deixa só, o homem chegou à casa do pai assustado e gritando, - pai o Mapinguari vai comer tua nora, o pai então o xingou dizendo - eu te falei medroso, o pai pegou a flecha e cachorros e veio atrás dela.

Ela estava perto de casa e se defendia. O sogro ia gritando com os cachorros atrás de encontrar o Mapinguari, quando o Mapinguari escutou o barulho de gente saiu correndo, quando o sogro encontrou a nora ela estava nua, pois usava a saia para bater no Mapinguari, e ao mesmo tempo o homem chegou dizendo que ia matar o Mapinguari. Os irmãos dele ficaram com muita raiva e disseram para ela porque você fez filho com esse medroso, não casa mais com ele, não “*tutxu*” mais com ele, pois é muito medroso, então eles voltaram para casa.

TSADASA AWA PUTADI

HISTÓRIA DA ANTA E DA CUTIARA

Oscar Jaminawa

A anta era como o cacique da aldeia. As pessoas da aldeia chegavam e mentiam para ele, diziam: - a cutia te chamou de “peidão”, que você peida como se fosse uma mulher e quando peida faz muita suada, é a cutia que está falando isso. Mas enquanto as pessoas lhe diziam isso ele ficava calado, e outras pessoas chegavam com a mesma conversa, que a cutia dizia: - aguenta e peida, a gente acha que é a mulher dele, mas é ele. Que tipo de homem é esse. A anta, então, não estava mais aguentando, e disse: - se ele está querendo brigar, eu vou lá falar com ele, eu não estou nem falando o nome dele e ele falando de mim, eu vou lá perguntar pra ele.

Quando chegou até a cutia, ele foi bem recebido e a cutia disse para a anta: - seja bem-vinda à minha casa. A cutia o recebeu muito bem, mas a anta foi com raiva e disse: - eu vim aqui não como um cacique, mas vim aqui para resolver um problema, que você está falando de mim. E cutia perguntou, - Eu nunca falei de você, quem é que disse isso? A anta disse, - eu nunca falei de você e você fica falando de mim. E a anta já chegou batendo na cutia e jogou ele no chão e o açoitou, enquanto a cutia apanhava, sua mulher chorava e dizia não bate nele não, é mentira, ele nunca falou teu nome.

A mulher da cutia chamava as pessoas e dizia cheguem pessoal, venham ajudar não deixem a anta matar meu marido. Chegou uma pessoa e apartou a briga dizendo para anta: - para, você já bateu nele. Então a anta disse: - se não fosse esse cacique eu ia te matar. A cutia cuspiu e vomitava sangue. Enquanto a cutia apanhava, o sobrinho da cutia estava na mata caçando. Cutia se tremia de dor, não conseguia andar, sempre que se levantava caía, pois tinha apanhado muito.

Quando o sobrinho da cutia chegou às três horas da tarde, a anta já tinha ido embora, o sobrinho chegou trazendo três macacos, um nambu e três jabutis. Ele chegou carregado de caça e encontrou seu tio desmaiado não se lembrando de nada. Quando ele chegou a mulher da cutia ofereceu mingau de milho e começou a falar: - teu tio apanhou tanto, pegou muita peia da anta, ela quase o mata.

Vai lá ver o que a anta fez com o teu tio. E o caçador disse: - eu não estou acreditando, meu tio não fez nada, porque a anta fez isso com ele? Ele olhou para o tio e viu que ele estava com febre e cuspiu sangue. Ficou com muita raiva e disse para as mulheres: - vocês que gostam de contar mentira vão lá falar para a anta vir matar meu tio agora, porque que não matou logo,

deixou só machucado? E as mulheres fofoqueiras foram lá falar para anta: - cacique, a cutia mandou recado para você, que é para você ir lá acabar de matar o tio dele agora.

Quando a anta ouviu isso disse brincando: - eu não vou, não, porque eu estou com medo dele, mas vou resolver com ele, porque mandou esse recado. A anta disse: - eu não tenho medo dele, ele não vai fazer nada comigo. Então a anta pegou um pedaço de tala e foi lá. O nome da cutia era “*bari txi txu*” (Cutia Sobrinho). Ao chegar a anta perguntou, - “*bari txitxu*”, porque você me mandou chamar, o que você quer me dar? Você quer me dar presente, você quer me dar machado novo, você quer-me dar um “*vidu*” (arma)? Qual desses objetos você quer me dar? O “*bari txitxu*” falou: - vem aqui buscar, está aqui dentro, eu guardei. Esse “*bari txitxu*” era bem feio, tinha uma orelha bem grande.

Então a anta entrou cuspidando no “*bari txitxu*” e falava: - você acha que eu tenho medo de você? Eu vou fazer o mesmo que fiz com o teu tio. Mas, o “*bari txitxu*” foi mais ligeiro. “*bari txitxu*” pegou a anta e jogou ela três vezes no chão, quando a anta caiu pela terceira vez ela disse: - eu cá porque pisei num buraco. Mas era mentira e “*bari txitxu*” jogou ele de novo no chão e o povo da aldeia começou a gritar, porque a anta estava perdendo a briga.

Quando a anta caiu no chão, “*bari txitxu*” sentou em cima, pegou no pescoço e começou o enforcar. E as pessoas da aldeia não acreditavam porque “*bari txitxu*” estava era bem pequeno. Então, quando a anta já estava no chão, “*bari txitxu*” chamou seu tio e falou: - agora o açoíta, faz como ele fez com você. E disse para as pessoas: - ninguém separe a briga, aqui a gente resolve.

A cutia açoitou a anta do jeito que ela tinha feito antes. A anta começou a gritar e chorar. Quando a cutia estava quase matando a anta, a mulher da anta começou a gritar e dizer para as pessoas: - Gente! Venham não deixem a cutia matar meu marido! E então chegou um cacique para apartar a briga.

O cacique disse: - olha você é bem grandão, mas você não deu nada por ele, vocês não vão brigar mais, chega de briga. A anta ficou tremendo de dor, mas depois ficou de pé e disse para as cutias: - não faz isso comigo mais, porque você fez isso comigo? Porque eu açoitei o seu tio?

“*Bari txitxu*” disse para ele: - você acha que é muito valente, mas se não fosse cacique eu ia ter te matado, um homem velho, tu não é nada e começou a falar mal dele, você é um homem velho de venta bem grande, homem peidão. Então anta disse: - você está-me “esculhambando” eu não estou falando nada com você, homem velho de canela seca. E começaram a brigar novamente.

E “*bari txitxu*” bateu na boca da anta e a mulher da anta disse: - não fala mais nada com ele não. A anta não falou mais nada. O povo da aldeia ficou muito feliz, porque a anta era uma pessoa que se achava e queria mandar, as pessoas ficaram felizes porque ele perdeu e diziam, você viu como aquele homem grandão perdeu pra um pequenininho? E as pessoas da aldeia elogiavam o “*bari txitxu*”.

TXAI PUWE

HISTÓRIA DE UM HOMEM ASSASSINO

Oscar Jaminawa

Havia um homem que matava as mulheres. Ele ia para outras aldeias e matava as mulheres e escondia, mas não falava nada para sua família. Seus irmãos descobriram e disseram para ele, - você tem que parar com isso, ainda vão matar você! Ele dizia - Que nada! Ninguém vai me matar.

Quase todas as aldeias já o conheciam e sabiam que ele era o matador. Uma aldeia já estava preparada para, se ele aparecesse, iriam matá-lo. E na aldeia diziam, quando ele está perto o tempo se fecha e a fumaça cobre tudo. E ele planejava quando aparecer, vamos matar cortar os dois braços dele. Nós vamos saber quando ele estiver perto porque quando chega o sol some e o tempo escurece. E quando esse tempo chegar ninguém vai sair todo mundo fica em casa, essas eram as palavras do cacique. Então quando não tiver sol pela manhã, vamos saber que ele está aqui, o nome dele é primo valente.

Quando apareceu nessa aldeia disseram - É ele que está esperando, é o primo valente com um pedaço de pau com dois “*uku*”. Quando ele chegou lá um homem disse, - meu genro oferece mingau para ele e não fica longe da tua mulher, porque já sabemos o que ele quer fazer, se ele fizer qualquer coisa a gente pega ele.

Esse rapaz pediu que sua mulher levasse o mingau para ele. O homem mau escolheu a mulher mais bonita da aldeia para levar mingau para ele. Mas, todos na aldeia já sabiam que ele era mau. Ele chamou a mulher e disse para ela, - Vem aqui bem pertinho de mim para me dar o mingau. Ele queria que a mulher desse o mingau na boca dele, pois quando ela chegasse bem perto que ele matava. O homem pegou o vaso da mulher e jogou no chão e quebrou.

O homem ficou bravo e disse, - Eu falei para não fazer isso, você jogou o mingau em cima de mim. Mas na verdade ele mesmo tinha jogado o mingau. Então ele pegou sua “*axi*” (arma) para matar a mulher. Quando pegou a “*axi*” (arma), os homens da aldeia o pegaram, - ele gritava me solta eu não quero fazer nada. Então as pessoas da aldeia disseram, - Já sabemos tudo que você faz. E dizia, - Eu não vim aqui para matar vocês, eu vim conhecer vocês.

Mas, na aldeia eles diziam, - Sabemos que você veio para matar a gente. Ele dizia - Me solta, tem muita gente disfarçada querendo matar vocês. E eles diziam, não tem ninguém, - É você que quer matar a gente. Então o amarraram e pegaram um machado e cortaram os dois braços dele. E quando eles estavam matando, o homem mau disse, - Vocês tiveram sorte de fazer isso comigo, senão eu ia matar vocês todos.

Jogaram na parede e pegaram banana madura e colocaram na boca dele. Ele morria gritando, - Meus irmãos as pessoas me mataram, meus tios as pessoas me mataram. Pela manhã as pessoas da aldeia foram ver se ele já tinha morrido, já estava morto. Na noite do dia seguinte, a alma dele compareceu na aldeia, e a alma dele fez tudo o que ele fazia no dia a dia. Os familiares descobriram que tinham matado o homem e sua mulher chorou, os irmãos diziam:

- Ainda falamos para ele, mas, o mesmo não escutava.

AYA RUWA WASHU VIDI

HISTÓRIA DE UM SOLTEIRO QUE ENCANTOU AYA

Ricardo Jaminawa



O homem era solteiro, só vivia na casa da mãe dele, era muito trabalhador. Na casa tinha a mãe e irmãs do homem, tinha um roçado grande, de milho. De manhã a mãe chamou as irmãs para ir para o roçado tirar milho para fazer mingau. Lá viram o “Uka” (Iraúna) e o “Aya” (Arara Maracanã) que estava acabando com o milho do roçado. A mulher falou:

- “Uka” e o “Aya” estão acabando com o roçado do meu filho.

Colheram o milho e foram para casa, o homem dono do roçado estava caçando, ele chegou três horas da tarde da caçada, tinha matado um macaco preto. A mãe dele quando chegou fez pamonha mingau e canjica e deixaram para o filho, as irmãs prepararam os macacos para ele e a família comeu. O homem perguntou para mãe, - Onde você tirou esses milhos. Ela me disse - Lá no teu roçado, a “Uka” (Iraúna) e o “Aya” (arara Maracanã) estão acabando com o teu milho. Ele disse, - Então vou fazer uma “kesbeti” (casa de palha).

Quando ele chegou, tinha muitos “*Uka*” e “*Aya*”. Então ele fez uma “*Kesbeti*” na parte onde mais tinha esses animais. Assim que a casa ficou pronta, voltou para casa, chegou e disse para sua mãe, - Eu já fiz a casa de espera, amanhã eu vou esperar.

No outro dia bem cedo saiu de casa, levando a flecha para esperar, sentado na espera, viu os bichos começarem a chegar “*Uka*” e “*Aya*”, chegaram dois “*Aya*” falando, - irmã vem logo porque mais tarde os donos vão vir. Esse solteiro, vai vir aqui no roçado, vamos tirar o milho depressa. Quando ele as ouviu falando pensou, mas, quem é que está aqui? Será que tem pessoas aqui, fez uma brecha na casa para ver quem era.

Quando olhou pela brecha havia três meninas baixinhas e gordinhas, essas meninas eram as “*Aya*” que tinham virado meninas. Ele pensou: - Meu Deus! Achava que eram animais, mas, eles são gente. Então uma “*Aya*” disse, - Irmãs vão tirar aqui que tem muito vamos depressa que eles já devem estar vindo e foram para mais perto da espera.

Quando uma chegou bem pertinho da espera, ele pegou no cabelo dela e quando pegou no cabelo dela, ela virou um “*Aya*” arranhou ele todinho. Mas, não soltava, falava - Não faz isso não, eu já te vi, você é uma menina bonita, por isso te peguei porque você não é “*Aya*”, volta de novo como tu era a menina bonita. Nisso ela se transformou de novo naquela menina bonita com cabelos bem compridos, as outras foram embora em forma de “*Aya*” e voaram.

As duas que voaram ficaram sentadas pensando, - Será que ele matou nossa irmã? - O rapaz se olhou e ele estava todo arranhado pela *Aya*, que lhe disse, - porque você fez isso? Você me assustou! O homem respondeu, - Mas, você me arranhou todinho. Eles se casaram e eles “*txutaram*” (fizeram sexo) E ele levou a menina para casa da mãe. Quando a mãe dele viu que ele estava casado, ela ficou muito feliz, perguntou de onde ela veio. Ele disse, essa é a mesma pessoa que estava comendo milho. Então a moça fazia mingau para ele, comidas. Todos os mingaus que fazia para ele eram bem doces.

A sogra da moça pediu para ela preparar um mingau de canjica porque o marido dela estava em uma caçada. Então a nora viu que havia muita coisa para fazer e disse que não estava acostumada a fazer muita coisa, mas, a sogra dizia: - Você tem que fazer! E a nora dizia - Se você quiser pode fazer para seu filho e a sogra fez um pouco só para ela e a nora experimentou e disse que o que ela tinha feito era como um mel.

Quando o rapaz chegou perguntou para a mãe: - Mãe, quem é que fez esse mingau? E a mãe respondeu: - Foi a sua mulher, e ele tomou à vontade. Bebeu tanto que ficou bêbado porque estava muito forte e bateu na mulher. No outro dia a mulher falou, - Vou fazer um melhor para você, mas, se tu beber e começar me bater eu vou embora.

E ele saiu para caçar. Quando voltou e foi beber o mingau, bateu de novo nela. E ela não aguentava porque batia muito nela. No outro dia a noite ela fugiu. Ele ficou preocupado e perguntava para mãe, - Mãe onde está sua nora? Ela disse: - Ela não está aqui, tua mulher já foi embora porque você batia muito nela. Os parentes da aldeia riam dele porque ele batia muito nela. No outro dia foi no roçado e viu sua mulher, mas como “Aya” sentada no alto. Ele falava - Mulher! Volta para casa que não vou mais fazer isso. Ela dizia, Eu não posso ir, te avisei e você me batia, você pode ir para casa da tua mãe. E ela foi embora. Depois disso ele tentava pegá-la de novo montava casa de espera, mas nunca mais ela voltou.

DUKUWE TIRUBA

HISTÓRIA DO MAPINGUARI E UM HOMEM

Oscar Jaminawa

O povo da aldeia estava carregando milho para plantar, o rapaz disse para mulher, - vou deixar a última viagem, quando ele ia escutou a gritaria do Mapinguari no rumo dele, ficou falando sozinho, - o que você estava fazendo Mapinguari agora você quer atrapalhar meu trabalho, Mapinguari gritava, ei me espera, o rapaz falou - eu vou te esperar.

O rapaz deixou a sua flecha e ficou esperando o Mapinguari, quando o Mapinguari viu o homem, o homem sorriu e disse, estou te esperando, quando eu estava em casa sem fazer nada, onde você estava? E agora que estou trabalhando você quer me atrapalhar. Quando Mapinguari se aproximou para pegar ele, o homem pegou os dois braços do Mapinguari.

O Mapinguari tentava agarrar o homem, mas, o homem não deixava. Perto dali tinha um pé de múrmuro. O homem puxou o Mapinguari, quando chegou perto do pé de múrmuro o homem jogou o Mapinguari naqueles espinhos, quando caiu nos espinhos o Mapinguari começou a gritar. O homem dizia, - Agora aguenta, você queria me comer, agora aguenta aí. E Mapinguari abandonou o rapaz e fugiu, não queria mais comer o rapaz. O rapaz foi para aldeia e lá contou a história.

XINUTXUTA BAKI TAPI BADI

HISTÓRIA DO MACACO ESPERTO

Ricardo Jaminawa

O homem saiu para caçar e encontrou um bando de macacos e queria matar macaco. Estava escondido para matar macaco na mata. O homem estava olhando o bando de macacos e viu um macaco pegar uma macaca e jogá-la no cipó de peito para cima. O homem estava a ponto de flechar, mas guardou a flecha e ficou olhando os macacos “*txutarem*”, (fazendo sexo).

O caçador ficou pensando: - Será que é verdade? É ali mesmo naquele lugar que “*txuta*”. Então nem matou o macaco e veio embora para casa. Ele vinha pensando - Vou chegar a casa e tirar a minha dúvida, vou fazer como o macaco fez. Quando chegou a casa falou para sua mulher: - Já voltei da caça, Ela perguntou: - Está doente? Está acontecendo alguma coisa? Está cedo ainda! - O homem respondeu, - Esta noite eu tive um sonho ruim, não quero ir caçar longe, por isso já voltei.

O homem chamou sua mulher, vamos tomar banho no igarapé. Os dois foram tomar banho. O homem disse para mulher, - vamos “*txutar*”, (fazer sexo) e a mulher queria fazer como sempre na *Rashwa* (dobra do joelho) e ele disse não é aqui, e pegou no “*txixpi*” (vagina) dela. Ela disse - Não, aqui é meu tumor, você não pode pegar, o homem disse, - É aí sim, eu vi o macaco fazer.

Então a mulher deitou com peito para cima e eles “*txutaram*”. A mulher disse, - Tenha muito cuidado, aquela mulher era virgem. Depois de terem “*txutado*” ele ficou bastante animado porque descobriu o lugar certo. Depois disso começou a chegar à menstruação dela. Depois ele chamou só os homens na aldeia, e disse a eles, - Gente não use mais as “*rashawa*” (dobras dos joelhos), mas, ali onde elas dizem que é um tumor que é o “*txixpi*” (vagina). Então os homens da aldeia deram suas mulheres para ele “*txutar*” com elas. Ele “*txutou*” a mulher dos outros para mostrar onde era. Mas alguns não deixaram e eles mesmo “*txutaram*” suas mulheres no lugar certo. Daí por diante começou a aparecer menstruação, as mulheres engravidaram e ali onde não nascia crianças começou a nascer. Então através do macaco descobriram a forma certa de “*txuta*”. Toda a população indígena começou a crescer depois de descobrir o lugar certo de “*txuta*”.

AWA SHUBAYA RAVETA YUVI NAVU KEDA PAKEDEVU HISTÓRIA DE DUAS ANTAS JOVENS

Ricardo Jaminawa

O homem disse para a mulher, - Eu vou dar uma volta na mata porque eu vi um barreiro. Vou dar uma olhada lá para ver se tem algum rastro. A mulher disse: - Tá bom. O homem já tinha feito “*Keshti*” (*casa*) de espera de palha no local. Então foi até o barreiro e entrou na casa de espera e lá ele ficou sentado e calado, esperando algum bicho aparecer, enquanto estava sentado, apareceram duas antas. A anta chegou falando: - Olha minhas irmãs, vão chamar todos os animais, para tomar esse mingau no barreiro com a gente.

As antas diziam: - Nós vamos chamar nosso pai, nossos tios e outras pessoas para tomar o mingau. As duas antas estavam brincando de balançar no “*nainava*” (espécie de cipó do mato). A anta chamou primeiro sua família, veio pai, mãe, irmãos e irmãs. A família chegou ao barreiro, e o rapaz na casa de espera via tudo o que estava acontecendo ali. Não queria matar e ele pensava, - Eu não posso matar eles, porque falamos a mesma língua nossa.

As antas agora foram chamar os seus primos, que eram uma família de queixadas. A família de queixada chegou ao barreiro. O rapaz estava ficando com medo. As duas antas disseram agora nós vamos chamar a família das onças. Essas famílias de onça chegaram ao barreiro. Depois chamaram a família do veado. E essas famílias também chegaram. Chamaram a família do jabuti, e a família também chegaram.

Quando chegou à tarde, os bichos começaram a ir embora e o barreiro começou a ficar silencioso. De manhã o rapaz saiu do “*Keshti*”, (*casa*) encontrou ainda no barreiro um grande jabuti e não levaram o jabuti e pensou, não vou levar o jabuti porque ele é gente, fala como eu. Ele foi para casa e falou para a mulher, - Mulher eu não dormi nada hoje, foi muita gente, a gente acha que esses animais são bichos, mas eles são gente como nós. Então descobriu que os animais falavam como pessoas e disse para sua mulher. - Os animais são como nós, como gente, eles falam como nós.

TASHKA BESHADI

HISTÓRIA DE UM HOMEM MEDROSO QUE ANDAVA PERDIDO

Ricardo Jaminawa

O homem se perdeu na mata, não sabia onde estava sua família porque tinha corrido de medo e sua família estava no meio de uma briga. Então se perdeu e sua família o procurou porque estavam indo embora da aldeia. Mas não acharam e foram embora.

O homem perdido andava de dia e de noite na mata, não parava, estava sempre à procura da família dele. O homem viu uma luz acesa na mata e pensou, - será que é minha família que está ali? Mas, na verdade era uma família de “Udu” (porquinho da mata), quando ele chegou perto dos “udus”, ela estava se esquentando no fogo, os “udu” o acharam e lhe perguntaram: - Quem é você? - tu tá vindo de onde? - e ele respondeu, - eu estou à procura da minha família, porque teve uma briga contra eles e eu corri, eles foram embora e me deixaram, agora estou perdido.

Os porquinhos disseram, - É você que nós ouvimos, nós já sabemos quem é sua família não mora longe não, eles ficam bem pertinho daqui. A gente ouviu, eles estavam falando de você. O homem perdido falou então, - hoje vou me esquentar aqui com vocês porque estou com muito frio, amanhã vou encontrar eles. Os “udus” então disseram: - Então fica aí, mas não mexe em nada e nem quebra a brasa, não mexe porque senão você vai nos queimar. Mas ele era teimoso e mexeu no fogo.

Então os porquinhos correram e levaram tudo, até o fogo, e ele ficou só e no escuro. Ele começou a andar de novo no escuro. Encontrou de novo o bando de porquinhos, chegou falando de novo, aqui está muito frio. Os *udus* falaram - não mexe mais não, fica quietinho aí, se você mexer de novo a gente vai para muito longe e você não vai achar mais a gente não. Mas, ele teimoso mexeu. Os *udus* foram embora e ele não encontrou mais com eles.

O dia amanheceu e começou novamente andar e anoiteceu e continuou andando e até que encontrou com um “*tashka*” (animal). Chegou e disse para o “*tashka*” - Está muito frio! - o “*tashka*” que era fêmea perguntou - quem é você? - ele disse - sou um homem que está perdido estou procurando minha família. - E o “*tashka*” disse sua família não mora longe não, eu os ouvi falando de você. Eu fui lá ontem buscar algodão e eu vi tua mulher e teus filhos, eles estavam chorando com muita saudade de você.

O homem perdido falou, - Não dá pra viajar hoje vou ficar aqui com você. O “*tashka*” estava fazendo uma rede de algodão. O homem perguntou

você é casada? E o “*tashka*” disse: - não, sou solteira. Ele perguntou, então deixa dormir contigo? E o “*tashka*” disse, - nós vamos dormir juntos, mas você não me toca. Mas o homem mexeu no “*txixpe*” (vagina) dela. Mas, o homem pegou o “*txixpe*” do “*tashka*” tinha muito cabelo e o homem puxou. Então “*tashka*” foi embora. Ele escutou a direção que o “*tashka*” tinha ido e foi lá. E ele encontrou o “*tashka*”.

“*Tashka*” disse, - não mexe em mim de novo se não vou embora e você não vai me achar de novo. Novamente ele puxou no cabelo da “*tashka*”. Ela foi embora e o homem não achou mais ela. O homem era teimoso. “*Tashka*” foi para o outro lado do lago, o homem foi em busca da “*tashka*”. No caminho o homem triscou com uma “*runuva*” (cobra bem grande) e viu que em cima da árvore tinha muitos “*riri*” (macacos da noite) comendo frutas. Estava tão escuro que ele não tinha visto a cobra grande que estava deitada.

A cobra perguntou: Quem é que me triscou? Perguntou para as filhas, - Vocês que me triscaram? E elas responderam, - Não pai, estamos aqui no nosso canto. E ele perguntou, - será que foram os irmãos de vocês? Eles responderam não pai, nós não fomos aí, estamos fazendo nossa flecha. A cobra perguntou:

- Então quem foi que me triscou, será que foi o “*riri*” que me triscou. E ele perguntou “*vetu vetu ya*” (cara pintadinho) – foi vocês que vieram me triscar aqui?

Eles responderam: - Não, nós não fomos aí, estamos aqui comendo ingá. O homem perdido escutava tudo isso. A cobra disse: - Então deixa ver quem é que vai vir me triscar. Pegou um tabaco e colocou na boca. Quando amanheceu o dia, o homem perdido encontrou um pica-pau e perguntou para o pica-pau, - Primo, você sabe onde vive minha família? O pica-pau disse, - sua família vive aqui perto, - Você escuta, eu vou à direção da tua família e vou derrubar uma árvore lá e você escuta. Então ele foi seguindo o som do pica-pau. O homem já vinha bem perto da família dele.

O pica-pau disse - é por aqui esta bem perto, mas antes de chegar à tua família tem uma aldeia de “*baridawa*” (feiticeiro), mas não entra lá, porque vão te dar um mingau que não serve para você, arroteia a aldeia deles, se você for lá eles vão oferecer um mingau que com um tempo você vai morrer. Mas, o homem passou pela aldeia “*Baridawa*”, e todos estavam arrancando macaxeira para fazer “*caçuma*”.

Quando viram o homem perguntaram: - você veio de onde? Ele disse: - ando perdido, minha família me deixou. E disseram para ele, tua família está bem aí, tua mulher e teus filhos vivem chorando com saudade de você. E um homem da aldeia falou para ele, pode entrar, e trouxeram o “*caçuma*” e mingau para ele na mesma hora. Daí ele tomou e saiu da aldeia do “*Baridawa*”

e chegou à aldeia dele encontrou sua família, sua mulher e seus filhos choraram. Depois de dois dias ele começou a ficar doente e morreu. E ele não iria morrer, ele morreu porque tomou o “caçuma”.

RUNUA SHAU AWA TXUTADI

A HISTÓRIA DA ANTA E DA COBRA

Ricardo Jaminawa

Um homem casado que tinha filhos saiu, disse a sua mulher, - hoje eu vou caçar. Então ele foi para a caçada, quando chegou à beira de um grande lago ele viu muitos rastros de anta e ele pensou, - porque tem tanto rastro de anta aqui? Ele andou pela beira do lago, para ver se conseguia matar a anta, durante todo tempo ele foi seguindo o rastro da anta. Quando ia chegando perto da anta escutou a anta conversando. E foi cada vez chegando mais perto. Então ele avistou a anta e se perguntou, - será que a anta que estava conversando? E se escondeu atrás de uma árvore.

A anta estava com o paneiro cheio de jenipapo. Aquele jenipapo a anta tinha levado para a cobra. A anta chegou bem na beira do lago. O homem ficou observando para ver o que a anta ia fazer. A anta tirou o paneiro e deixou no chão e pegou o jenipapo e jogou no meio do lago três vezes. E olhou que ia fazendo banzeiro no lago. O homem então ficou com medo e se perguntando, - o que a anta está fazendo?

Então saiu de dentro da água uma mulher muito bonita, ela saiu e ficou procurando. Então a anta disse: - Eu trouxe tua encomenda que é o jenipapo.

- “*Runuwa*” (Cobra) respondeu, Mas, você não disse que só vinha no outro dia, eu não estava esperando você.

- A anta disse, Mas, eu vim trazer tua encomenda, o jenipapo.

O homem olhou e viu que a cobra era uma mulher muito bonita ela estava toda pintada de jenipapo. O homem pensava, - como a anta conseguiu ficar com essa mulher? A cobra saiu de dentro da água e foi para o seco. A anta então pegou no “*txispe*” (vagina) da cobra e “*txutou*” (fez sexo) com ela.

O homem só observava. Depois a anta disse para a cobra, - agora eu vou passar quatro dias sem vir aqui. A cobra disse: - Está bom, vou te esperar. A anta foi embora. Depois disso o homem ficou apaixonado pela cobra. Quando ele olhou a cobra estava entrando no lago de novo, o homem não foi mais caçar e voltou para casa pensando na cobra que era uma mulher muito bonita. Chegando a casa a mulher dele disse, já? Você voltou cedo. E em casa o homem ficava pensando na cobra à noite, ele não conseguiu dormir só pensando na cobra.

Depois de três dias ele disse a sua mulher que ia caçar, e voltou na beira do lago. Antes de ir ao lago ele pegou jenipapo. Depois de pegar o jenipapo foi depressa para o lago. Ao chegar, cortou palha e fez uma casa de

espera para se esconder. Ele pegou jenipapo e jogou três vezes no lago e o lago começou a fazer banzeiro.

A “*Rumva*” (cobra) pensou, - Como que meu primo disse que vinha só com quatro dias, e agora com três dias já aí? E a cobra pensou, - vou ver se é ele mesmo que está aí. O homem estava escondido dentro de uma espera de palha, quando ela saiu era a mesma mulher bonita que ele tinha visto ficar com a anta. A cobra saiu procurando quem estava ali. Quando ela chegou perto dele, ele pegou nos cabelos dela que era muito grande. Quando ele pegou no cabelo dela ela virou cobra de novo.

Quando ela virou cobra, ela se enrolou toda nele. A cobra foi apertando e enforcando ele com força, já estava matando, que não conseguia mais respirar. Ele disse, - Eu sei que você não é cobra, quando eu te vi pela primeira vez com a anta você não era cobra, você é uma menina muito linda eu me apaixonei por você por isso que eu peguei no seu cabelo, não faz isso comigo, você é gente. Você é uma menina muito linda! Eu vim porque eu vi você ficando com a anta e me apaixonei por você, não me mata.

Então a cobra começou a desenrolar e se transformou na mulher bonita de novo. E disse: - Você me assustou, porque você não conversou comigo, foi logo me pegando, eu tive medo. O homem então disse, - quando eu te vi ficando com a anta, eu vi tudo que acontece. E a cobra disse, - ele é meu primo e eu estou acostumada a ficar com ele. E ele disse vi por isso tive que vir. A cobra disse - então nos assustamos juntos, você me assustou e eu te assustei também.

A cobra perguntou: - você é casado? Você tem mulher? E ele respondeu: - Não, eu não tenho mulher. Mas estava mentindo porque ele era um pai de família. E a cobra falou, - eu tenho minha família, meus irmãos foram passar uns dias caçando, aqui só está eu minha mãe e minhas irmãs. O homem beijou e ficou com a cobra e ele “*txutou*” (fez amor) com a cobra. Depois disso “*Rumva*” (cobra) o chamou para ir para casa dela, - vamos para minha casa só está eu minha mãe e minhas irmãs. O homem respondeu: - Eu não posso porque aí é água e eu não consigo ir. - E ela disse, eu vou dar um jeito para você vir. Então ela pegou um remédio de mato “*vetxe shebeti*” (espécie de folhas) esfregou nas mãos e passou na cara dele, então ele enxergou que ali não era mais água, era uma casa, o lago que era a casa da cobra, tinha virado casa de verdade.

Na casa da cobra, os jacarés eram uma cadeira onde as cobras sentavam, as arraias eram vasos, o pai da cobra era uma cobra bem grande e disse para ela, - minha filha estou muito feliz por você ter casado, nunca imaginei que você ia se casar, mas, estou muito feliz pelo seu casamento.

O pai da cobra falou para o homem, - seja bem-vindo estou muito feliz com você ter casado com minha filha. Então a mãe d’água queria matar

o homem, a mãe d'água pegou a arma para matá-lo. A cobra que era pai da menina disse a mãe d'água, para não faz isso não. A mulher bonita disse para o homem, amanhã meus irmãos estão vindos. Quando deu meio dia, escutaram a gritaria dos irmãos que vinha da caça. Eles vinham com muita caça muita comida.

Quando chegaram já foram perguntando para a cobra, - minha irmã de onde veio esse homem? - Ela disse, esse homem que me pegou escondido e veio morar com a gente. Os cunhados ficaram muito felizes. Eles traziam veado, pacas, antas, porquinhos. O irmão mais novo perguntou - Minha irmã, quem é essa pessoa? - E ela disse: - Esse é teu cunhado, ele disse, - não sabia que você tinha casado. E a cobra falou para seu marido, - Olha, aqui não tem ninguém estranho, somos todos da família, você não pode ter medo, aqui é só minha família. Os irmãos da cobra falaram para seu pai, - Pai faz outro preparo de cigarro para nós porque esse já está fraco.

As cobras de outras famílias queriam matar o homem. Depois que o pai da cobra tinha preparado o tabaco, todos da família foram mastigar o tabaco e também espremiavam o tabaco e tomavam um mingau do tabaco tico "*shuri*" (chá). Lá estavam à família da cobra e mais algumas pessoas. Os que não eram da família queriam matar o homem, mas os cunhados dele não deixaram. O homem viu que até sua mulher estava tomando o mingau e disse: - Até você que é mulher está tomando! Eu que sou homem também vou tomar. Ela disse - Você não pode tomar, nós tomamos porque estamos acostumados, se você tomar vai ser um problema para a gente porque é muito forte.

O homem que também já tinha se casado com a irmã mais nova queria tomar. A mulher mais velha não queria o deixar tomar. Mas a irmã mais nova pegou uma bebida mais fraca e pediu para seu irmão mais novo dar para ele. Quando ele o bebeu sentiu como se estivesse estourado a língua. E se assustou com a bebida. A mulher mais velha disse, eu te avisei. Ele começou a ficar doido, chorava e gritava - As cobras vão me comer, voltou a enxergar todos como cobra. Quando ele falava isso a família da cobra começou a ficar com raiva e envergonhada com isso, mas não falaram nada. Mas as outras famílias ficaram com mais raiva e vontade de matar ele. Mas, os cunhados não deixaram e que depois que passasse o efeito iria falar com ele. Diziam isso é porque é a primeira vez que ele tomou.

O cunhado dele o curou, e disse: - Eu falei que não era para tomar. Quando passou o efeito da bebida ele foi até sua mulher. Sua mulher disse, - Olha você fez muitas coisas que meus irmãos não gostaram, você fez vergonha a toda minha família, nós tomamos essa bebida porque estamos acostumados. As outras famílias começaram a ameaçá-lo porque ele os tinha envergonhado. Pela manhã a mulher disse a ele, - você fica aqui, eu vou sair com meus irmãos à tarde a gente volta você não sai de casa.

E disse - Está bom, vou te esperar em casa. Quando estava sozinho em casa chegou um “*Íxkí*” (espécie de bodó) chegou falando, eu ouvi um comentário que o pessoal vai te matar. O homem pediu ajuda ao “*Íxkí*”

E o “*Íxkí*” disse - tenho como te ajudar e perguntou, você quer ir para tua família? E o homem disse: - Quero, mas eu vou longe porque se eu ficar aqui eles vão me matar, vou para um igarapé pequeno que eles não vão conseguir entrar.

Então o “*Íxkí*” pegou um remédio do mato esfregou nas mãos e passou na cara dele e quando ele olhou já estava fora da água no mesmo lugar que encontrou a cobra. A flecha que ele tinha deixado não estava mais lá porque sua família tinha vindo buscar e ele pegou o caminho de casa e foi embora. E chegou a casa sua mulher tinha pelado a cabeça dela e achava que o marido tinha morrido. Quando viu a mulher o abraçou e disse: Meu Deus, achei que você tinha morrido. A mulher chorou.

- E ele disse para mulher, - fui levado pela cobra, ela que me levou. Mas, na verdade era mentira porque ele que tinha pegado a cobra. O “*Íxkí*” fugiu e foi embora. Quando a família da cobra chegou, procurou o homem e não acharam, e suspeitaram, foi o “*Íxkí*” que levou ele, e pensaram agora vamos matar ele. Mas, o “*Íxkí*” já tinha fugido. As cobras se lamentaram e disseram, se a gente soubesse tínhamos matado ele, a gente não achou que ele ia fugir.

BAYA YUXIVU

HISTÓRIA DAS ALMAS DO BARRANCO QUE ENCANTAVAM AS MULHERES

Mariana Jaminawa

Os homens da aldeia saíram para caçar e as mulheres ficaram em casa. Uma das mulheres foi para o barranco e dizia: Barranco, nossos maridos foram caçar e estamos sós aqui vocês não querem ter ciúmes de nós, estamos sozinhas. O barranco ficou calado. Ela ia gritando cada vez mais, dizia: - Barranco você está com ciúmes da gente, você está com raiva, nossos maridos não estão aqui, mas, somos todas casadas. Quando ela disse isso, o barranco fez uma zuada. Elas disseram o barranco vai responder, está fazendo barulho. Elas continuaram a falar com barranco.

O barranco respondeu: - Nós não somos maridos de vocês para ter ciúmes. - Quem tem que ter ciúmes de vocês são os seus maridos. As mulheres falaram:

- Vamos tirar nossas macaxeiras do fogo, depois nos voltamos para brincar com o barranco de novo. Elas tiraram a macaxeira do fogo e começaram a comer e diziam, - é tão ruim comer só macaxeira, não tem carne, nossos maridos foram caçar.

Os barrancos viraram homens e foram até as mulheres, quando chegaram lá às mulheres já tinham terminado de comer e tinham ido deitar nas suas redes. Os barrancos que tinham virado homens foram se deitar com as mulheres e elas ofereceram macaxeira para eles. Elas diziam, - podem comer com nós, só temos macaxeira. E os barrancos levaram todas as mulheres e as crianças.

Quando os homens voltaram da caça só encontraram as panelas e as redes, mas as mulheres não estavam. Perguntaram: - Para onde foram nossas mulheres? As mulheres estavam morando com os barrancos, e as crianças quando viram que seus pais chegaram ficaram chorando.

Os homens que tinham filhos arrumavam varas para trazer seus filhos de volta, mas os barrancos não deixavam. Os maridos diziam nós vamos jogar uma vara bem grande e vocês vêm por essa vara, mas os barrancos não deixavam. Os homens não conseguiram pegar as mulheres de volta. E foram embora. Os barrancos diziam que aquilo era culpa das mulheres, porque se elas não falassem com os barrancos, eles não teriam levado elas.

BAKA UXIWU

HISTÓRIA DA PARTEIRA RATA

Marina Jaminawa

Havia um casal que morava só, a esposa estava grávida. Essa mulher sabia que existiam pessoas que comiam as mulheres mais bonitas e mais gordas na hora que iam parir. Essas pessoas que comiam mulheres, elas iam onde tinham mulheres grávidas e ficavam esperando o tempo delas ganharem nemém. Na casa dela tinha muito milho que seu marido tinha colhido. Toda noite ela escutava barulho no meio do milho e dizia para seu marido que quando ia ver, encontrava o milho comido, mas não achava quem tinha comido.

Quando chegou o tempo do filho nascer, estavam só ela e o marido. A mulher então disse a seu marido, - olha estou sentindo dor, o bebê já vai nascer, vai atrás daquela mulher que sempre faz o parto que eu vou te esperar aqui. Ele saiu atrás da parteira.

E sem saber ele encontrou a mulher que comia mulheres grávidas. A mulher em casa sozinha gemia de dor. Enquanto ela chorava, escutava barulho no meio do milho. Ela sentindo dor e cada vez escutava mais barulho no milho. A mulher dizia sozinha, - há muito tempo estou ouvindo esse barulho e agora estou aqui sentindo dor, eu não sei como se prepara para ter um filho, se você que está fazendo barulho fosse alguém que pudesse me ajudar a ter meu filho, porque meu marido foi buscar alguém para fazer o parto. Então estava com muita dor e quando se deitou viu que estava vindo uma mulher bem baixinha e gordinha com monte de filho essa mulher que tinha um grande olho.

Quando viu, a mulher grávida disse: - Quem é você? De onde você vem? - Eu sou a pessoa que estava mexendo no milho com meus filhos e eu escutei tudo que você disse e pedindo ajuda, eu sou aquela pessoa, eu sou uma rata.

- E a mulher grávida disse: Eu não falei contigo.

- A rata perguntou há quantas horas você está aí sofrendo de dor. - A mulher disse faz horas, meu marido foi atrás da mulher que faz o parto.

A rata disse: - Minha prima, você pode ter teus filhos sozinha. Tive meus filhos sozinhos, nunca precisei de ninguém, nunca precisei cortar umbigo.

- Pode ter teu filho que eu vou forrar com palha aqui, pode tentar, eu estou aqui para ajudar vou dizer como é que faz.

- A mulher então pediu ajuda, me ajuda prima, me segura como é que a gente faz para ter o filho. A rata disse: - Põe toda tua força, pode me segurar, que estou aqui, para quando teu marido chegar teu filho vai ter nascido.

Então nasceu o filho e era um menino, a rata disse: - Não te falei? Teu filho já nasceu! Mas, tu não falas para ninguém que eu te ajudei não, quando teu marido chegar tu só fala pra ele. Quando ela pegou o filho já escutou que seu marido estava chegando e estava trazendo a mulher que comia gente. O marido chegou chorando e a mulher disse, não chora não que eu já tive meu filho só. E a mulher que comia gente perguntou como você conseguiu ter o filho só, nunca vi ninguém. Quando a mulher que comia gente foi embora ela levou a “*sbaba*” (placenta) para comer.

YU YUXI TXUTA PAUDI

HISTÓRIA DO HOMEM SOLTEIRO QUE CASOU COM A ALMA

João Jaminawa

A mãe chamou o filho e falou: - Meu filho, olha, estou indo para roçado e vou ver se roça que fez para mim já está boa de colher. Sua mãe foi para o roçado e percebeu sinais que o bicho está acabando. Chegou a casa e falou meu filho, a roça que tu fez para mim o bicho está acabando, tem rastro. De manhã o filho foi ao roçado e foi rastejando rastro de “*adu*” (paca) na frente encontrou rastro de “*kaxta*” (tatu) foi rastejando, e lá na frente tinha rastro de “*tsina*” (cutia) e foi rastejando e lá frente, tinha rastro de “*txaxu*” (veado) e foi rastejando e lá na frente encontro rastro de *udu* (porco do mato) e lá na frente encontrou rastro de “*pakumava*” (tatu canastra) e continuou rastreando até encontrou “*sbudi*” (folha). Essa folha representa a folha da alma.

Perto do “*sbudi*” (folha) estava “*yuxi*” (alma) deitada. Era uma “*yuxi*” mulher, quando viu se assustou e exclamou. Nesse lugar não existe ninguém deve ser “*yuxi*”, olhou para a parte íntima e viu que era alma mulher. Voltou para sua casa não contou para ninguém, nem para a sua mãe, ficou sozinho sabendo.

Quando voltou no roçado “*yuxi*” (alma) estava comendo seu roçado, então foi no mesmo lugar encontrou “*yuxi*”, (alma) deitada nua e pensou - vou “*txutar*” (fazer sexo) com essa *Yuxi*. E foi bem devagarzinho, daí “*txutou*” e foi se acostumando com ela. Quando chegou o tempo do “*ibi*” (menstruar), então o rapaz perguntou a sua cunhada, - quantos dias a mulher fica assim com “*ibi*”? (menstruada) A mulher respondeu:

- Uma semana. Esperou o tempo chegar e quando completou uma semana voltou ao local e viu que a menstruação de “*yuxi*” tinha terminado.

Ele chamou o seu primo e falou: - Já faz muito tempo que venho “*txutando*” com alma, vamos lá “*txutar*”, tu tens que fazer tudo devagarzinho não pode machucar “*yuxi*”. Eles “*txutaram*” até engravidar *yuxi*, ele foi primeiro e seu primo “*txutou*” depois. O seu primo começou a fazer muito barulho “*txatando*” com “*yuxi*” até acordá-la. Daí o homem correu, quando viu que “*yuxi*” estava matando-o. Correu e chegou à aldeia, avisou que seu primo tinha sido morto pela “*yuxi*”. Há muito tempo, “*txutava*” com “*yuxi*”, ele não teve paciência de fazer devagar. “*Yuxi*” matou e comeu o homem.

Os outros falaram vamos lá ver o nosso parente, quando chegaram lá estava só o cabelo dele. Ai o rapaz nunca mais saiu para mata, não fazia

roçado e nem caçava. Os anos passaram e pensou. Já faz muito tempo que perdi meu primo, não mais, agora vou caçar no mesmo lugar onde o meu primo morreu.

Quando chegou ao local flechou *isu* (macaco preto), “*isu*” ficou lá em cima pendurado flechado e não tinha como pegar. Então fez “*esbte*” (peçonha) para poder subir. Quando subiu no pé de árvore escutou o seu primo que tinha sido devorado pela “*yuxi*” falou:

- *Txai* (primo) sou eu.

- Desce, eu já te vi, te conheço, já andamos juntos, eu já morri, não se preocupe, desce que vou derrubar para ti “*isu*”. Na verdade, alma de seu primo tinha se casado com “*yuxi*”. Então seu primo tirou “*isu*” matou para ele e falou vai embora logo que tua cunhada está vindo com o nosso filho que lhe engravidamos. Sabes que nós estamos mortos, nunca mais vamos nos ver como nos víamos e com essa flecha que tens na mão faz uma zoada para “*yuxi*” correr.

Ele fez zuada gritando. Quem está vindo ali, de repente apareceu uma borboleta bem grande. “*Yuxi*” que virou a borboleta grande e o seu filho virou borboleta pequena. “*Yuxi*” falou olha fica de costa e não olha para mim que vou matar um macaco pra ti, e pode ir embora que já estou indo. “*Yuxi*” falou quando chegar à sua casa não conte para ninguém que nós nos encontramos. Ele chegou à sua casa e não contou nada a ninguém e ficava pensando sozinho no seu primo.

Com muito tempo saiu novamente para caçar. Encontrou com o seu primo “*yuxi*” falou: - Olha, avisa para tua mulher que tu não vais morrer, que para ela nunca vai faltar comida, nada. Ao chegar da caçada falou – mulher eu vou morrer. Há muito tempo estou ao lado do meu primo e quando tu estiveres com fome tu vais para o roçado que vou te ajudar, vou matar “*kaxta*” (tatu) “*Axnu*” (veado) e todos os tipos de bicho para comer.

Quando a mulher ia ao roçado sempre caía na frente dela “*kaxta*”, “*tsina*”, “*udu*” e todos os tipos de animais. Depois de muito tempo, levou sua mulher. Nós Jaminawa temos muito medo de “*yuxi*”, quando morre alguém sua alma fica rondando na aldeia, por isso, a gente muda e forma outra aldeia. Ninguém fica com nada que a pessoa tem tudo tem que ser queimado. Se ficar com alguma coisa “*yuxi*” vai atrás de suas coisas, mesmo que seja canoa, casa, tudo será queimado.

AVE TSAWE YUXI TSUIKA TSAKADI

HISTÓRIA DE DUAS MULHERES QUE FORAM PARA
O ROÇADO; UMA DO MAL E OUTRA DO BEM

João Jaminawa

A mulher do mal chamou a sua e disse: - “*Tsave*” - (prima) vamos para o roçado, era um dia de sol quente, pela manhã. A prima que foi chamada para ir ao roçado estava grávida. Elas apenas combinaram de ir para o roçado naquela manhã, mas foram mesmo à tarde. Na parte da tarde, a prima má, que não estava grávida, disse: - prima vamos para o roçado agora de tarde arrancar macaxeira. Assim que chegaram ao roçado, a mulher má falou para a mulher do bem - Você fica aqui arrancando macaxeira que eu vou para outro lugar. Sem que a que estava grávida soubesse, ela pegou uma lagarta da macaxeira, “*yuxi tsuika*”, (mandarová) mostrou para ela dizendo:

- Olha isso aqui. E a grávida disse - Não me mostra isso não, porque estou grávida e não posso passar medo. Mas se você pegar nela você vai arrancar as macaxeiras mais grossas que tem e a grávida dizia para que não fizesse isso e mesmo assim ela insistia.

A mulher má pegou a lagarta dizendo que não fazia mal algum, jogou a lagarta na barriga dela e imediatamente a lagarta entrou na barriga dela. A grávida então disse:

- Porque você fez isso minha prima? Não acharam a lagarta no local porque já tinha entrado na barriga.

Com o passar dos tempos, chegou o momento da criança nascer. Não foi o tempo comum de nove meses, mas muito mais rápido. O marido dela perguntou então:

- Porque essa criança vai nascer tão rápida? A mulher então contou o caso e disse que isso entraria para a história porque a prima dela jogou a lagarta na barriga e a lagarta entrou na barriga.

Chegou finalmente o dia de nascer o bebê. Na verdade, a lagarta havia comido o bebê e, portanto, nasceu uma lagarta. O pai e a mãe já desconfiavam de tudo. A criança tinha todos os jeitos de lagarta, inclusive um olho. E daí quando sua mãe queria trabalhar nos serviços de casa a criança não deixava, queria só que a mãe estivesse direta com ele, queria mamar direto. Ela começou a ficar com medo da criança e percebeu a criança queria matá-la.

O peito da mãe estava quase decepando. Então, pensou, vou deixar essa criança aqui e vou me esconder para ver o que vai falar. Quando percebeu

que a filha estava assustando a própria mãe, todos da aldeia falaram. Vamos fazer outra aldeia e sair daqui e vamos deixar essa lagarta aqui.

Combinaram e saíram todo mundo. Ficaram na aldeia velha somente o casal. O marido dela foi caçar e a lagarta estava dormindo. Agora, essa lagarta dormiu, vou pegar água, macaxeira. A mãe escutou de longe o choro da lagarta. A mãe se escondeu e escutou a lagarta falar: Agora ela foi embora, eu devia ter pegado antes. A mulher pegou um susto grande.

A mãe tinha escutado tudo e falou assim. Não choras estava tomando banho ali. Pegou a lagarta deu de mama. O seu marido chegou da caçada e a mulher ao seu marido falou. - Isso aqui não é gente, é bicho, é um animal. Nós vamos sair daqui, vamos para onde os nossos parentes foram, tu vais à frente que vou atrás. Ela ficou enganando a lagarta.

Tu ficas aí que eu vou pegar água. E correu atrás de seu marido. Foram embora, quando chegaram à aldeia depois de alguns dias falou ao seu marido, olha vai dar uma olhada e ver onde a lagarta está lá. E seu marido foi olhar, quando chegou à antiga aldeia viu a lagarta bem cima no pedaço de rede e muitas fezes no chão. O que vamos fazer? Colocou fogo na casa, quando a lagarta pegou fogo, explodiu.

Por isso, existe lagarta em toda parte do mundo. Nós respeitamos as lagartas e não mexemos quando aparecem para nós.

NAWA TEXTE

HISTÓRIA DA LUA

João Jaminawa

O rapaz “*txutava*” com sua prima dormindo. Quando acordava sentia que alguém tinha dormido com ela, sentia-se molhada e pensava - qual dos primos que toda a noite dorme comigo. Esse rapaz já fazia muito tempo que “*txutava*” com ela. Eu vou saber quem dorme e “*txuta*” comigo? Pegou um “*dade*” (jenipapo) preparou levou dentro de sua dormida.

Quando chegou a noite, pegou o “*dade*” esfregou na sua mão e não dormiu de verdade, apenas fingiu que dormia. Quando o homem chegou, entrou na dormida, pegou na cara dela e viu que dormia. Ela pegou no cabelo dele e esfregou o “*dade*” na cara. De manhã ela queria ver quem era esse homem.

Quando ele sentia que a mulher tinha passado “*dade*” na sua cara correu. Ela gritou: - pode correr de manhã eu vou ver quem és tu.

De manhã todo o povo estava preparando-se para ir à guerra, outros cantavam, outros faziam flechas. A mulher correu a beira do caminho para todos que passavam para a guerra e ver quem era o homem que “*txutava*” (fazer amor) com ela à noite. Ela olha e nada do homem de cara pintado passar. - Quem essa pessoa que ficava comigo e não passa por aqui. Essa pessoa era o último a passar para a guerra. Todos passavam com alegria comemorando e lá vinha ele com a cara virada.

- Ah! é você que ficava comigo, tomara que “*davã*” (não indígena) corte a tua cabeça que morra e não volte mais. Quando o cacique ouviu isso, ele que comandava a guerra contra os brancos. Então falou ao povo: - Já que tua prima fala isso contigo, você não deve ir para a guerra, por que alguma coisa pode acontecer. A palavra dela pode se realizar, tu ficas que nós vamos guerrear. Ele foi teimoso e falou como vou ficar? - Se só eu que vou matar o pessoal lá. Teimou e foi para a guerra.

Quando chegou à guerra, foi muita morte, indígena matava “*davã*”, “*davã*” matava indígena. Com essa briga toda, o homem entrou no meio dos brancos na guerra e acertou ele, cortaram o pescoço. A cabeça caiu para um lado e o corpo para o outro.

Quando os parentes o viram com pescoço no chão todos os indígenas correram no rumo da casa. O seu irmão estava na guerra e pensou como vou levar o corpo do meu irmão para aldeia? - Vou esperar anoitecer, pegou primeiro o corpo, à noite vou pegar a cabeça quando os “*davã*” estiverem dormindo. Ao anoitecer ele pegou muito “*kukux*” (vagalume) pegou muitas

fezes, essas fezes é que brilham à noite, passou no corpo inteiro, para buscar a cabeça de seu irmão.

Quando os “*dawá*” viram o homem chegar se assustaram pensando que era alma do morto. Ele pegou a cabeça de seu irmão e correu para o rumo de sua casa. Ao pegar a cabeça do chão, a cabeça falou “*utxi*” (irmão) - olha já foi todo mundo vamos embora também por que estou com sede. Quando chegou ao Igarapé falou “*utxi*” me dá água que estou com sede. Ele bebia água, e apenas sentia o gosto, não matava a sede, porque não tinha corpo. A água derramava todo. Dá-me água, seu irmão começou a ficar com muito medo. Vamos embora, seu irmão carregava no “*epekakati*” (peneiro de palha de jarina).

Quando chegou mais na frente, encontrou um pé de “*xikixi*” (um pé de árvore de bacuri) aí a cabeça falou “*utxi*” estou com fome quero comer “*xikixi*” – então fica aqui eu vou lá. De cima da árvore jogou a fruta para ele comer, tudo o que comia nada satisfazia. O irmão começou a ficar com medo da cabeça. Então pensou, vou fugir. Começou a jogar “*xikixi*” perto do barranco, bem longe. Sem querer jogou bem longe o fruto “*xikixi*”. E a cabeça foi bolando na terra. Seu irmão desceu da árvore e fugiu, correu para o caminho de casa e largou a cabeça para trás.

Quando chegou ao lugar de igarapé todo alagado e pensou por onde o meu povo atravessou. Procurou um lugar e atravessou nadando, onde seus parentes tinham atravessado.

Quando a cabeça voltou ao pé da árvore falou “*utxi*”, joga mais “*xikixi*” para mim. Se não jogares vou te bater, aí percebeu que só tinha soado do periquito, entendeu que seu irmão não estava mais no local.

Quando o rapaz chegou à aldeia falou – a cabeça que foi cortada pelos “*dawá*” está vindo aí. Todos se reuniram numa casa só, e tiraram muita palha de “*padi pesku*” (palha murmuram que tem muito espinho) com essa palha cobriram toda a casa para a cabeça não entrar. Todos entraram na casa e ficaram em silêncio, com muito medo da cabeça.

A cabeça chegou à aldeia gritando: - Pessoal cheguei, abre a casa pra mim, - mãe eu cheguei abre a porta pra mim. Sua mãe e toda a aldeia ficaram em silêncio. E continuou falando sozinho vocês não vão abrir a casa eu vou entrar sozinho, procurou e não achou brecha para entrar. Vocês não vão abrir? Me dê comida que estou com fome. Sua mãe jogou bise (pamonha), comia e não enchia a barriga. Então a cabeça falou já que estão com medo de mim, jogue “*uxiyumé*” (linha de algodão) olha só “*uxiyumé*” não vai para eu chegar joga também “*туру paxi yumé*” (outra corda de algodão). Jogaram também para a cabeça. Com essa linha de algodão conseguiu subir ao céu.

Quando todos saíram da casa viram a cabeça que estava subindo. Todos ficaram admirados, olha a cabeça está iluminando. “*Usbe, usbe, usbe*” sua

mãe chorou e falou. Meu filho volta vem morar com a gente. Eu não posso mais voltar, antes de eu vir eu pedi para abrir a casa e vocês não abriram. A minha história vai ficar para sempre.

NUMA

HISTÓRIA DA JURITI

João Jaminawa

O homem tinha um roçado de banana, milho e macaxeira eram solteiros e morava com sua mãe. Sua mãe falou meu filho o teu roçado de banana o passarinho e “*yuwina*” (outros animais) estão acabando.

- Mãe estou indo fazer “*kesheti*” (casa de palha para esperar o bicho) no roçado construiu “*kesheti*” no lugar onde os animais mais comiam.” Ele entrou no “*kesheti*” e ficou esperando, apareceram dois numas (jurití) uma juriti chamou outro, “*txip?*” (irmã) vamos tirar desse lugar aqui, que tem muito. E o homem pensou, eles não animais, são gente igual nós, eu não vou matar, eu sou solteiro, não tenho mulher.

Saiu de seu “*kesheti*” e pegou a mais velha pelo cabelo, e a outra mais nova voou e sentou no pé de árvore. O homem falou você não é animal, você é gente igual nós, eu sou solteiro, minha mãe que pediu para vir aqui, ver o roçado. Nasce de novo como gente, se torna uma mulher. E a juriti se tornou mulher. O homem ficou muito feliz e animou, pegou a mulher e levou para a sua casa.

Antes de chegar a sua casa falou, olha fica aqui vou lá falar com minha mãe.

- Mãe, estou trazendo minha “*bibik?*”.

- Ah! Estou muito feliz, pode trazer, estou feliz por ter casado. Passado um tempo a mulher engravidou, teve um filho. Essa criança crescia muito rápida, era inteligente.

O seu pai foi caçar e matou um “*isw*” (um macaco preto). Ficaram as duas noras e sogra na casa, e a nora falou “*yushawu*” (minha sogra) dê uma olhada no seu neto que vou tomar um banho e volto já, cuida dele, que teu filho não chegou e o tempo está passando. Tudo o que fazia era tudo muito rápido. A criança chorou e vovó falou, - não choras não, cara é o do meu filho e a sua perninha de “*nuwa*” (jurití). Sua nora falou.

- Vem para cá meu filho, cara de seu pai e canela de numa.

- Eu não falei nada não, falei apenas a verdade, tu estás com raiva.

- Eu não estou com raiva não. A mãe falou para a criança, meu filho vamos tomar banho com seus tios e primos e saiu com a criança.

Quando o homem chegou da caçada perguntou. Mãe onde sua nora foi com o meu filho?

- Meu filho a tua mulher ficou com raiva, eu não estava falando nada com ela, foi embora.

- Mãe ela não é ser humano igual nós, ela é da família (clã) dos animais.
- Vou buscar teu neto e a minha mulher. E assim não comeu nada e foi direto buscar. De longe ouviu o barulho da família das juritis fazendo zoadá. Sua mulher estava tomando banho com seu filho no rio grande bem alagado e tinha muitas juritis lá. Sua irmã falou “*txipi?*” teu marido está bem ali.

Quando o marido encontrou a mulher falou:

- Vamos vim buscar, o meu filho também.
- Sua mulher falou, cuidado, minha família pode te matar, estamos fazendo brincadeira, festa e só minha família pode participar. Eu mudar a roupa e não venha pra cá, me espera que estou indo. Uma juriti sem saber de nada passou por lá e rolou-o com um “*shatxi?*” (folha de palha que corta) bem no meio. Caiu um pedaço do corpo para cada lado. A mulher falou vocês mataram o meu marido, olha o que vocês fizeram, e chorou. Sua esposa pegou os dois pedaços e emendou. Ele acordou e perguntou o que aconteceu mulher?

- Olha a minha família estava brincando, sem saber de nada a minha irmã te rolou no meio. Eu te avisei que não era para vir para cá. Então o marido falou.

- Vamos embora para a casa.

- A mulher falou, eu não vou mais. Porque você já morreu, eu te dei a vida de novo, você vai chegar à sua casa, vai demorar um pouco e vai morrer. Eu vou sentir muita saudade de você, não vou parar de chorar, a minha voz, vai ficar para sempre. Os novos que vão vim aí vão escutar o meu choro. Por isso, não posso ir contigo. Quando sua mãe perguntar o que estavas fazendo? Fala que estava doente, com muita febre.

O homem voltou sozinho para a sua casa. Sua mãe perguntou meu filho o que estava fazendo? Mãe eu estava doente, eu queria que a senhora fizesse fogo, estou com muito frio, se esquentou e morreu. As juritis continuam chorando na mata, todo Jaminawa escuta o seu no choro da mata. É um choro triste. É um pássaro que ninguém come.

TIKU PIPITIADI

VISITA DE UM CUNHADO ISOLADO

João Jaminawa

A mulher casou e foi morar numa aldeia distante de seu povo. Lá teve muitos filhos. Certa vez o seu irmão avisou para sua esposa que ia visitar a sua irmã, vou visitá-la e queria que tu pelasses a “*veshkeu aki*” (sobrancelha).

De manhãzinha chamou ela e falou: Amor já estou indo e saiu a procura de sua irmã. De tardezinha o seu esposo falou, olha o teu irmão vindo ali. Quando chegou à casa de sua irmã, ela chorou nos seus pés. E o seu esposo falou: - Tira comida para seu irmão, está cansado e não comeu. A comida oferecida foi “*isu*”, (macaco preto), só que para o rapaz, ele conhecia a comida oferecida como “*iiku*” (bico de brasa), eu não estou com fome, pode dar comida a seus filhos que eu estou de barriga cheia (na verdade ele sabia que aquele pássaro não tinha quase nada de carne).

E começo a procurar na casa o pelo do macaco e não encontrou nada, só encontro pena de “*iiku*” e pensou minha irmã come sem saber que não “*isu*” come “*iiku*”.

Quando anoiteceu, todos estavam deitados e o seu marido falou. Era, aqui perto, tem muito “*yuxi*” (alma). E o seu cunhado ouvindo a conversa e falou. Meu cunhado de manhã quer que vá mostrar para eu ver onde fica esse “*yuxi*”. Seu cunhado respondeu, ah! Meus cunhados são muito valentes, tu não consegues matar eles, se chegar perto vão de comer.

- Eu quero ver.

- De manhã me leva lá onde tem “*yuxi*”

- Tudo bem, de manhã vamos lá com muito cuidado.

Cedinho falou “*Anã*” vamos lá, vou te mostrar esse “*yuxi*”. Sua esposa tinha cozinhado o “*iiku*” e falou come “*isu*”. Não, pode dar comida para os teus filhos, eu não estou com fome.

Os dois saíram para a mata. Vamos ver esse “*yuxi*”, temos que ter muito cuidado, eles são pretão. No caminho, seu cunhado falou aqui tem muito “*isu*”. Quando chegou perto escutou muito barulho de “*isu*”, estavam mansos, chegou tão perto que nunca ninguém tinha matado.

O irmão de sua esposa falou, fica aqui, que eu vou lá ver e começou a flechar “*isu*”. Flechou um bem grande e gordo. O seu cunhado correu com medo pensando que “*yuxi*” estava comendo seu cunhado.

Ele gritou: “*Anea*”, ninguém respondeu nada. Será que meu cunhado já correu. “*Anã*”, “*Anã*”, viu que ninguém respondeu, fez um peneiro, jogou nas costas cheio de “*isu*” e veio para a casa.

Quando chegou a casa de sua irmã, ela tinha pelado a sua cabeça de saudade, pensando que “*yuxi*” (alma) tinha comido seu irmão. Chegou da caçada com o peneiro cheio de “*isu*”. Sua irmã ofereceu “*mamá*” (mingau de milho) e “*pmá*” (batata).

Falou, minha irmã isso aqui é “*isu*”, esquentar água, pode pelar para nós comer. Matou os “*isu*” com seus filhotes e sua irmã fez uma panelada de comida. Pode tirar do fogo, está no ponto de comer. Desde que cheguei vocês não comem bem, agora podem comer, chama as crianças, teu marido. Assim que a gente come, para a nossa barriga ficar cheio.

Meu cunhado, eu não vou comer esse “*yuxi*” não. Se eu comer eu morro. Tá bom não come não. Todos comeram.

- Quando todos comeram chegou perto de sua esposa falou. Mulher me dá um pedaço também. Tu estás comendo e não morreu. Ele provou e achou bem gostoso.

Depois da janta, todos foram dormir, e quando o dia vinha amanhecendo falou. Falou cunhado, aquele “*tiku*” que tu matavas para comer não era “*isu*”.

“*Isu*” é isso, de manhãzinha vou à mata te levar e mostrar todos os animais para tu conheceres. Ensinou o nome dos principais animais para alimentação “*Isu*” (macaco preto) “*xidu*” (macaco prego) “*ushu*”, (macaco cairara) “*rukavu*”, (macaco peludo) “*wasá*”, (macaco de cheiro) “*na*” (tamanduá) “*titunái*”, (preguiça) “*udu*”, (porco do mato) “*txashu*”, (veado) “*ava*”, (anta) “*kaxtá*”, (tatu) “*shavé*” (jabuti). Esses animais é que você deve matar para alimentar os meus sobrinhos e minhas irmãs. Agora estou indo para a minha casa.

YUVAXI DAVAVU

HISTÓRIA DOS POVOS SOVINAS

Carlito Jaminawa

Os “*Yuvaxi davavu*” não tinham macaxeira, milho, banana, fogo, mamão e batata. Eles preparavam sua comida com a força do sol. Quando faziam seus roçados, corriam atrás de outros parentes. Porém os parentes só davam semente assada e quando plantavam não nascia nada. O nome desse povo que negava a semente era “*Yuvaxi davavu*” (aquele que não gosta de ajudar, miserável). Esse povo “*Yuvaxi davavu*”, tinha muito cuidado com seus alimentos, semente, ficavam com medo de outro roubar deles. Porém os foram pedir ajuda.

Já que esse povo está achando que nós somos ladrões, vamos lá roubar. Então perguntaram entre si quem tem coragem? Vamos lá roubar. Ai “*Dutxu tukuru*” (nome de um pássaro pequeno) recebeu a ordem, tu chegas molhado, e vai para roubar. Ao chegar à aldeia “*Yuvaxi davavu*”, o filho do chefe estava doente, com febre, se esquentando no fogo. Ai “*Dutxu tukuru*” falou - “*txal*” eu vim passear.

- Fica aí e não mexe em nada.

- Não vou mexer em nada.

- Vou ali e volto já. E contou todas as sementes de milho que havia debulhado. Ele contava de dois em dois. Saiu e voltou e logo. Quando chegou olhou o milho para ver se “*Dutxu tukuru*” não tinha roubado nenhuma semente.

“*Dutxu tukuru*” pegou uma semente escondeu no “*wixki retxuku*” (ponta do pênis). Daí o rapaz chegou e foi conferir as sementes de dois em dois e faltava uma.

- “*Txal*” está faltando uma semente, foste tu que pegaste?

- Não fui eu não.

- Então contou novamente. E aí falou está faltando mesmo e foste tu que pegaste. Eu vou te revistar todinho. Abriu a boca, olho, ouvido, nariz. Aí falou só teve um canto que não eu vi. Eu vou “*vuxkipu*” (abrir o couro do pênis).

- “*Dutxu tukuru*” falou você não pode fazer isso. Só quando eu tiver usando a mulher.

- “*Yuvaxi davavu*” falou foste tu que roubaste. E pegou sua arma. Quando virou para bater ele, rápido, entrou na mata.

- Ele já correu, vamos fazer o fogo. Chamou todo o seu povo e entraram na mata. Queimaram tudo onde “*Dutxu tukuru*” tinha entrado.

“*Dutxu tukuru*” chegou alegre na sua aldeia, eu cheguei e trouxe a semente e agora vamos plantar. Fizeram um roçado grande e deu muito milho. Só desse milho, deu quatro qualidades de milho e comemoram.

- Nós já temos muito milho precisamos roubar o fogo. “*Txere*” (periquito) foi designado para roubar o fogo. Antes de ir, “*Txere*” fez um buraco dentro do “mulateiro” (espécie de árvore da região amazônica) seco para jogar a brasa e se molhou todinho.

- “*Txere*” chegou à casa do “*Ywaxi davavú*” e falou.

- “*Txaí*” estou com frio deixa me esquentar.

- Fica se esquentando e não mexe nada, eu fiz fogo para o meu filho que está com febre.

- “*Txere*” pegou um pedaço de pau e jogou dentro do fogo.

“*Ywaxi davavú*” falou vou te açoitar. Pegou um pedaço de brasa e jogou nele. Caiu um pedaço de brasa bem grande no pé dele. Ele pegou esse pedaço de brasa e correu. “*Ywaxi davavú*” ficou gritando. “*Txere*” levou brasa com bico dele. Levou à brasa direta para o “mulateiro”, onde havia cavado o buraco. O “mulateiro” logo pegou fogo. “*Ywaxi davavú*” ficou com raiva e falou agora vamos fazer chover para pagar o fogo deles. E veio muita chuva.

Os Parentes dos “*txere*” chamaram “*Íxpí*” (urubu rei) para vir proteger porque tem asa muito grande, e a chuva não apagar o fogo, enquanto o fogo estava sendo protegido, “*txere*” correu para pagar o fogo de seu bico que estava queimando. O bico do “*txere*” ficou curto. A chuva foram parando eles fizeram muita lenha para não pagar o fogo. Foi a primeira vez que fizeram a comida com fogo.

Pensou, como vamos conseguir banana, macaxeira? Eles estão muito atentos agora. Como vamos fazer? Vamos começar a matar eles, vamos começar uma guerra para sobreviver. Vamos mandar o “*Paku*” (tatu grande). A ideia era o tatu fazer um buraco grande por baixo da terra. O “*Paku*” falou – não posso, por onde passo quebro tudo e faço muito barulho. E pediram para “*Keshú*” (tatu pequeno). O tatu pequeno fez o buraco por baixo da terra. “*Keshú*” avisou o buraco está feito, agora vamos. Foram para a guerra, “*Ásí*”. (mutum) “*Deyá*”, (Jacamim) “*Tíco*”, (Bico de brasa) “*Kana Shau Ika*”. Foram matar “*Ywaxi davavú*”. Todos saíram gritando. O “*Ywaxi davavú*” percebeu que ia matá-lo, desceu e caiu no buraco feito pelo “*Keshú*” (tatu pequeno).

Eles tentavam matar e não conseguiam, e o “*Íleku*” foi o único que acertou matar. Quando “*Ywaxi davavú*” morreu, “*Desá*” (Jabuti pequeno) chegou e tomou o mingau do falecido “*Ywaxi davavú*”. “*Deyá*” se molhou com brasa da bunda do falecido, “*Ásí*” pegou o sangue do falecido e molhou todos. Todos comemoram porque venceram a guerra. Agora vamos embora.

Eles iam e voltavam, não conseguiam voltar mais para suas casas. Nós temos que fazer alguma coisa, não conseguiremos voltar para onde vie-

mos. Nós nunca mais vamos conseguir viver juntos. Então vamos decidir viver aqui. “*Isken*” (Japim) falou - eu vou ser “*Isken*” e vocês escolhem o que querem ser. “*Taku*” escolheu ser saracura, agora todos vão nos conhecer como “*ASP*”, “*DEYA*”, “*TĪKU*”, “*KADA*” (Arara). Cada um segue seu rumo, vai fazer sua vida e se espalharam. Hoje nós não conseguimos viver mais juntos. Os animais também se espalharam e todos vivem assim: arara com arara, periquito com periquito, tatu com tatu.

INAVA SHADU

HISTÓRIA DA MÃE DA NATUREZA

João Jaminawa

Mãe e filha eram solteiras e moravam as duas sozinhas numa casa, a filha tinha sua rede armada bem baixa. Sua mãe falou:

- Como consegue dormir assim, tem muita sujeira perto de sua dormida.

- Não mãe, eu gosto de dormir assim. Pode deixar eu mesmo ajeito, faço depois. Toda a noite sua mãe escutava risos, falas, como se estivesse namorando homem. E pensou, será que alguém dorme com a minha filha?

- Mas nunca perguntava para sua filha. A mãe começou a suspeitar quando a barriga da filha começou a crescer. Com que tu conversas todas as noites? Minha filha quero saber, se está dormindo com os teus primos, sua barriga está crescendo, com quem está dormindo?

A filha não respondeu nada, apenas falou para mãe que estava desejando comer bodó, - vou pescar e não mexa nada no meu quarto. Quando foi pescar, sua mãe foi ajeitar a coisa no quarto dela, devido a muita sujeira, e assim foi ajeitando aí achou um “*kíte*” (panela de barro). Deu vontade, ela abriu o “*kíte*”.

Quando ela abriu “*Shade Nĩvi*” respondeu: - “*Atxe txukush*” (minhoca’ respondeu).

- Sou eu minha sogra.

- Você é meu genro! A mulher ficou com muita raiva, vou te ensinar meu genro agora. Esquentou a água e jogou em cima da minhoca e matou a minhoca. E pensou, se essa é a minhoca com quem minha filha dorme toda noite vou deixar no caminho para ela perceber. Se for mesmo o marido dela, vai ficar com raiva.

Quando sua filha voltou da pescaria, viu a minhoca morta no meio do caminho e começou a chorar. “A mãe matou o meu marido”. E a filha falou “mãe você matou meu marido”. Sua mãe respondeu “essa minhoca não é meu genro”. A filha ficou com raiva jogou os bodós fora e foi chorando pelo mato falando: “*Inawa Shanu*” (onça grande), vem comer eu, minha mãe matou o meu marido. Os dois filhos “*Inawa Shanu*” que estavam pescando com tinguí ouviram a mulher gritar. Meu irmão vem alguém gritando, vamos ver quem é essa pessoa? Porque nossa prima vem gritando, nossa mãe? Nossa mãe não está sabendo de nada? O que tu vem gritando, “*bibiki*” (prima).

- Minha mãe matou o meu marido!. O irmão falou, - vou dar uma volta e tu perguntas quem engravidou ela. O irmão não perguntou nada já queria “*txuta*” (fazer sexo) com ela. Ela respondeu:

- Não posso ficar contigo, porque estou grávida, se eu vou “*txuta*” contigo alguma coisa vai acontecer, é muito perigoso.

Só para ter ideia pega um pouco de tinguí para ver o que vai acontecer. Olha, quando eu for ganhar o nenê, coloca tinguí e mata todinho, porque é perigoso. No futuro vai matar vocês, não deixa escapar nenhum. Quando ela foi ganhar o nenê, saiu lagarta, formiga, tucandeira. Ele não conseguiu matar tudo, por que era muito bicho. Chamou seu irmão mais velho, vamos embora que “*bibiki*”, já ganhou seus filhos e temos que ir depressa.

- Junta essa “*wipa*” (piaba) e vamos levar para nossa mãe. Os dois rapazes falaram para “*bibiki*”, você deve voltar para sua casa. Ela respondeu:

- Não posso voltar para casa, minha mãe matou o meu marido. - O rapaz a convidou para ir com eles. Os dois rapazes levaram “*bibiki*” e os peixes para a casa deles. Quando “*Inawa Shanu*” viu falou: fico feliz por ter casado. Já deveriam ter casado há muito tempo. “*Inawa Shadu*”. (onça) estava disfarçando, ela queria comer “*bibiki*”.

Nós já sabemos como é nossa mãe, temos que ter cuidado para que “*bibiki*” não ser comida. “*Keshu*” irmã da “*Inawa Shadu*” cuidava bem das pessoas. Então pediram para “*Keshu*” cuidar de “*bibiki*”. “*Keshu*” recebeu “*bibiki*”, e quando “*Inawa Shadu*” chegou perto de “*bibiki*”, falou “Não chega perto de nossa nora, já te conheço, queres fazer alguma coisa com ela”.

Quando caiu a noite, os dois irmãos combinaram: - Se eu dormir fica acordado por que a nossa mãe vai querer fazer alguma coisa com ela. A mulher ficou com os dois dormindo. De repente “*Inawa Shadu*” estava perto da mulher. Os filhos perguntaram: - Mãe o que tu fazes aqui? Ela respondeu vim proteger para “*Kexu*” (inseto) não pegar ela. -Está mentindo mãe. - Tu queres comer ela, vai embora, pode sair. Ela foi embora em seguida voltou e deu uma beliscada com unha. O que foi? A mãe de vocês veio me beliscar. Brigaram com ela, e o dia amanheceu. Com tempo ficou grávida dos dois rapazes. Teve os filhos dos dois rapazes.

Quando o menino já estava andando, se arrastando pela casa, chegou a época do roçado e os dois irmãos foram brocar. Falaram para “*Kexu*”, olhe nossa criança, porque não confiamos em nossa mãe. “*Kexu*”, a criança, a mulher e “*Inawa Shadu*” ficaram na casa. “*Inawa Shadu*” se aproximou da criança e falou: - Deixa meu neto, “*Kexu*” falou “não se aproxime da criança”. Pegou a criança à força e jogou dentro de uma panela e cozinhou a criança para comer. A mãe da criança saiu gritando, os dois irmãos escutaram e pensaram que alguma coisa aconteceu. - A mãe de vocês comeu nosso filho. Ficaram com

raiva e foram atrás da mãe. Encontraram a mãe comendo a criança. Chegaram com machado para matar “*Inava Shadu*”, porém não conseguiram matar o couro era duro, feito de pedra.

“*Inava Shadu*” a vó da bichada (mulher ferro) falou as minhas costas estão ardendo, para vocês poderem me matar vou ensinar, vocês vão ter que fazer fogo, tirar muita lenha. É com fogo que eu morro. Vocês me queimando, vocês não vão ficar de fora, procure um lugar seguro para se esconder, por que vai espalhar fogo para todos os lados vocês têm que se esconder onde fizeram “*shadu*” (canoa). Porque vocês já mataram a tia de vocês e ninguém vai proteger vocês. Eu conseguia machado, terçado. Agora vai ser difícil, eu não nascer de novo para morar com vocês. Vocês virem a canoa e escondam debaixo, porque quando eu morrer vai vir “*utxi*”, (irmão), “*kuka*”, (tio), “*bibi-ki*” (prima), vão matar vocês. Mesmo assim os filhos mataram “*Inava Shadu*”, jogaram ela no meio do fogo forte.

Quando a família da onça chegou procurando por eles, lá só estava “*ntsa*”, (coelho) que falou “já foi todo mundo embora”. Os dois rapazes voltaram a morar com a família da mulher.

INAVA SHADU PUTSE PAKEDI

HISTÓRIA DO JABUTI E DA ONÇA MÁ

João Jaminawa

Antigamente os Jabutis andavam todos juntos. Estava acontecendo uma festa dos Jabutis nos barreiros. Nesta festa estavam presentes muitos Jabutis. Apareceu uma onça que chegou falando: - “*bibiki*”, o que estão fazendo?

- Ah! “*Bibiki*” e eu estamos fazendo um bolo e comendo.

- Deixa brincar mais vocês?

- Não você não pode brincar aqui. Nós estamos acostumados a brincar.

- Não, eu vou brincar, eu sou homem. E foi, entrou no ritmo da festa e brincando com Jabuti e caiu em cima de uma árvore de murmuram. Os Jabutis falaram: - Nosso primo já morreu, ele não nos escutou. O que vamos fazer com ele? Os Jabutis machos ficaram preocupados, - Ele já morreu, daqui a pouco vem o irmão dele. O irmão dele não vai gostar de ver ele morto aqui. O Jabuti pequeno falou: nós não podemos fazer nada, vamos comer a carne dele. Todos começaram a comer, pegaram o fígado e fizeram “*kawa*” (pedaço de fígado) guardado na folha de sororoca misturado com “*txura paxkara*” (orelha de pau).

Escutaram a onça gritando pelo irmão e procurando através do rastro. A onça chegou e perguntou:

- “*Txai* e “*Bibiki*” onde o primo de vocês foi?”

- Não sabemos para onde foi nós estamos brincando e fazendo festa.

- O rastro dele diz que ele veio aqui.

- Nós não sabemos. E aí a onça procurou, procurou e disse o rastro dele parou aqui.

- O que vocês têm aí amarrado na folha de sororoca?

- Não é nada não, isso é nosso alimento. Nosso costume é fazer “*txura paskara*” (orelha de pau).

- Então me mostra se isso mesmo que estão falando?

- A gente não pode.

- Me dá isso, senão vou arrancar braço de vocês. Quando a onça abriu era o fígado do irmão dele. “Ah, tá vocês que comeram o primo de vocês. Daí, a onça ficou com muita raiva e foi tirando o pedaço de braço, de perna só deixando o couro segurando.” Depois os Jabutis ficaram todos jogados não podiam nem andar.

A onça foi embora, chegou “*Nixvinuwa*” (caba grande), “*Nixvinuwa*” era cabeludo, ficou assustado. Nossa! O que aconteceu com vocês?

- “*Txai*” foi o nosso primo que fez isso com nós. Vê se ajuda a gente.
- Veja, eu vou ajudar a vocês e colocar braços, pernas de vocês, não pode morar mais junto, vão se espalhar. “*Nixvinuma*” colocou os braços, as pernas, não do jeito que estavam. Foi colocado tudo errado. Não posso ajudar mais do que isso. O que eu podia já fiz. Todos os Jabutis se espalharam e até hoje vivem com os braços e pernas tortas.

IXPA VAVE SHUKADI

HISTÓRIA DE UM HOMEM QUE SE
RECUPEROU DA SUA SAÚDE

João Jaminawa

Todos os povos da aldeia combinaram de abrir outra comunidade bem distante. A mulher chamou sua filha e falou: - Filha, vamos sair daqui. A menina perguntou: - Meu pai também vai? E a mãe respondeu, - Seu pai está muito velho e doente não dá conta de andar. Já está quase morrendo. - Minha filha vamos embora, todos estão indo.

- A filha respondeu a mãe, - eu não posso sair daqui e abandonar meu pai. Só vou sair daqui quando ele morrer. E o povo foi embora, ficou apenas a filha e o pai. Eles criavam um “*Kumáwa*” (nambu grande). À noite o velhinho falou:

- “*Atxi*” (filha) olha essa noite morcego me roeu forro do meu “*pixi*” (esteira) vou me esquentar com sol, o velhinho ficou deitado. No outro dia pediu novamente. “*Atxi*” forra “*pixi*” pra mim, que vou me esquentar no sol. O velhinho ficou no sol se esquentando, dormindo. Veio “*ixpi*” (urubu rei) e beliscou ele, tirou um pedaço de carne onde o morcego tinha cortado, o velhinho falou traz água pra eu lavar. A filha lavou a água para lavar onde “*Ixpí*” tinha beliscado. O “*Ixpí*” saiu voando e foi avisar para os outros urubus, que ali tinha muita carne.

Os outros urubus falaram:

- É verdade, não está mentindo?

- “Só para tirar dúvida, eu vou vomitar.” Vomitou um pedaço de carne do velhinho. Todos acreditaram e combinaram para ir comer o velhinho. Os urubus ficaram alegres e combinaram ir lá ver.

O velhinho falou para sua filha, fica quietinha aí que os urubus vêm aqui me comer, traz minha “*shewá*” (coberta) todos combinaram que vem comer. Um dos Urubus veio olhar o velhinho e voltou para avisar, é verdade, está estragando muita carne.

“*Aixpi*” falou: - Deixa me arrumar, as minhas duas mulheres estão pintando de jenipapo, quando estava se pintando. - Saiu um urubu na frente, e avisou que não ia esperar ninguém já vou à frente comer. - Vou começar pela a bunda dele, porque o outro “*ixpi*” vai comer os olhos dele. O velhinho arrumou “*Kipiti*” (uma espécie de bengala) quando urubu chegou para beliscar. O velhinho falou: - eu não estou morto e pegou seu “*Kipiti*” e deu na canela do Urubu. - Minha filha fica quieta, que vai chegar “*Īxpinuwa*” (urubu grande)

e muitos urubus para me comer. Então esse urubu que apanhou ficou no galho da árvore, sentado, quietinho. Os urubus seus parentes se espantaram, por que ele está quieto, de barriga cheia. O velhinho escutava os comentários todos os urubus, todos esperavam pelo “*ixpi*”, que estava para chegar.

- O velhinho falou “*Atxi*”, daqui a pouco o “*ixpi*” vai chegar e vão me comer. De longe escutou “*ixpi*” vir de chegando do céu, rodando, descendo e chegando perto dele.

- “*Ixpi*” perguntou como estão as coisas? Estamos esperando só você chegar. “*ixpinuma*” falou - a cabeça e o olho são meus, vou me alimentar com minha mulher, da bunda para baixo é para outro pajé.

O velhinho estava escutando e já estava todo sujo de merda os urubus já tinham feito fezes em cima dele. O velhinho estava com seu “*Kipiti*”. “*Nixvinuma*” (urubu pajé) tirou seus enfeites, colares, anéis, “*coças*”, deixaram arrumados no chão para não sujar. “*Nixvinuma*” já ia bicando nele e o velhinho bateu no pajé. O Urubu que já tinha levado uma surra falou: - já tinha avisado vocês não quiseram me escutar. Todos voaram e foram embora e largaram enfeites para trás. O velhinho apanhou os enfeites e guardou na sua casa.

Chegou um urubu na casa do velhinho e falou: “*Daiwa*” (pessoa muito doente). O cacique “*Nixvinuma*” pediu para eu vim buscar os enfeites dele. O velhinho respondeu:

- Pede para ele vir buscar.

- Não, me mandou vim aqui buscar. - O velhinho ficou com raiva e falou quer que te açoite de novo. O urubu voou e foi embora.

- Em seguida veio outro Urubu e falou “*Daiwa*” o cacique mandou buscar os enfeites dele. Já avisei que não posso mais mandar. E Urubu não insistiu foi embora. O velhinho falou “*Atxi*” vem me lavar o urubu fez me defecou tudo, ajeitar tudo que não morri ainda, o urubu pensa que vai me comer.

Quando anoiteceu, o velhinho escutou muito barulho que vinha se aproximando de sua casa. Eram muitos ratos até que vinha caçar a noite. Os ratos falaram:

- Tu mataste o maior, eu matei o pequeno. O velhinho não sabia que era rato. Acordou sua filha e falou:

- “*Atxai*”. Está vindo gente aí e pode fazer alguma coisa comigo. Os ratos foram se aproximando para perto dele. O rato falou:- coitadinho, olha a situação que esse velhinho, vamos fazer comida pertinho do “*Daiwa*”, fizeram fogo e comeram assado. O velhinho estava deitado e ouvia toda a conversa. O velhinho, falou:

- Pessoal, me ajudem façam alguma coisa por mim.

- Pode falar. O queres? Estamos aqui.

- Nós vamos te ajudar. Um rato pegou na perna, e outros na cabeça puxaram todo couro velho e transformaram o velhinho em uma pessoa nova.

E o rato recomendou você não joga esse couro velho, guarda. Os ratos foram embora.

E o velhinho falou: - “*Atxi, baka yusbi*” (almas do rato) os ratos fizeram alguma coisa comigo, me curaram, agora vamos atrás da sua mãe, porque sinto saudade dela, levanta e vamos viajar. Pegaram as bagagens e colocaram dentro do “*ximati*” (peneiro) e foram embora. As armas como flecha, “borduna”, arpão e o couro dele. Pegaram o nambu grande e mandaram na frente.

“*Atxi*”, chegando lá no local e fala para tua mãe, se ela pensa em mim? Gosta de mim? Pedir “*waka*” (água) pra mim e vê o que ela vai falar. Enquanto caminhavam chamava o “*sbada eshe*” (nambu grande) mostra o caminho, para onde o nosso povo foi. “*Shadaeshe*” ia muito longe e buzina na direção que devia chegar. Caminharam muito até chegar ao local onde seus parentes tinham acampados. “*Atxi*” estão perto, esse acampamento foi deles.

“*Shada eshe*” está longe ainda, e o nambu buzinou dando sinal que estava perto. “*Atxi*” está perto. Chegaram à aldeia, havia roçado, macaxeira plantado, nossos parentes moram aqui. A mãe da menina escutou a buzina do “*Shada eshe*” pensou. Nossa! Há tempo não escuto essa buzina, será que meu marido morreu, será que é a minha filha que está vindo. Colocou o seu couro de velhinho e falou:

- “*Atxi*”, pergunta a sua mãe, se ela vai me dar água. Chegou bem velhinho, todo se tremendo. O povo da aldeia falou: - Olha! O teu marido vem chegando. Chegou à aldeia a mãe abraçou a filha e chorou. Mãe meu pai está pedindo água. Minha filha eu sinto muito, não posso dá água para ele, tenho nojo desse velho, velho sujo.

O velhinho escutou sua esposa falar e falou: - “*Atxi*”, não tem problema, se tua mãe não quer dar água, tudo bem, não aperreia. O cacique da aldeia falou como a mulher dele não quer receber, traga pra cá, como cacique vou recebê-lo. A mulher ficou falando: - Como pode receber um velho desse sujo, onde moram as duas filhas dele!

Ao anoitecer o velhinho arrancou o seu couro velho e colocou o couro novo e já casou com duas filhas do cacique. De manhã, voltou novamente a colocar o couro velho. A mulher dele falou nossa! - Como essas duas meninas queiram casar com velhinho desse fedido, tanto homem aí, casar com velho desse.

À noite o cacique comentou com sua esposa, escuto todas as noites, nosso genro falar com voz de novo e não de velho. O cacique falou: - Mulher ia derrubar o roçado hoje, como está sem comida vou caçar e pela tarde vou derrubar o roçado.

O homem estava ouvindo a conversa do sogro e da sogra. Quando o dia amanheceu o velhinho falou: - Mostra onde é roçado do pai de vocês.

Uma das meninas não queria que ele trabalhasse, por que ela tinha visto ele de novo. A outra queria que trabalhasse, pegou o machado e o roçado e deu para ele trabalhar. O velhinho ao ir trabalhar, passou por perto da casa de sua ex-mulher e ela falou: - Nossa, como um velhinho desse vai trabalhar, tomara que pegue um golpe e morra logo. O velhinho nem ligou para conversa, foi embora trabalhar.

O pai da menina foi caçar e o velhinho foi para roçado, tirou o couro velho e começou a trabalhar. No roçado derrubou os paus mais grossos que tinha no roçado. Cada árvore que derrubava ele gritava comemorando. Sua ex-mulher falava, um velho desses ainda tem coragem de trabalhar. Quando chegou três horas da tarde chegou da caçada e foi olhar o seu roçado e ficou olhando escondido. Viu que era um jovem novo, e viu o couro velho pendurado no pau.

Chamou sua esposa e falou: - Passei lá no roçado e vi nosso genro, ele não é velho, ele é novo, vi um couro velho pendurado no pau. Chamou as suas filhas, vem catar mucuim de mim. Ele falou: - “*Atxi*” eu passei no roçado, vi o marido de vocês, ele não é velho, é novo, está trabalhando. Tem um couro velho pendurado. O marido de vocês “*shukubi*” (despelado).

A mais velha falou para a mais nova, - eu vou pegar ele. Tu corres pega o couro velho. Quando chegaram ao local do roçado, conforme o combinado a mais velha segurou ele. E gritou para a mais nova, vai joga o couro velho dele. Ele gritava: - Não façam isso comigo não. O couro velho dele estava cheio de abelha, mosquito. A mais nova pegou o couro velho e colocou dentro do tronco de “*paxiúba*” e escondeu.

Tudo bem, já jogaram o meu couro, agora vocês vão ter que me esperar, só tem um pau para derrubar. O rapaz estava cheirando de jenipapo e falou: - Vou tomar um banho para poder ir para casa. Ele tomou banho, pegou flecha, machado e foram embora. Ele estava com enfeite que tinha pegado dos urubus. Enquanto caminhava fazia suada no corpo dele.

Ao voltar passou na frente da casa da ex-mulher dele. A mulher foi atrás dele e falou: - Trouxe a minha dormida e vou ficar perto de vocês. O homem falou - quando cheguei você negou água, me chamava de sujo, negou água para mim. Pegou a rede dela e jogou no chão, eu não posso ficar contigo já casei com as mulheres e não há mais jeito.

DUKUYEDE KASHE BISTU RUPUTU PESTE VÍ TXEPEDI

HISTÓRIA DO UM HOMEM,
CARAPANÃ, MUTUCA E O PIUM

João Jaminawa

A liderança da aldeia reuniu todo mundo e disse: - Hoje nós vamos pescar e caçar. Todos os homens e mulheres saíram juntos. - Nós vamos pescar e caçar hoje e amanhã, nós vamos para o roçado. Vamos todos procurar comida e assim nós vamos trabalhar e nos alimentar, depois nós vamos passar um bom tempo sem procurar comida, só cuidando de nossa aldeia. Saíram na parte da manhã.

No meio da mata, no caminho para a caçada, o grupo encontrou uma casa de “*ruputu*” (pium). Um homem sabido da aldeia disse para todos: - Olha não podemos mexer nisso, se a gente mexer o “*ruputu*” vai sair e vai comer todos nós. Continuaram a caminhada e chegando na beira de um igarapé fizeram um grande “*tapas*” (acampamento). O cacique reuniu todo mundo e disse: - Já está anoitecendo, vamos descansar aqui e amanhã seguiremos; perguntou quantas pessoas tinham; e fez a contagem, perceberam que estava faltando um casal. O cacique percebeu que o homem que estava faltando era um parente que sempre se metia em confusão, pois se achava o mais valente de todos os homens da aldeia.

O casal que tinha ficado para trás encontrou a casa do “*ruputu*”. O homem disse para a mulher: - Vai à frente com nosso filho que eu vou derrubar este “*ruputu*”, vou mostrar que eu sou homem, vou mostrar como é que se faz. Ele foi chegando perto da casa, ela era muito grande e estava grudada em uma folha muito grande. Ele pegou uma vara e derrubou a casa de “*ruputu*”. Quando o “*ruputu*” caiu foi tomando todo o corpo do homem que o mesmo nem teve tempo de correr. De longe a esposa escutava seus gritos e começou a chorar dizendo: - Meu marido morreu.

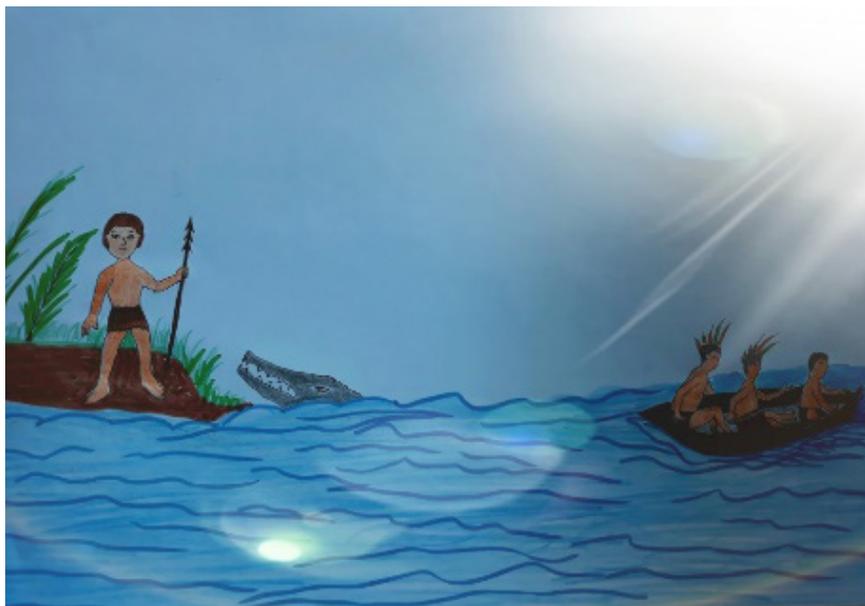
No acampamento o povo começou a sentir as picadas do “*ruputu*” e diziam foi o parente gaiato que derrubou a casa do “*ruputu*”; agora a gente vai ter sempre que nos proteger com fogo, para manter afastado o “*ruputu*”.

O cacique dizia: - No futuro nossas gerações vão saber dessa história e compreender que devemos respeitar a sabedoria dos mais velhos, pois por causa da teimosia de um todas as gerações vão sofrer a consequência.

RUWA IXPITABU

HISTÓRIA DO JACARÉ GRANDE

Ricardo Jaminawa



Os parentes Jaminawa foram atrás de “*Pasharuwe*” (pedra para fazer machado e terçado). A maioria das pessoas não gostava de “*RUWA IXPITABU*”, tinha apenas um primo que gostava. Todos saíram de canoa na busca de “*Pasharuwe*”, (pedra) quando chegaram ao lugar onde tinha muito balseiro. O chefe do barco falou:

– levanta todo mundo que vamos empurrar a canoa. Quando todos saíram para empurrar canoa deixaram o “*RUWA IXPITAWA*” em cima do pau.

- Gente não faça isso comigo, não me deixe aqui não.

- Fica aí mesmo, vamos pedir para o teu “*txai*” (amigo) vir te buscar.

A canoa foi embora deixando o “*RUWA IXPITABU*” para trás. Começou a pegar sol, passar fome e pegar muita chuva. O tempo passou, quando já estava tarde, escutou criança chorando por debaixo d’ água. Então, escutou uma mulher falar do fundo d’ água – não chora não meu filho, teu pai foi caçar. Essa mulher era da família do “*edemê dua yuxi*” (família do povo d’ água). “*Ruwa Ixpitabu*” ficou com muito medo. Essa mulher era esposa do

“*varinaku*”, então colocou a cabeça para fora da água e viu o rapaz sentado em cima do pau. E perguntou: - quem é você? De onde tu vieste? O rapaz respondeu - olha o pessoal foi buscar “*pasharume*” e me deixaram sozinho aqui, estou sem fazer nada. A mulher voltou a perguntar - olha como é teu nome? E ele respondeu - meu nome “*Ruwa Ixpitabu*”.

Quando ouviu falar isso, ela falou você é irmão do meu marido (família d’água) ele anda caçando. Quando o meu marido chegar eu vou avisar para ele.

Quando seu marido chegou trouxe com “*udu*” (porco do mato) e “*ywawa*” (queixada) Ofereceu comida para seu marido e chamou para quarto e falou: marido – veja, eu fui jogar “*txaka*” (coisa velha) e encontrei um homem sentado em cima do pau, perguntei o nome dele e ele me respondeu que é “*Ruwa Ixpitabu*”. Vai lá dar uma olhada. Ele foi lá onde estava “*Ruwa Ixpitabu*” e perguntou: - Quem é você? Como é o seu nome? “*Ruwa Ixpitabu*” respondeu: - meu pai e mãe colocaram de “*Ruwa Ixpitabu*”. - Ah! Rapaz, tu não estás mentindo não? - Não estou mentindo. - Nunca ouvi falar esse nome aí, você é irmão. Como veio parar aqui? - O pessoal foi buscar “*pasharume*” e deixaram aqui. - Vamos conversar em casa? - Não posso ir não.

Ele pegou um remédio, esfregou na cara e assoprou nele. “*Ruwa Ixpitabu*” viu uma casa. Quando chegou a casa falou que não havia comido nada, ninguém gostava dele. Escutou zuada, eram seus parentes falando. - Ele já foi embora, todos mangavam dele. Escutou falando por que vocês fizeram isso? Seu irmão falou agora tu vais embora, não pode ficar aqui, porque o nosso irmão mais velho vai vir aqui, ele é muito grande. Deu machado, terçado tudo novo. Aqueles pessoas que te fizeram mal, que foram buscar “*pasharewe*”, (pedra) não vais com eles.

- O jacaré grande falou: - A coruja cantou esta noite, de que será que vou me alimentar?

- Seu irmão falou: - você não pode fazer isso, ele é nosso próprio sangue. “*Ruwa Ixpitabu*” foi embora. Quando chegou à sua casa, sua esposa e filhos estavam com a cabeça pelada, pensando que ele já tinha morrido.

O pessoal que não gostava dele o encontrou. - Vejam, vocês pensavam que ele tinha morrido, está aí ele. Seu primo, quando, viu começou a chorar. - Ele falou, estava na casa do meu irmão. Nada aconteceu comigo. Seus parentes faziam seus roçados com muita dificuldade seus terçados e machados não eram bons.

“*Ruwa Ixpitabu*” se uniu com seu primo para fazer roçado, fazia tudo rápido, seu terçado e machado eram bem amolados. Seus parentes foram perguntar onde pegou isso? Teu machado e terçado são muito bons. - Onde está teu irmão? - Mora lá onde vocês me deixaram. Vão lá onde vocês me deixaram. Ele mora lá.

Todos partiram para o local onde tinham deixado “*Ruma Ixpitabu*”. Viemos aqui, buscar terçado, machado para fazer roçado. Ele deu machado, terçado tudo novo.

O jacaré grande chegou falando, a coruja passou a noite cantando, será que tem alimento novo.

- Tem o pessoal que veio aqui buscar machado e terçado. O Jacaré comeu todo mundo de outras famílias (clãs).

Tinha uma pessoa da aldeia que sabia que tinha um jacaré grande que comia as pessoas, todos que iam não voltavam. Ele começou a preparar muitos arcos e flechas e partiu para o local. Quando chegou, falou: - Vim buscar machado, terçado, você pode me ajudar? - Eu vou te ajudar.

O jacaré grande chegou e falou:

- A coruja passou a noite cantando tem alimento pra mim hoje? Tem um homem pedindo machado e terçado. Quando o jacaré saiu para atacar e ele o flechou na testa. O jacaré correu e foi embora. O rapaz ficou escutando o gemido do jacaré. O irmão do jacaré ficou com raiva, - Olha vai embora, tu mataste nosso irmão mais velho, vai embora.

Quando chegou à aldeia avisou, - Olha, vocês não vão mais para lá, porque eu já matei o meu primo. O jacaré, quando morreu, vomitou tudo que ele tinha comido.

BAPUDIVU

HISTÓRIA DE UM DOS IRMÃOS QUE SE TRANSFORMA EM ESPÍRITO DA SUMAÚMA

João Jaminawa

Eram dois irmãos que viviam numa aldeia, o irmão mais novo era traído pela sua mulher. Ele sabia de tudo, porém não brigava, por que não queria confusão com a comunidade. Chamou seu irmão mais velho e falou: - Meu irmão, vamos embora daqui. Ninguém gosta de nós, vamos viver na mata e ver se a gente se transforma em alguma coisa. Os novos que vão ver, aí vão conhecer a nossa história.

Antes, ele falou: - mulher vou embora, você fica aí, você pertence a essa família. Os dois saíram e andaram na mata e encontram uma batata de “*shuditu*” (espécie de batata usada pelo povo) e comeram. Comeram todo o tipo de fruta que encontraram na mata.

Começou a faltar todo tipo de alimento para comerem, acabou tudo até o fogo. – Vamos tentar comer “*shave*” jabuti cru para ver o que acontece com nós?– comeram e o mais novo falou: - Meu irmão já está muito tempo nessa vida, vamos tentar voar para ver o que acontece com nós? O mais velho conseguiu voar até o toco do pé de “*paná*”. De cima falou para o irmão mais novo, você consegue me ver?

- “*Extu*” (irmão), eu não consigo te ver mais, “*extu*”.

- Tenta, agora é a sua vez!

- E aí, você conseguiu?

- Não consegui.

- Agora vamos começar tudo de novo, vai ter de comer “*shuditu*” de novo. Ele comeu e tentou novamente. Subiu e conseguiu chegar ao tronco da árvore. Agora nós estamos juntos e conseguimos o que queríamos.

O irmão mais novo falou, nós não sabemos o que aconteceu com a nossa vida. Eu vou ver se a minha mulher continua me traindo. Porque agora ninguém via mais eles, apenas o espírito via o que queria. Quando voltou, escutou outro homem falando com a sua mulher: - E o teu marido?

- Veja, eu não sei onde está. Tem mais de ano que saiu, ele falou pra mim que ia desaparecer.

- Ele foi dar um tempo, via que nós estávamos quase junto. Vai aparecer com o tempo.

- Agora nós vamos “*txuta*” (fazer amor), na hora que estava “*txutando*” o espírito do seu marido cortou o “*wuski*” (pênis) do “*ravi*” (sócio).

Voltou para onde estava seu irmão mais velho e falou, encontrei homem mangando de mim e “*txutando*” com minha mulher e cortei “*wuski*” (pênis).

- Meu irmão, vamos voltar para aldeia de novo para buscar nossa irmã que ficou lá. Chegaram à aldeia, já transformados em seres humanos. Encontraram sua irmã falaram - Vamos embora porque agora já nos transformamos em espírito de “*shuba shudi*” (alma). Levaram sua irmã e tiveram que fazer tudo de novo para se transformar em espírito. Sua irmã também se transformou em espírito. O irmão mais novo voltou na aldeia para se despedir de sua esposa e falou para ela:

- Vim me despedir de você. Eu não sou mais gente. Sou espírito, não case mais, se tu casar, eu te mato. Quando tu quiseres comer tu falas, eu estarei ouvindo tudo. Tudo o que ela pedia “*shuba*” dava.

- Tudo bem. Ela avisou para aldeia que seu marido virou família de “*shuba*”. Quando passou certo tempo, ela começou a “*txuta*” com seu marido, ela morreu e virou família de “*shuba*” também.

DUKUVENE KAXTA RUA VASHU VIDÍ

HISTÓRIA DE UM HOMEM E O TATU

Marina Jaminawa

Um homem saiu para caçar e na caçada ele escutava um barulho; ouvindo o barulho ele pensava:

- O que é esse barulho? Todo o dia que passo por aqui eu escuto este barulho. Toda vez que eu passo por aqui eu escuto mais forte este barulho! Eu queria que esse barulho fosse de uma mulher e não a alma de tatu, pois eu vivo muito tempo, sem mulher, se esse barulho fosse ao menos uma mulher, para viver comigo. Fazer companhia para mim seria muito bom.

Quando ele acabou de falar a alma do tatu se transformou em uma mulher muito bonita: era uma menina nova, baixa, cabelos longos, olhos e rosto pequeno, era muito perfeita e bonita. Quando o caçador a encontrou se assustou e perguntou:

- Quem é você? De onde você veio? Cadê tua família?

Ela respondeu:

- Estava procurando minha família, minhas irmãs, meus cunhados, quando eu ouvi você falando sobre querer uma mulher.

A mulher continua dizendo: - Pois bem! Aqui estou eu sou essa pessoa.

Caçador: - Não! Eu não estava falando com você. Eu estava falando com a alma do tatu!

Mulher: - Eu sou a mesma pessoa que tu estavas falando, eu sou a mulher tatu!

O caçador chamou a mulher e a levou para a casa dele. Chegando a casa a mãe dele quando o viu com a mulher lhe perguntou:

- Meu filho quem é essa pessoa? Após ele contar toda a história a mãe disse para a mulher tatu: - seja muito bem-vinda, fico muito feliz por meu filho ter encontrado você, ele vivia triste sem esposa, agora eu sei que meu filho vai ser feliz.

Os dois se casaram. Ele fez roçado e tiveram muitos filhos.

Depois de alguns anos, ele já com muitos filhos, precisava fazer roçado muito grande, porém antes que o milho amadurecesse a esposa e os filhos comiam toda a plantação e ele não conseguia ter o milho maduro.

Diferente dos demais parentes da aldeia, o homem fazia seu roçado perto de casa e estando triste com as atitudes da esposa e dos filhos, que não deixavam o milho crescer e nem amadurecer, disse para sua esposa e seus filhos:

- Nunca comi milho assim como vocês, vejam nossos parentes, eles trazem milho para casa, faz pamonha, mingau, faz tempo que não como estas coisas! Vou fazer como meus parentes. Vou colocar meu roçado longe daqui e vou ficar por lá até o milho ficar bom para eu comer.

Conforme disse, ele fez roçado longe e sua roça era muito bonita, deu milho muito bom e só voltou para casa quando o milho já estava maduro. Pegou um paneiro de espigas ainda verde e levou para sua esposa. Chegando à casa disse para a mulher: olha aqui o milho que plantei, ela pegou o milho e gostou. Depois disso ele pegou a mulher e os filhos e levou-os para o roçado. Quando chegou ao roçado o milho já estava seco e a mulher ficou triste e disse para o esposo: - Marido, você me enganou cadê o milho verde? Ela ficou com muita raiva e então ela e os filhos se transformaram em tatu e correram, e o marido gritou: - olha, ela se transformou em tatu, olha lá vai o tatu! Ela correu e se escondeu em um buraco junto com os filhos. Ele então correu atrás e achando o buraco que eles tinham se escondido, matou a mulher e os filhos.

Passado muito tempo ele tentou encantar o tatu novamente, para se transformar em mulher, mas não conseguiu, permaneceu sozinho por toda a sua vida.

RUVA NESA VEVADI

HISTÓRIA DO UM HOMEM QUE FOI TRAÍDO PELA TARTARUGA DE IGAPÓ

João Jaminawa

Um pajé saiu para pescar com flecha em um lago, ele disse:

- Vou já pescar “*kapiriba*” (curimatã).

Foi flechando, flechando e pegando o “*kapiriba*”. Certa hora, ele foi sentindo o corpo ficar dormente e muito sono. Ele dormiu e quando acordou sentia o corpo muito quente, e disse:

- Estou com febre vou para casa!

Chegando à casa disse para a mulher:

- Mulher estou com muita febre e com muito frio, faz um fogo para me esquentar? E foi logo deitando em sua rede.

A mulher vendo que o marido não estava bem disse:

- Meu marido foi atraído pela jiboia, ele precisa de ajuda de outro pajé mais forte, eu não posso fazer nada, só outro pajé que entende pode curá-lo.

A mulher pediu a um parente que fosse buscar um grande pajé conhecido por todos na região.

O mensageiro saiu em caminhada em busca do pajé. Chegando à aldeia estava cansado e com muita fome. Os parentes o receberam muito bem e diziam:

- Parente tu veio visitar a gente? Tu estás cansado e com fome vamos comer!

Sentindo-se muito bem recebido o homem se esqueceu do recado que foi levar, já estava anoitecendo.

O grande pajé dessa aldeia começou a ter uma visão: nesta visão ele sentia o espírito do outro pajé “*yūspawu*” que estava morrendo. Ele disse:

- Tem alguma coisa muito ruim acontecendo na aldeia desse parente que nos visita.

O visitante disse:

- É verdade, nosso pajé está muito mal, sua esposa pediu que viesse buscar ajuda; só que eu cheguei muito cansado e com muita fome e acabei esquecendo o recado.

O pajé continuava com suas visões e dessa vez ele viu uma casa muito grande e bonita subindo para o céu. Neste momento o pajé que estava doente já estava morrendo.

O grande pajé disse:

- Eu vou até a aldeia ver o que está acontecendo.

O mensageiro disse:

- Nosso pajé foi atraído pela jiboia.

O grande pajé disse:

- Por que tu não me falaste antes que ele tinha sido atraído pela jiboia.

Fique aqui eu não quero que você me acompanhe.

O homem insistiu e acompanhou o grande pajé de volta para sua aldeia.

Chegando bem perto da aldeia, o grande pajé escutou a cantoria do pajé que já estava indo para o céu; ele já tinha falecido. Mas, o grande pajé continuava querendo saber o que tinha acontecido. Chegando à aldeia o homem começou a gritar, porque todos os seus parentes junto com a casa estavam subindo para o céu. Ele gritava:

- Me leva, eu não quero ficar sozinho!

O pessoal respondia:

- Nós pedimos para você ir buscar ajuda correndo, por que você demorou? Agora é tarde, a gente não pode mais descer.

O homem que ficou sozinho se transformou em animais e nunca mais foi visto por ninguém. Chegando ao céu, o pajé e toda sua família se instalaram no “*weru yuxi dawawu*”. As almas que já estavam lá não aceitaram o pajé, porque ele era muito forte, muito feiticeiro. O pajé expulsou as outras almas para outro lugar e no “*weru yuxi dawawu*” ficou.

Na terra, o pajé que tinha ido ao encontro do outro que tinha morrido, enterrou o corpo. E no lugar nasceram muitas plantas medicinais. Também nasceu o “*shuri*”, o cipó da ayahuasca, que o pajé até nos dias de hoje usa nos rituais de cura das doenças espirituais.

YAWAWAKA TU PIKADASH YAVADIVU

HISTÓRIA DO POVO QUE SE TRANSFORMOU EM QUEIXADA

João Jaminawa

O cacique da aldeia reuniu toda a comunidade e disse:

- Vamos fazer uma caçada, procurar bastante caça para depois cuidar e trabalhar só na nossa aldeia. Vamos todos: homens, mulheres, jovens e crianças. Os que forem casados levem bastante “*betu*” (alimentos) como banana, milho e macaxeira; pois a caçada vai ser longa.

Assim as mulheres prepararam os “*xivati*” (paneiros) com bastante “*betu*” (alimentos) e toda a aldeia partiu para a caçada. Depois de um dia de caminhada chegaram em um local bom para acampar e o cacique disse:

- Vamos fazer nosso acampamento aqui e amanhã cedinho nós vamos caçar.

Enquanto os homens construía o acampamento as mulheres foram buscar lenha para fazer o fogo e no caminho encontraram bastante pé de “*shëu*” (coco), elas disseram:

- Vamos catar bastante “*shëu*” para nossos maridos levar para a caçada e não passarem fome.

No outro dia logo cedo os homens prepararam seus arcos e flechas e saíram para caçar e as mulheres foram novamente buscar mais lenha para fazer fogo e catar “*shëu*”. No caminho elas ouviram o canto do “*Yawa yawa ika*” (um pássaro que parece com nambu) uma mulher falou:

- Estão ouvindo, é “*Yawa yawa ika*”, vamos procurar!

Todas seguiram o canto do “*Yawa yawa ika*” até encontrarem o bando e acharam o ninho em um buraco com bastante ovos. Elas cataram muitos ovos e dividiram entre elas. Chegando ao acampamento, elas cozinharam os ovos e esperaram os homens chegarem da caçada.

Já à tardinha os homens chegaram da caçada de mãos vazias, pois não conseguiram caçar nada. As mulheres serviram os ovos cozidos de “*Yawa yawa ika*” e todos homens e mulheres comeram e foram dormir.

Por volta de uma hora da madrugada caiu sobre o acampamento um galho de árvore, fazendo um enorme barulho que deixou todos assustados e diziam:

- O que foi isso? O que está acontecendo? Só que eles não conseguiram falar, só gritavam. Naquela gritaria perceberam que toda a aldeia tinha se transformado em queixada. Eles não se entendiam, passaram a noite inteira

fuçando tudo e bagunçando todo o acampamento. Os mantimentos que tinham levado foram todos espalhados.

Amanhecendo o dia, aquele que era cacique da aldeia continuou assumindo a liderança dos queixada, reuniu o bando e disse:

- Pessoal nós não sabemos o que aconteceu, agora somos o povo da queixada, não podemos voltar mais para nossa aldeia, vamos ficar juntos e sair por aí.

Passaram muitos dias e os parentes que souberam que a aldeia inteira tinha saído para caçar e estavam demorando muito para chegar, começaram a ficar preocupados e disseram:

- Faz muito tempo que nossos parentes saíram para caçar e até agora ninguém sabe notícias. Pode ser que alguma coisa aconteceu, vamos procurar nossos parentes.

Assim saiu um grupo de pessoas a procura dos parentes que tinham sumido. Seguindo o rastro do pessoal acabaram encontrando o acampamento e ao ver tudo bagunçado, alimentos espalhados ficaram a pensando no que poderia ter acontecido. Um deles disse:

- Acho que nossos parentes viraram queixada, vamos descobrir o que foi que eles fizeram para virar queixada.

E no meio da bagunça um encontrou casca de ovos de “*yawa yawa ika*” e chamou a todos dizendo.

- Olha eles comeram ovo de “*yawa yawa ika*”?

Todos pegaram as cascas e começaram a cheirar, passado pouco tempo todos foram se transformando em “*udu*” (porquinho do mato). Passaram muitos dias e o grupo que tinha saído à procura das pessoas da aldeia que tinham desaparecido, também não voltou. Os parentes ficaram mais preocupados e dessa vez enviaram só um caçador para verificar o que tinha acontecido.

O caçador chegando ao local em que todos tinham desaparecido, era um homem sábio e ao ouvir de longe o barulho dos “*yawa yawa ika*” e dos “*udu*” percebeu logo o que tinha acontecido e disse:

- Nossos parentes viraram “*yawa yawa ika*” e “*udu*” e de agora em diante eles servirão de caça e alimento para nosso povo.

Foi assim que surgiram as queixadas e os porquinhos do mato; todas as nossas gerações nunca mais vão se esquecer, pois por causa deles temos alimento pra toda a nossa vida.

RETENA BISVU

HISTÓRIA DE UM HOMEM GUERREIRO

João Jaminawa

O cacique reuniu todo o povo da aldeia e disse: - Nós não temos terçado, nem machado, não temos ferramenta boa. Vamos hoje nos preparar para a guerra, nós vamos matar outros povos e tomar ferramenta boa deles para nós.

Uns grupos de guerreiros prepararam seus arcos, flechas e “bordunas”. Partiram para guerrear. Chegando à terra do povo que tinha ferramenta boa, eles ficaram de longe observando e eles viram que tinham muita criança trabalhando em derrubada, mas os adultos, os guerreiros ficavam vigiando e prontos para receber qualquer ataque dos inimigos.

Observando a aldeia o cacique chamou seus guerreiros e disse:

- Olha, tem muita criança e nós não vamos mexer com elas; se a gente atacar as crianças, elas vão fazer muito barulho e toda a aldeia vai ouvir e vem nos atacar. Vamos procurar um jeito de atacar só os adultos.

O grupo então partiu, procurando o melhor caminho para iniciar o ataque. Um guerreiro ficou por último e assim pensou:

- Quem disse para não mexer com criança, eu vou começar é pelas crianças, é mais fácil!

Esse guerreiro avistando uma criança partiu para o ataque. Aproximando percebeu que não era uma criança, era um homem bem baixinho e com barba grande. O guerreiro ficou com medo e correu em outro sentido afastando-se de seu grupo; ele correu tanto que se perdeu e ficou sozinho, vagando pela mata.

Andou por dias na mata e acabou encontrando uma casa e percebeu que ali morava gente, chegando próximo da casa avistou um jirau com bastante carne de caça pronta para comer, tinha paca, porquinho do mato, anta entre outros. O guerreiro ao ver tanta caça ficou animado, pois estava com muita fome e aproximou-se do local para pegar carne para comer. Na verdade, era uma armadilha, preparada pelo homem que morava na casa. Este homem pertencia a um povo que gostava de se alimentar de carne humana e preparava armadilha para pegar homens. O guerreiro ao aproximar-se para pegar a carne acabou caindo na armadilha.

O homem que tinha preparado a armadilha estava escondido observando e quando o guerreiro caiu, ele se aproximou pegou o guerreiro e enfaixou todinho com envira de bananeira, (corda de banana) colocou em um paneiro, encheu de folhas de sororoca e levou para casa. O guerreiro ainda estava vivo.

Chegando a casa sua esposa perguntou:

- Marido, o que você trouxe neste panela?

O homem respondeu:

- Mulher é minha comida preferida, não mexa, deixe aí que eu mesmo vou preparar.

O homem deixou o panela lá, chamou seu filho e disse:

- Não mexe nisso aqui, vou buscar lenha e tu fica vigiando pra ninguém mexer, se alguém mexer você me dá um grito.

O homem saiu para catar lenha e preparar o fogo. Quando o homem saiu, a mulher ficou curiosa, para ver o que tinha no panela, se aproximou do panela e o filho que estava vigiando disse:

- Mãe, não mexe aí o pai falou para ninguém mexer!

Não dando ouvidos para o filho, a mulher tirou as folhas do panela e começou a desamarrar as ervas. Ela tomou um susto quando percebeu que era um homem e mais susto ainda porque ela o reconheceu. No passado o guerreiro teria sido namorado dela. A mulher assustada disse:

- O que tu estás fazendo aqui? Vou te tirar daqui e levar para outra casa. Meu marido vai te matar e te comer, ele gosta de carne de gente, vai te pegar para te comer.

A mulher pegou o guerreiro e levou para outra casa, chegando lá disse novamente ao guerreiro:

- Eu te avisei, meu marido vai te comer, mas tu és guerreiro e podes brigar com ele. Se tu não brigar ele vai te matar. Ele cria cobra e todos os insetos venenosos ele vai usar isso pra te fazer medo e te matar.

A mulher pegou um vaso de barro e entregou ao guerreiro dizendo:

- Pega este vaso e enche de urina, pois ele vem te procurar aqui e quando chegar tu joga a urina na cabeça dele. Fica escondido aqui e faz como te falei.

Na casa existia um jirau e a mulher pediu para o guerreiro ficar escondido lá.

Voltando com a lenha o homem foi pegar o panela e não encontrou, perguntou ao filho:

- Cadê a comida que deixei aqui? Eu não te pedi pra vigiar e não deixar ninguém mexer?

O menino respondeu:

- A mãe pegou e não sei para onde ela levou. Eu falei pra ela não mexer, mas ela pegou.

O homem disse para o filho:

- Porque tu não me gritaste? Agora por castigo tu não vai comer!

O homem saiu correndo para a casa que a mulher tinha levado o guerreiro. Chegando lá encontrou a mulher e disse:

- Mulher, tu estás sozinha aqui?

Ela respondeu:

- Tu estás vendo alguém aqui comigo? Não estás vendo que estou sozinha?

O homem ficou olhando para todo os cantos da casa e disse:

- Tu estas mentindo para mim.

Olhou para o jirau e disse:

- Tem alguém lá em cima? Estás escondendo alguém lá em cima?

Ele pegou uma vara e começou a cutucar o jirau. O guerreiro estava lá bem quietinho e derrubou a urina. A urina começou a cair pelos buracos em cima da cabeça do homem, conforme a mulher tinha orientado ao guerreiro.

Com a cabeça toda molhada de urina o homem perguntou para a mulher:

- O que é isso?

A mulher respondeu:

- Marido é água da chuva que juntou por aí, você cutucou e ela caiu.

Ele disse?

- Isso é água da chuva mesmo? Tu não estás me enganando? Tem alguma coisa estranha por aqui, vou colocar meus insetos de criação, para ver o que tem lá em cima.

E assim ele pegou todos os seus insetos de criação: era cobra venenosa, escorpião, lacraia, aranha venenosa e jogou no jirau.

Antes que os insetos chegassem a atacar o guerreiro ele desceu do jirau.

Ao ver o guerreiro descer o homem disse à sua mulher:

- Você me enganou, mentiu dizendo que não tinha ninguém aqui!

A mulher gritava para o guerreiro:

- Você corre ou enfrenta, vai! Enfrenta-o! Se defenda! Você não é mais uma criança! Se você não se defender, ele vai te matar e te comer.

Os dois começaram a lutar e o homem vendo que estava perdendo a luta correu na mata e fugiu.

O guerreiro venceu a luta e ficou com a mulher. Eles casaram e tiveram muitos filhos, constituíram uma família.

Depois de muito tempo, com os filhos já grandinhos, o guerreiro disse para a mulher:

- Mulher, eu vou sair para uma longa caçada, preciso trazer comida pra nossos filhos.

A mulher disse:

- Marido tu toma cuidado e não me deixa muito tempo sozinha. Se tu encontrar teus parentes, tu vai demorar muito. Eu conheço meu ex-marido e se tu demorar muito eu sei que ele pode vir me pegar. Se ele vir aqui, vai me

transformar em cupim, se isso acontecer eu vou construir minha casa aqui e nela eu vou ficar com nossos filhos; tu vai nos encontrar aqui.

O guerreiro disse:

- Mulher já faz muito tempo que ele desapareceu, ele não vai aparecer mais por aqui.

E o guerreiro preparou seu arco e flecha e partiu para a caçada. No caminho ele escutou o canto do “*pūkuru*” (um pássaro) e pensou:

- Vou seguir ele para encontrar o bando e caçá-los.

Seguindo o canto do “*pūkuru*”, ele encontrou no caminho umas flechas e reconheceu que aquelas flechas eram dos pais e dos irmãos dele. Eram flechas muito antigas que pertenciam ao seu povo e ao pegar aquelas flechas lhe bateu uma forte saudade de sua família e de seu povo e começou a chorar. Emocionado não quis mais caçar “*pūkuru*” e voltou para casa.

O guerreiro chegou à casa muito triste e a mulher perguntou:

- Marido o que o que aconteceu?

O guerreiro respondeu:

- Mulher, na caçada encontrei flecha muito antiga de meu pai e meus irmãos, eles já andaram por estas bandas caçando. Eu vou procurar minha família e quando eu os encontrar eu volto para buscar você e nossos filhos para morar na minha aldeia, junto do meu povo.

A mulher disse:

- Marido, eu já te falei se eu ficar sozinha meu ex-marido vai aparecer e vai acontecer como eu te falei. Eu não quero ficar sozinha, me deixa ir junto contigo?

O guerreiro concordou, arrumaram tudo e partiram. No caminho de longe avistaram um igarapé que precisavam atravessar. Ao chegar ao igarapé, começou uma grande alagação e não tinha como eles atravessarem. Eles saíram procurando um canto melhor que desse para atravessar, mas quando chegavam na beira do igarapé este começava a alagar. A mulher disse:

- Marido isso é coisa do meu ex-marido. Eu o conheço e sei que ele não vai me deixar sair daqui.

O guerreiro disse para a mulher:

- Então, vou te deixar em casa. Vou sozinho procurar minha família e quando eu achar venho buscar vocês.

Voltaram para casa e no outro dia o guerreiro partiu sozinho, deixando na casa a mulher e seus filhos.

Chegando ao igarapé, este estava seco e guerreiro disse:

- A mulher tinha razão, era mesmo o comedor de gente que estava fazendo o igarapé se alagar.

Já estava anoitecendo e na beira do igarapé mesmo, ele fez uma fogueira e dormiu. Quando estava dormindo apareceu uma grande onça.

A onça pegou um fiapo de seu bigode e começou a passar no nariz do guerreiro para ele se acordar. Quando ele acordou teve um enorme susto e do susto que teve subiu em uma árvore. A onça começou a falar com ele dizendo:

- Meu filho, não tenha medo, eu sou o seu pai. Eu já morri faz muito tempo e estou aqui para lhe proteger. Se eu não estivesse aqui, as onças de verdade já teriam te comido. Você pode dormir tranquilo que eu vou te proteger. Daqui a pouco vai aparecer um bando de onças de verdade, mas fique tranquilo, não saia daqui e vou espantá-las e te proteger.

Ali ele voltou a dormir e aconteceu conforme a onça tinha falado.

Amanheceu o dia e quando o guerreiro acordou a onça estava do lado dele. A onça lhe falou:

- Meu filho, eu te falei que já morri, eu não estou mais neste mundo.

A onça mostrou para o filho todos os seus materiais: arrancou uma presa, mostrou sua pintura e disse:

- Tudo isso é material do nosso povo. Eu não vou te acompanhar, mas vou te mostrar o caminho. Eu vou à frente, e quando escutar meu grito, tu me segue.

A onça partiu na frente e o guerreiro saiu seguindo-a. Caminhou, caminhou, caminhou e aqui acolá escutava o grito da onça.

Anoiteceu e o guerreiro cansado de tanto caminhar se preparou para dormir. Quando estava arrumando um local para deitar, avistou um fogo de longe e pensou:

- Vou acolá espiar quem está ali.

Foi ao encontro do fogo e lá estava um pássaro “*tāshka*”, era uma mulher e estava tecendo rede de algodão. O guerreiro aproximou-se dela e disse:

- Prima tu está tecendo rede? Onde tu encontraste algodão?

O pássaro disse:

- Primo é plantação que tem aqui perto. Foram teus parentes que plantaram e eu sempre venho aqui para tecer.

O guerreiro falou:

- Prima, eu posso dormir aqui junto do teu fogo?

O pássaro respondeu:

- Conheço toda a tua história eu já ouvi falar de você, não precisa me contar. Tu podes dormir aqui, mas tu não podes me triscar.

Ele deitou e daí mais um pouco ele puxou a pena do pássaro. Quando ela sentiu voou para outro canto levando consigo o fogo e todo o seu material.

O guerreiro avistou o fogo e foi atrás dela. Chegando lá o pássaro disse para ele:

- Eu falei pra você não me triscar. Pode deitar, mas não me trisca.

Passado um tempo novamente o guerreiro puxou a pena dela e novamente aconteceu como da outra vez, ela procurou outro lugar. O guerreiro fez isso por três vezes e na terceira vez ela disse:

- Se tu me triscares mais uma vez eu vou para bem longe e tu não vais me encontrar.

O guerreiro teimou e puxou a pena do pássaro pela quarta vez, e desta vez, ela fez como tinha dito, voou pra bem longe e o guerreiro não a avistou mais.

Na escuridão ele saiu caminhando e foi parar num grande lago. No lago estava uma cobra muito grande dormindo com sua família. O guerreiro não viu a cobra e esbarrou nela. Ao sentir que alguma coisa tinha lhe triscado a cobra disse aos filhos:

- Rabo de cobra, vocês me triscaram?

Os filhos disseram:

- Não mãe, a gente está quieto, no nosso canto dormindo.

O guerreiro ao ouvir a conversa foi saindo devagarzinho, para a cobra não o descobrir.

Nas árvores estavam macacos da noite comendo frutas e a cobra também os interrogou:

- Suas caras pintadas, vocês triscaram em mim?

Os macacos da noite responderam:

- Não, nós estamos aqui em cima comendo frutas.

A cobra grande disse:

- Vou tentar dormir e se me triscarem novamente eu vou descobrir quem foi.

Amanheceu o dia e o guerreiro continuou a sua caminhada em busca de encontrar o seu povo. No caminho encontrou uma onça deitada. A onça estava muito fraca e magra. A onça perguntou ao guerreiro:

- O que tu fazes por aqui andando sozinho?

O guerreiro contou toda a sua história, disse que há muitos anos estava perdido e queria encontrar o seu povo, a sua família.

A onça disse para ele:

- Tua aldeia não está muito longe daqui eu conheço e posso te mostrar, mas antes eu quero que me faças um favor. Eu estou fraca e com muita fome. Faz tempo que eu comi uma queixada e o osso ficou enroscado aqui na minha boca. Com esse osso na minha boca eu não consigo comer nada. Quero que me ajudes a tirar esse osso e daí eu te ajudo a encontrar teus parentes.

O guerreiro aceitou ajudar a onça e pegou um cipó bem grande e disse:

- Eu vou amarrar este cipó no osso que está na tua boca, depois eu vou subir naquela árvore e lá de cima eu vou puxar até o osso sair.

A onça disse:

- Tá bom! Mas quando o osso sair eu vou sentir muita dor, então eu te peço pra tu não desceres logo da árvore, porque sentindo dor eu posso te atacar e te comer. Tu só vai descer quando eu mandar.

Assim o guerreiro fez. Pegou o cipó, amarrou no osso que estava na boca da onça e depois subiu em uma enorme árvore. Lá de cima ele começou a puxar, puxar o cipó, até que o osso saiu da boca da onça.

Conforme a onça tinha dito lá em cima da árvore ele permaneceu. Passou um tempo e ele perguntou para a onça:

- Já posso descer?

A onça respondeu:

- Não, fica mais um pouco, pois ainda sinto muita dor e se tu descer eu te pego.

O guerreiro continuou lá em cima e passado algumas horas perguntou novamente para a onça.

- A dor já passou? Já posso descer?

A onça respondeu:

- Ainda não, a dor ainda não passou, continua por aí.

Passaram mais algumas horas e novamente o guerreiro perguntou:

- Pronto? Já posso descer?

Dessa vez a onça respondeu:

- Tá tudo bem, tu podes descer.

Quando o guerreiro desceu a onça disse:

- Eu vou te mostrar o caminho da tua aldeia, mas eu não posso ir até lá.

Começaram a caminhar e, de fato, não andaram muito e chegaram no aceiro dos roçados de milho, macaxeira, banana, cana. A onça falou:

- Eu só posso te acompanhar até aqui. Segue pelo roçado e logo tu vai avistar a aldeia.

A onça pegou outro caminho e o guerreiro seguiu pelo roçado. No caminho encontrou um pássaro, o pica-pau. O pássaro perguntou:

- Quem é você?

O guerreiro contou toda a sua história para o pica-pau e disse que estava procurando encontrar os seus parentes. O pica-pau disse:

- Tua aldeia está logo ali, eu vou à tua frente e quando eu picar o pau tu me segue, pois tu vai enxergar logo a tua aldeia.

O pica-pau voou na frente e logo ele picou o pau, como havia dito. O guerreiro quando chegou à árvore que o pica-pau tinha picado avistou a sua aldeia.

Chegando à aldeia reconheceu seus parentes e encontrou sua primeira mulher com seus filhos. Ficou com eles e houve muita festa.

Passaram-se alguns dias e o guerreiro faleceu. Até os dias de hoje não se sabe o que aconteceu.

INAVA VAKE VIDI

HISTÓRIA DA ONÇA E DA MENINA

Marina Jaminawa

Há muitos, muitos, muitos anos atrás existiu um casal. Esse casal teve uma filha, esse bebê chorava muito, dia e noite, o tempo todo; só dava descanso quando dormia um pouco. A mãe balançava o bebe, dava-lhe o peito, mas não tinha jeito, a criança chorava, chorava. Os pais viviam se perguntando qual era o problema de sua filha, perguntavam também para seus parentes e ninguém sabia responder.

Passados alguns dias, a mãe e o pai já não aguentavam mais ouvir o choro da bebe e para ter um pouco de sossego e conseguir fazer seu trabalho, resolveram colocar a criança atrás de sua casa. Assim ela fazia todos os dias.

Na redondeza existia uma onça muito sábia e ela ouviu o choro da criança e sabia o que a criança tinha.

Um dia, como todos os dias, a mãe da criança a colocou atrás da casa e foi fazer seus trabalhos. A onça estava por perto observando; deixou passar um tempo pegou a criança e levou para a mata.

Depois de certo tempo a mãe percebeu que a filha tinha parado de chorar e pensou:

- Acho que ela dormiu.

Passou mais um tempo e o silêncio continuava. A mãe ficou preocupada e pensou:

- Alguma coisa está acontecendo, ela não dorme tanto tempo assim.

E a mãe foi ver a criança. Chegando ao local o bebe não estava lá. A mulher pensou:

- Acho que meus parentes levaram a bebê para sua casa.

A mulher saiu em toda a aldeia perguntando, parente por parente, se alguém tinha pegado sua filha, só que ninguém tinha pegado.

A onça que levou o bebê cuidou da menina e se casou com ela. Os dois tiveram um filho.

Passaram-se muitos anos e um dia o pai da menina disse para sua mulher:

- Mulher, eu quero que você raspe a minha cabeça, pois hoje eu vou partir para uma caçada.

O homem saiu para a caçada. No meio da mata de longe ele escutou o choro de uma criança e pensou:

- Parece o choro da minha filha, vou ver quem está chorando.

O homem seguiu o barulho do choro e viu que o choro saía de dentro de um buraco num tronco de uma árvore. Ao aproximar-se viu que não era uma criança, era um filhote de onça. O filhote da onça ao ver o homem começou a rosnar como se quisesse atacá-lo. A mãe do filhote de onça ao ouvir o barulho do filho se aproximou e disse:

- Meu filho pare com isso! Não vê que ele é seu avô?

O homem sem entender nada, estava muito assustado. A mulher disse para ele:

- Não se preocupe, eu sou a sua filha, e este é o seu neto. Passaram muitos anos, uma onça foi quem me pegou e eu casei com ela. Mas eu nunca saio de perto de vocês. Meu marido é muito bom. E sempre que vocês mudavam de aldeia a gente estava por perto. Meu marido foi caçar, ele é bom caçador, vai trazer muita caça, e o senhor vai poder levar muita caça para casa.

Os dois começaram a chorar muito. O pai estava emocionado e feliz por finalmente ter encontrado sua filha. A filha disse para o pai:

- Pai eu te convido a entrar na minha casa, para gente esperar teu genro.

O pai respondeu:

- Minha filha como eu vou entrar, se tu não moras em uma casa, mora em um buraco.

A filha disse:

- Pai! Não é um buraco! É uma casa, o senhor vai ver.

A mulher pegou umas ervas, esfregou e passou no rosto do seu pai. Quando o homem abriu os olhos, viu uma grande casa, muito bonita. A filha disse:

- Vamos pai! Vamos esperar teu genro, ele vai trazer muita queixada e tu vai levar para a mamãe e meus irmãos.

Passou um tempo e o genro do homem foi chegando. De longe a onça deu um estrondo. A filha e seu pai escutaram e o homem ficou assustado. A filha disse:

- Não se preocupe pai, é teu genro que está chegando, isso é um sinal de que ele já está perto.

A onça ao chegar bem perto sentiu o cheiro do homem e começou a estrondar mais forte, pois pensava que sua mulher e seu filho estavam em perigo. A mulher disse para seu marido:

- Marido! Tá tudo bem! É teu sogro que nos encontrou. Tu não sabes que meu pai sempre me procurou desde que você me roubou? Pois é hoje ele me encontrou.

A onça entrou em sua casa e trazia em suas costas um “*turu tutu*” (uma espécie de paneiro feito com palheira que os homens usam para amarrar a caça e carregar nas costas). Só que o paneiro era bem pequenino. O homem pensou:

- Como é que ele é bom caçador e trás para casa um paneiro tão pequenino? Vou ficar observando se meu genro cuida bem de minha filha.

A mulher disse para o marido:

- Joga aqui o “*turu tutu*” vamos ver o que você trouxe hoje.

A mulher abriu o paneiro e dele saiu muita queixada, muita queixada mesmo, tinha queixada grande e filhote de queixada, era muita caça. A onça disse para a mulher:

- Prepara a comida do teu jeito para tu e teu pai comer e prepara a minha do meu jeito.

Assim a mulher fez. Estava anoitecendo e a filha disse para o pai:

- Pai já está tarde, é melhor tu dormir com a gente, amanhã cedo tu vais e levas muita caça para casa.

Na aldeia a esposa do homem e sua família começaram a ficar preocupados porque já tinha anoitecido e o marido não tinha chegado da caçada. Alguns homens saíram para procurá-lo, pois pensavam que ele teria se perdido.

O homem deitou, mas muito desconfiado de seu genro, mesmo assim pegou no sono.

Por outro lado, a onça também estava desconfiada do seu sogro e foi até ele para ver se ele estava dormindo. Chegando perto do homem a onça ficou olhando para ele. O homem se acordou e viu uma onça enorme e começou a gritar:

- Tem uma onça enorme querendo me comer!

A filha disse:

- Calma, pai, é teu genro!

E disse para o marido:

- Marido o que tu fazes aí? Vem deitar, deixa meu pai dormir! Tu o assustaste.

A mulher começou a falar mal o marido de tudo que era nome. A Onça disse para a mulher:

- Eu só vim ver se ele estava bem, se ele estava dormindo.

A onça foi deitar com sua mulher. Quando o homem percebeu que a onça estava dormindo fez um feitiço e jogou nela.

Amanheceu o dia e a mulher disse para o marido:

- Marido, prepara um “*turu tutu*” pra meu pai levar pra minha mãe e meus irmãos e coloca bastante caça.

A onça pegou a palheira e preparou o paneiro. Depois de pronto ficou bem pequenino e a filha entregou para o pai dizendo:

- Toma pai. Agora o senhor sabe onde eu moro, quando o senhor quiser pode vir me visitar e visitar o seu neto.

O homem partiu e estava muito preocupado com o tamanho do paneiro. No caminho ele pensou:

- O que será que aquele olhudo colocou aqui? Eu vou abrir para ver. Ao desatar o paneiro espatifou-se um monte de queixada para todo lado. O homem pensou:

- E agora, o que eu vou fazer, eu não sei arrumar como meu genro e eu não vou conseguir levar para casa esse monte de queixada.

O homem voltou para a casa da filha e disse:

- Minha filha, eu fui pular um pau e o paneiro caiu, rasgou-se e espatifou toda a queixada. Pede pra teu marido amarrar de novo pra mim.

A onça estava ouvindo a conversa e disse para sua mulher:

- É mentira dele. Foi ele quem abriu e até me chamou de olhudo.

Mesmo assim a onça acompanhou o sogro e fez novamente o paneiro colocando toda a caça dentro, deixando o paneiro bem pequenino.

O homem seguiu a viagem para casa. Chegando à aldeia abriu o paneiro e teve queixada para toda a aldeia comer. O homem disse para sua esposa:

- Mulher eu não estava perdido, eu estava na casa de nossa filha; depois destes anos todos a encontrei, ela não morreu. Ela casou e tem um filho.

E assim ele contou toda a história para sua esposa.

Passou um tempo e o homem disse para a esposa:

- Mulher, hoje eu vou visitar nossa filha.

O homem se preparou e partiu. Chegou à casa de sua filha e encontrou o marido e o filho dela muito doente. Os dois estavam muito magrinhos e fracos. Na verdade, a doença deles tinha sido o feitiço que o pai da mulher tinha jogado quando dormiu com eles.

O homem disse para sua filha:

- Filha, eu vim te buscar, vamos morar com sua família na nossa aldeia.

Não passou muito tempo, morreram o marido e o filho da mulher e depois disso ele voltou para a aldeia com seu pai e ficou com sua família e seu povo.

ISKU YUXIVU

HISTÓRIA DE UM GENRO E SOGRO CANIBAL

Marina Jaminawa

Existia um rapaz do povo “*Isku Yūxi*”, que casou com uma moça do povo “*skuyuxivu*”. Eles viviam com a família do rapaz.

Certo dia o pai da moça enviou um convite para o genro e a filha irem participar de uma festa em sua aldeia.

O casal se preparou e foram em viagem para a aldeia do pai da moça. O genro foi muito bem recebido pelo sogro e toda a sua família.

À noite a família da moça preparou uma bebida e convidou o rapaz para beber. O rapaz gostou muito da bebida, pois o seu povo não fazia este tipo de bebida.

O pai da moça era um feiticeiro e esse povo, os “*Isku dava*” tinha o costume de comer carne de gente. Só que o rapaz não sabia de nada.

O rapaz tomou muita bebida que ficou embriagado e foi dormir. Quando ele estava dormindo o sogro pegou o rapaz para matá-lo. A moça quando viu o grito do marido disse para o pai:

- Pai, não faz isso ele é meu marido.

O pai não ligou para o choro de sua filha. Chamou toda a aldeia, mataram o rapaz e comeram.

A moça muito triste com sua família e com a perda de seu marido fugiu para a aldeia do finado e foi morar com seus sogros.

O rapaz que a família da moça tinha matado tinha mais três irmãos, sendo que ele era o mais velho.

Passou um tempo e a moça se casou com o irmão mais velho do falecido. Logo que o pai da moça soube que ela tinha se casado novamente, enviou-lhe um recado convidando a filha, pois queria conhecer o genro.

A moça com saudade da família partiu para visitar seu povo. Do mesmo jeito que o pai da moça fez com o primeiro fez também com o segundo.

Novamente a moça fugiu de sua aldeia e voltou a morar com o sogro, pois ela não gostava desse costume de seu povo.

Passou mais um tempo e ela casou-se com o outro irmão e a história se repetiu do mesmo jeito. A família da moça matou três maridos dela.

Por último ela casou-se com a caçula. Este era um homem guerreiro e muito forte. O pai da moça ao ter conhecimento do casamento de sua filha, lhes enviou novamente o convite.

Desta vez a moça não queria ir, pois o seu pai já tinha matado três maridos dela. Por outro lado, a sua sogra também não queria que o filho fosse e assim disse para seu filho:

- Meu filho, eu não quero que você vá conhecer a família de sua esposa. Tu não sabes que teu sogro já matou três irmãos teus. Se você for ele vai te matar também e eu vou ficar sem filho. Deixa-a ir sozinha.

O rapaz disse para sua mãe:

- Mãe, eu vou sim conhecer o meu sogro e eu vou preparado para matá-lo, quero vingar a morte de meus irmãos. Meus irmãos eram tolos, eu sou esperto e a senhora vai ver eu vou matá-lo e vou voltar.

Antes da viagem a mãe do rapaz chamou a moça e raspou a cabeça dela e fez novamente toda recomendação para o filho tomar cuidado.

O rapaz preparou uma arma com “*deda widu*” (madeira de pupunha) e partiu com sua esposa, para conhecer a família dela.

Chegando à aldeia do povo da esposa o sogro o recebeu com bastante alegria, pois o rapaz era um homem muito forte.

Chegando a noite iniciou a festa e a moça disse para seu marido:

- Eles vão te servir uma bebida, tu não pode beber, porque teus irmãos beberam e foi assim que meu pai os pegou.

Certas horas da noite vieram servir uma cuia de bebida para o rapaz; ele pegou a cuia e fez que estava bebendo, mas na verdade ele deixava a bebida escorrer pelo pescoço. Assim ele fez com todas as cuias que serviam para ele.

O sogro cantava e naquela cantoria o rapaz fez que ia para sua rede, mas não foi. Ele pegou sua arma e se escondeu em um lugar que sabia que o sogro iria encontrar.

Passou um tempo e o sogro acreditando que o genro já estava dormindo, pegou sua arma e foi até a rede do rapaz. Quando percebeu que ele não estava lá, saiu a procura dele com muita raiva. O rapaz estava só observando e quando o sogro o encontrou e partiu para atacar, o genro já estava preparado e esperando, pegou sua arma e enfiou na barriga do sogro.

Depois que ele matou o sogro pegou sua esposa e fugiu imediatamente, antes que toda a aldeia descobrisse; pois se eles vissem com certeza iriam matá-lo. Chegando a sua aldeia, o rapaz estava muito feliz e dizia para todos:

- Eu matei o “*Isku dawa*”! Vinguei a morte de meus irmãos, agora ele não vai mais comer ninguém. A moça ficou com a família do esposo até o fim de sua vida e nunca mais soube notícias de seu povo.

ISU VAKE VIYADI

A HISTÓRIA DE PAI E FILHOS CAÇADORES

João Jaminawa

A família dele estava passando muita fome e o caçador pensou: - Vou ir à mata para encontrar algo para comer e chamou o filho mais novo para o acompanhar. Antes de ir para a caçada, pegou suas flechas para ir ao mato caçar. A primeira caça que encontraram foi o macaco preto “*isu*” (*macaco preto*). O caçador flechava o “*Isu*”, acertava, mas não conseguia matar. Quanto mais ele flechava, mais não matava. Era um momento que ele ia ser encantado pelo “*isu*”.

O caçador pensou: - Porque eu não mato? Já flechei, estou vendo que acertei, mas não consigo matar? Aí, um subiu e ficou trepado nas árvores e ele pensou - vou subir e ver se consigo matar pertinho, fez isso em um pé de arvore onde estava o macaco.

Enquanto isso a noite vinha chegando, ficando tarde. Em um momento, o filho dele estava lá embaixo e o pai lá em cima. Veio à hora que o filho dele chamou. - “*Épa*”, (pai) acho que não conseguimos matar o “*isu*”, acho que está na hora de voltar que já está tarde se não ficamos na metade da viagem, a mãe está fazendo “*bisi*” (pamonha) – e aí o pai respondeu - meu filho, já não dá mais para voltar para casa. Vamos ficar por aqui.

De manhã conseguimos “matar macaco e aí vamos com “*isu*” Mas o filho insistiu - Não pai, vamos embora! Não vamos ficar aqui não! O velho ai teimou - Não, vamos ficar! Então, ele não ouviu o filho.

Anoiteceu e ficaram lá. Fizeram uma casa de espera “*keshete*” para passar a noite, como uma cabana. Serve para passar noite e para caça. O pai dormiu. Passado umas horas, o macaco veio buscar o filho dele. O pai não prestou atenção. A intenção dele não queria voltar para casa é porque estava sendo encantado, por isso não percebia o sinal do filho de voltar para casa. Mas, na verdade o encantamento era para pegar o filho dele.

Tudo o que eles falavam o macaco ia observando. Ia ouvindo. Em algumas horas o pai acordou e procurou o filho. “*Épa*”! Para onde tu foste?” Na cultura Jaminawa, os pais também chamam os filhos de papai, ou mamãe, ou mãezinha. Antigamente, a história considerava isso. Não o caçador, chamou “*Épa*”! Cadê você?!”

De manhã, o filho já estava lá em cima. Este macaco era mulher e pegou o menino para casar com ele e já era considerado a mulher dele. O filho disse. - A tua nora já me pegou, não posso mais voltar contigo. Falei até

ontem para ti que era para nós voltar para casa e o senhor não quis ir. Então, agora que eu não posso mais ir com o senhor, que sua nora já me pegou.

Mas, eu vou conseguir te levar filho, vou fazer um trapiche, uma escada aí o macaco pegava e tirava o trapiche. O caçador não conseguia subir. A família da mata, “*dimnyux*”.

O caçador não conseguiu levar o filho de volta e desistiu. - Vou para casa, chegando lá chamou o pessoal da aldeia chorando. Pensava muito no filho. E disse - Pessoal macaco “*ísi*” pegou meu filho. Daí ele pediu ajuda. Quando chegaram lá no mesmo local para pegar ele, já não havia mais ninguém. Pois, macaco não fica em um único lugar e já tinha levado ele dali. Não havia como mais resgatá-lo. Passaram para uma árvore sumaúma. O caçador então chorou, pois nunca mais ia trazer o filho para baixo. Chegou no local em que morava e dizia:

- Pessoal, não vou ficar mais aqui onde vivia com meu filho. Vou ter que mudar desse lugar. Saiu de lá. Enquanto fazia mudança, o macaco levava o filho para perto, para morar perto de onde o pai morava, mas o caçador não sabia que o filho estava próximo.

Depois de muito tempo já nem lembrava mais do filho, foi caçar sozinho. Foi no mesmo canto onde o macaco tinha pegado o filho dele, chegando lá veio uma voz falando com ele. “*Épa*!” Sou eu, não sei se o senhor lembra-se de mim. Que há muito tempo nós andávamos caçando se lembra de que o macaco me pegou. O velho caçador dizia: Não. O meu filho já morreu há muito tempo e eu não tenho mais filho não.

Para falar a verdade o “*BakTsapa*” pegou e levou meu filho não sei para onde. “*Épa*!” Eu sou a mesma pessoa que o “*BakTsapa*” levou!” O pai disse ‘não posso acreditar não, por que o macaco já matou meu filho’. Então, “*Épa*!” “Já falei, sou a mesma pessoa” - ele estava sentado em cima de um galho de sumaúma e pediu para o pai subir - Aqui é a casa onde estou! O “*Api*” disse - Não consigo! Você está em cima de uma árvore. - Não é árvore pai, foram os velhos da sua idade que fizeram esta casa, é enorme onde estou.” O menino na vista dele via que estava morando na casa com um povo, o pai dele já não via isso, e sim um pé de sumaúma, e não conseguia subir.

- O pai caçador voltou onde morava mesmo para pegar tabaco, falou para o filho. - Não vou subir agora, vou voltar para casa. - mas não disse que ia buscar tabaco. - Mas, vou voltar de novo. Na verdade, ele ia lá para pegar tabaco, para resgatar o filho dele com tabaco. Que era uma coisa que ajudava, pois se sentia mais forte. Pois, com a força do tabaco e a experiência ele derrotava os tabacos. O caçador velho voltou, na casa dele e falou para sua esposa - Mulher! Encontrei o nosso filho, ele encontrou comigo e pediu para eu voltar para conhecer a casa onde ele mora, vou para lá trazer nosso filho de volta.

Seguiu a caminhada e chegando lá disse: - meu filho já está aqui! O que faço para chegar onde você está? A nora pegou as ervas medicinais e esfregou e passou no rosto do sogro, ela também estava feliz. Então, a visão dele não viu mais a sumaúma e abriu para uma enorme casa. O filho se aproximava dele, o pai começou a fazer seu preparo no tabaco e isso espantou a família do macaco. O caçador era um dos pajés também. Aí, saíram os macacos, inclusive a mulher. O caçador começou a fazer o preparo dele e isso espantou a família da mata, as almas da sumaúma. Pegou o filho de volta. Ao mesmo tempo em que saiu, escutou a sumaúma caindo e quebrando as folhas, pois o caçador tinha ido para derrotar a sumaúma e as almas da sumaúma, só escutava os barulhos. Ao chegar à casa todos choraram, a mãe ficou muito feliz. O filho contou todo o procedimento de como vivia, o conhecimento do macaco.

INAVA SHADU

O PAI QUE DEIXA O FILHO NA MATA

Carlito Jaminawa

O pai não gostava do filho, porque a família dele era muito grande. Toda a comida que vinha da caça, o pai já não comia direito, nem a mãe, pois tinham muitas crianças. O pai pensou, chamou a mulher - Mulher! A gente não consegue comer mais nada. As comidas que conseguimos só dão para eles, não sobra nada. Eu posso ir à mata e deixar os dois lá na mata.

O pai levou um casal de filhos, pensando vou levar esse “*shâta*” (armadilha) e meus filhos vão pensar que sou eu assobiando. Fez toda a armadilha, falando para os filhos - Fiquem aqui que eu vou matar um bicho e depois venho buscar vocês. Então armou o “*shâta*” e depois correu. Os dois garotos começaram se perguntar o porquê do seu pai não voltar. Quando deu meio dia ventou e começou a gritar o “*shâta*”, assoviando. - Ah, o pai está ali acho que ele está chamando a gente, vamos lá. E aí, o som parado. - Onde escutamos esse barulho? Onde o pai está dando sinal? Demorava, demorava. Quando dava vento, o barulho de novo. - Onde foi? - Foi para cá. Aí demorava. A fome bateu. Passou o tempo. Fim da tarde deu outro sinal, como se fosse gente.

Chegando perto do fim do dia, bem pertinho querendo ver onde tinham amarrado o “*shâta*”. - Ah! Acho que o pai abandonou agente aqui e já foi embora. Agora para onde a gente vai? Aí, eles começaram a andar na mata mesmo, foram andando na mata e saíram em um lugar onde tinha gente, o mais velho era homem e o mais novo era menina. O garoto falou - olha, nós saímos num lugar aqui. Vou dar uma olhada, pode ser outro povo que quer fazer mal à gente. Fica aqui, o garoto foi se aproximando e olhando. Era a família da onça, de bicho fera que se alimenta de gente. Por lá, ele com fome, na visão dele era um homem bem velho grande com o supercílio que tombava os olhos de tão caído. Fazia a comida às cegas. Esse velho tinha uma criação de juriti (uma espécie de ave), aí o garoto com fome o velho enxergava mal, mas escutava tudo e aí o velho estava fazendo uma comida, uma pamonha.

O garoto pegou a pamonha, e a onça escutou a zoada do menino puxando a pamonha. Chegou onde estava a irmã e disse - Trouxe essa pamonha para a gente comer. Daí a irmã disse - Quem são essas pessoas? - Olha, é um velho bem grandão, não consegue enxergar e está fazendo pamonha. Aí dividiram a pamonha e comeram. A menina achou tão boa e disse, agora vou lá pegar. O garoto disse - Não, tu não vais lá! Porque se tu fores lá tu vais fazer barulhada e ele vai te pegar. É melhor eu ir lá com mais tranquilidade

que posso ir lá e pegar. Ele tem a unha grande, grandona, se tu fizeres zoada ele te pega, eu posso pegar mais para nos alimentar.

A menina ficou teimando e foi lá. Não sabia pegar a pamonha e fez a barulho. A onça velha a pegou. Quando pegou ela disse - E, quem é tu? Pegou no braço com a unha. E chamou logo a juriti e disse - olha, venham aqui dar uma olhada quem é esta pessoa que está aqui perto de mim fazendo zoada e eu peguei. Na visão da menina, era uma menina bonitinha. Aí, a onça falou - olha daqui um tempo me traz ela de novo e me apresenta quero tocar nela e ver se ela está com carne, prepara ela para crescer que eu vou comer ela. A juriti a levou e disse - tá bom vai levar ela e cuidar e depois trago de volta. A juriti perguntou: - Tu estás sozinha? Veio de onde menina?

A menina respondeu: - Olha, foi o nosso pai que levou a gente na mata dizendo que íamos caçar, nos deixou na mata e foi embora. Andamos revirando as matas todas e não conseguimos sair deste local e viemos parar aqui. A Juriti perguntou - mas, tem alguma pessoa contigo ou estás só?

A menina falou: - estou com o meu irmão. Ele está ali sentado me esperando e estamos com muita fome e vim atrás de comida aqui e por isso a onça me pegou. - A menina não sabia que o veio era onça e se alimentava de ser humano, pois era da família da onça. A juriti disse - me leva lá onde teu irmão está e vamos buscar ele. Foi lá e chamaram o irmão “*Utxi!*”.

Diz que a juriti chegou lá e falou, - Rapaz, quem é você? De onde estão vindo? - O irmão contou a mesma história que a irmã. - Nosso pai nos deixou na mata, andávamos perdidos e viemos aqui. O rapaz perguntou para a irmã - Quem é essa pessoa aí? O que faz aqui? - Perguntando sobre o velho - aí a juriti falou, - essa pessoa que estás vendo é uma onça “*inamã shanu*”. - O que significa? - Uma onça que come humano, ele já está sabendo e pegou tua irmã.

O que ele pretende fazer é deixá-la crescer o tempo que for. Ela vai crescer e a onça vai querer comer vocês. O rapaz perguntou - então, o que fazemos para escapar desse “*inamã shanu*”? A juriti disse: - vou dar uma ideia para vocês, a gente vai ter que matar um rato que se chama “*shuya*” depois, vamos pegar o rabo do rato e vamos amarrar no braço da menina. Quando formos apresentar ela a primeira coisa que a onça vai pegar vai ser no rabinho e vai sentir que não está gordo suficiente para comer, enquanto vocês crescem.

A Juriti fez alguma coisa que deixou essas duas pessoas crescerem bem rápido. Aí, ela dizia - se você não fizer o que estou falando, a onça vai comer vocês. Por lá, chegou o tempo da onça dançar. Quando ela queria se alimentar de ser humano ela fazia uma festa para ela mesma. Então, quando se preparava para fazer a festa, ela esquentava uma água num caldeirão para jogar a pessoa lá dentro, chegou o tempo desta festa. Ia se alimentar da garota.

Até que teve um momento que a onça foi lá e jogou a mão dela e pegou na menina mesmo e não no rabo no rato. Já pegou direto no braço e aí percebeu que estava no ponto. E foi então fazendo festa. E o rapaz ficou com tanta pena por causa da irmã e viu que ela ia ser morta mesmo e se entregou também. A juriti falou: - Olha, a ideia era de que nós não saíssemos daqui fugido, não temos como fugir, pois ela vem atrás onde estivermos. A única coisa que podemos fazer é jogar dentro de um caldeirão. - O rapaz se entregou também. A onça perguntou: - Esse veio de onde? A juriti explicou: - Esse é irmão dela. Quando pegaste ela, o irmão não estava junto. Ele estava em um canto, eram dois na verdade. Se a pomba não falasse seria comida também. Aí, a pomba não parava de falar o que tinham de fazer. - Ela vai pegar vocês dois no braço de vocês e vai dançar com vocês, vai rodar com vocês e quer jogar no caldeirão e água, como vocês são dois, aí vocês pegam e tacam a onça dentro desse caldeirão aí, que ele vai acabar. Não vai ter mais ninguém perseguindo nós e vamos para outro lugar e levo vocês no meu povo.

A juriti falou - Vou dar o sinal, na hora certa, porque eu sei a hora que ele vai jogar a pessoa no caldeirão. Quando eu der sinal vocês já podem pegar e jogá-lo dentro do caldeirão do fogo. Então eles começaram a dançar com as duas lá rodando. Chegou o ponto, que na hora mesmo da onça jogar os garotos no caldeirão, a juriti deu o sinal com os olhos.

Ele não podia falar, senão a onça ouvia. Então, a juriti piscou o olho deu um sinal com os olhos. Os dois pararam e já foram pegando a onça e jogaram dentro do caldeirão. Diz que a onça caiu dentro do caldeirão. Queimou toda. Mas, antes de cair dentro do caldeirão, escapou a pele dela. O corpo foi, mas a pele sobrou. A juriti falou - vocês jogaram, mas essa pele dele vai se transformar em onça de novo e vai vir atrás de vocês agora não podemos mais ficar aqui e vamos embora para outro canto.

Na história, diz que o garoto casou com a ave antes de saírem. Depois quando já era rapaz e disse assim - Vamos embora porque a onça vem atrás foram embora. - Olha a gente não vai ficar aqui embaixo. Vamos fazer um trapiche e subir em uma árvore, pois se ficarmos aqui embaixo ela vai vir para atacar e comer a gente. Mataram não sei quantas vezes a onça, mas não conseguiam terminar de matar, mesmo assim o bicho nascia de novo. A pomba disse: - Vocês não estão fazendo certo! Não estão matando de verdade! Vou dar uma dica do que vocês têm que fazer: matar e queimar tudo, aí ela não vai mais viver. - Vocês devem queimar a onça para nada dela viver.

Em um momento a onça apareceu e fizeram da mesma forma que a juriti tinha falado, mataram de novo, mas fizeram fogo em cima da onça e não escapou mais nada. Passou o tempo, nada. A juriti disse - Agora vocês conseguiram matar mesmo, estamos tranquilos que ela não vem, vamos procurar nossos parentes. Seguiram seu caminho.

DAVA REKU

SURGIMENTO DE OUTROS POVOS

Carlito Jaminawa

O homem não indígena foi tirado dentro de um animal. Havia povos que guerreavam. Os bancos guerreavam contra os povos indígenas. E os índios mataram um branco, tiraram de dentro do corpo do branco uma “*reku*” (semente) e guardaram dentro de um cesto. “*unate*”. Só pajé podia tocar no cesto. Dentro do cesto havia muito barulho, os povos foram nascendo e queriam sair. O que se ouvia era como se alguém estivesse falando perto, mas era o “*davareku*” que estava ali dentro fazendo a barulho. Com alguns tempos, deu vontade de olhar aquilo ali, - “O que está fazendo barulho?”. Quando ele abriu aquele cesto, na vista dele viu muita gente dentro daquele “*davareku*”, muito pessoal falando a língua. Aí uns chamavam “Pai!”.

Todos os povos saíram de dentro do cesto, todos viraram humanos. Até certa vez avó estava fazendo panela de barro, e outros povos acharam uma flecha e foram testar na velhinha e mataram a velha. Quando chegou o avô viu a velhinha morta, todos estavam quietos. Puxa! Vocês mataram a velha, vão embora. Todos os povos foram embora, viram um pé de bacuri, subiram e todos comeram o bacuri. De cima ouviram o barulho de uma anta. A anta falou: - o que vocês estão fazendo aí em cima? - Estamos comendo Bacuri. A anta disse joga para eu comer também. Jogaram bem pouquinho para anta, ela ficou com raiva, fez força para derrubar o pé de bacuri.

Vamos rastejar a anta, e aí o pássaro siriri, se re re re... cantava. Os indígenas falavam siriri podia ajudar a gente encontrar a anta. Até que os povos encontraram um homem cabeludo, amarrado. Ei “*txai*” quem é você? Eu sou Siriri, o que vocês falaram, vamos sobre a anta. Vocês viram a anta. A anta está ali dormindo. Leva nós até para ver esta anta. Vamos lá e encontraram a anta dormindo, meteram flecha na anta. Mataram a anta com flecha. Como o primo “*sísiri*” mostrou a anta para nós vamos dividir dar um quarto para ele. Siriri virou de lado, não quis nada. Deram outro pedaço dianteiro, deram a cabeça ele não queria. Quando deu a tripa da anta o Siriri saiu alegre cantando.

KARU YUXIVU

HISTÓRIA DA LENHA

Carlito Jaminawa

Certo dia em uma comunidade tinha muita gente e tinha um cacique que tomava de conta de uma aldeia grande. Ele se responsabilizava por tudo. Certo dia de manhã chamou as pessoas da aldeia, - Pessoal, quero ter uma conversa com vocês e nós precisamos sentar e conversar com todo mundo. As pessoas se reuniram para discutir as coisas do interesse deles. O cacique disse - Olha, já chegou o tempo de fazermos o nosso roçado, temos que tirar um tempo de caçar e buscar nossos alimentos. Porque nós buscando nossos alimentos, vamos ter mais tempo de trabalhar no roçado e todos trabalhando nós vamos buscar o alimento de todos nós. Para não falhar no trabalho, vamos dar uma caçada, só os homens.

Chegaram a um local onde acamparam para fazer a caçada, o líder dos povos falou assim. - Olha pessoal, agora a gente vai atrás de lenha para fazer nosso fogo. Era tempo de chuva, choveu muito naquele dia e eles não conseguiam a lenha porque ela estava molhada. A lenha molhada é difícil de pegar, não conseguiram pegar. Teve um que encontrou com a alma da lenha. A alma da lenha ouviu o homem falando sozinho e procurando algo.

A alma da lenha perguntou: - Meu primo, quem é você, o que está procurando? “*Kariyuxivu*” disse: - Eu ouvi o que tu falaste, sou a alma da lenha.

O homem dizia “*txai*” (amigo) não falei contigo, procuro uma lenha para fazer fogo, viemos caçar. Quando o homem falava, antigamente tinha alguém para ajudar eles, se tornavam um ser humano.

O homem disse: - Se aparecesse, a alma da lenha para nos ajudar, foi aí que eu falei, mas não falei contigo.

“*Kariu*” disse: - Deixa eu te fazer uma pergunta, mas tu conseguiste a lenha? E o homem falou - Não, eu não consegui.

- Mas, meu primo tem tanta lenha aqui, tanta lenha estragando e tu não consegues pegar nenhuma lenha. - Aqui tem tanta lenha! A visão dele, as lenhas molhadas já se tornavam muita lenha no ponto de fazer fogo, mas era o da lenha que fez isso para ele, na visão homem. Tinha a melhor lenha de qualidade como “*yapakaru*” diz que só encontrou esta lenha, aí o homem chamou o pessoal e disse: - Vem aqui vamos pegar a lenha do melhor.

Na realidade, era a alma da lenha que deu esse “*yapakaru*”. Então, ele ficou muito feliz, pois estava há tempo sem conseguir conciliar a lenha, ficou

muito alegre. Pois tinha conseguido. Todos chegaram lá e se sentiram felizes também por que não conseguiam a lenha. Cada um fez fogo no lugar em que ia dormir.

SHETE ITA EXPINUA HISTÓRIA DO URUBU

Carlito Jaminawa

No começo o urubu era um ser humano que pertencia a um povo diferente que tinha como costume se alimentar de carne podre. Os outros povos daquela região os consideravam como animais, apesar de entender tudo o que eles falavam. Certo dia, um homem saiu para caçar e na mata encontrou com o urubu. O urubu, ao ver o homem, começou a cantar e o caçador entendeu tudo o que o urubu estava dizendo com a sua música. O urubu chegou mais perto do caçador e disse:

- Vocês acham que nós somos animais e nós somos mesmo apesar de entender o que vocês falam e vocês também entenderem o que nós falamos. Nós gostamos quando vocês matam um animal e ficamos felizes quando nasce um homem, porque o nascimento de um homem é a certeza que para nós no futuro vamos ter alimento. Não fique assustado, como você já sabe a gente não gosta de carne fresca, nós só gostamos de comer carne podre, então eu peço a você e a seu povo que, quando caçar, sempre deixe no mato um pedaço de carne, quando ela estiver apodrecendo a gente vai encontrar e será o nosso banquete.

O caçador ficou espantado não disse nada. Correu para sua aldeia. Chegando à aldeia chamou toda a comunidade e contou o que havia acontecido na mata, falou da música do urubu e do pedido que ele fez. Os parentes pediram para o caçador cantar a música do urubu, pois eles não conheciam música. Acharam bonito e gostaram, e a partir daquele momento o povo aprendeu a cantar e criar suas próprias músicas.

PUSTU E YŪXI

HISTÓRIA DO SER HUMANO QUE BRIGA COM ALMA

Carlito jaminawa

Era madrugada, o homem disse para a esposa: - Mulher vou fazer uma espera para pegar caça para gente comer.

O homem pegou seu arco e flecha e foi para o mato. Colocou a espera e primeiro pegou uma cutia, uma cotiara e, depois, um mutum. Já era tarde e o caçador começou a ouvir um barulho. O local que ele tinha armado a espera, no passado havia morrido muita gente. Ao lembrar-se disso, o caçador disse para si mesmo:

- Esse barulho é “yŭxi” (alma) meus parentes que já morreram e estão por aqui caçando. Eu vou embora antes que eles cheguem mais perto.

Enquanto o caçador pegava os animais que já havia caçado, o barulho de vozes ia chegando cada vez mais perto dele. Amarrou as caças, colocou nas costas e saiu correndo. Nesta altura os “yŭxi” já estavam atrás dele e gritavam:

- Pra onde vai? Nós vamos te pegar e vamos te matar.

Chegando a casa o caçador disse para a mulher:

- Mulher sai da mata corrido os “yŭxi” quase me pegaram, eles disseram que queriam me matar.

Passado uns dias o caçador disse novamente para sua mulher:

- Eu vou caçar estou preparado e desta vez eu vou pegar “yŭxi”.

Saiu e foi para o mesmo local da última caçada. Fez a espera e pegou as mesmas caças da outra vez. Aproxima-se a hora que ele ouviu os “yŭxi” e disse:

- Tá chegando a hora dos “yxi” caçar, vou ficar na espera.

Pegou as caças, amarrou e escondeu em um lugar. Voltou para o local da espera e ficou esperando. Do nada olhou para frente e viu uma mulher com um bebe no colo, o bebê era enorme, tinha o mesmo tamanho da mulher. Imediatamente o caçador flechou a mulher. A mulher deu um estrondoso grito e o homem correu. As “yŭxis” ao ver a mulher flechada disseram:

- É aquele mesmo caçador gaiato, dessa vez a gente pega ele e mata.

Chegando à aldeia o caçador disse para toda a comunidade:

- Acabei de flechar um “yŭxi” na mata, era uma mulher e carregava no colo um bebê enorme do tamanho dela.

No outro dia juntaram alguns homens e foram para a mata para verificar se a história do parente era verdade. Foram até o local que o caçador havia falado, chegando lá encontraram uma borboleta enorme flechada. O mais sábio do grupo disse:

- É “yŭxi” mesmo, e “yŭxi” não morre.

IRI YUXIVU

O ENCONTRO DE DOIS POVOS

Carlito Jaminawa

Havia uma aldeia em que por muito tempo o povo escutava vozes, estas vozes não eram de seus parentes. Eles escutavam uma cantoria muito bonita e muito distante. O povo vivia encucado querendo descobrir de onde vinha aquela cantoria, aquelas vozes, e por muito tempo várias expedições tinham partido em busca daquela gente, mas nunca ninguém encontrou. Houve um cacique do povo que sempre escutava aquelas vozes, mas nunca deu ouvido, e nunca teve a preocupação de ir atrás daquelas vozes. Certo dia ele escutou uma cantoria muito bonita e, atento, pode perceber de onde estavam vindas aquelas vozes. Disse para a mulher:

- Mulher faz tempo que escuto estas vozes, mas nunca dei importância. Hoje eu escutei atento e posso perceber o rumo de onde ela vem e eu sinto um forte desejo de ir ao seu encontro. Eu quero conhecer essas pessoas. Prepara para viagem bastante comida, pois sei que este local fica muito distante daqui e vou convocar um grupo de guerreiros pra me acompanhar.

A mulher iniciou o preparo dos mantimentos e o homem convocou seus guerreiros. Todos iniciaram os preparativos para a expedição fazendo seus arcos e flechas. Quando tudo estava preparado o cacique e seus guerreiros partiram em busca de finalmente encontrar aquela tribo.

Eles partiram, caminharam, dias após dias. Passados três meses o cacique disse para seus guerreiros:

- Sei que vocês estão cansados e desanimados, mas eu peço que não desistam eu tenho certeza que estamos cada vez mais perto; não vamos desanimar não e, se alguém quiser desistir, pode voltar.

Nem um guerreiro desistiu e continuaram a caminhar. Passaram quatro meses e eles chegaram a um igarapé chamado “*iri yuxi vu*”. Ali encontraram arco e flecha. O cacique disse aos seus guerreiros:

- Vejam, já estamos no território deles, esse igarapé é o igarapé “*iri yuxi vu*”, é aqui que eles vêm pescar e caçar. Olhem, não quero que ninguém tome a minha frente, eu estou liderando vocês então eu vou à frente; não sabemos como eles vão reagir, caso eles ataquem eu peço que vocês fiquem quietos e não ataquem; nós vamos dizer que não viemos fazer guerra, só queremos conhecê-los.

Assim o fizeram. Caminharam mais um pouco e logo avistaram a aldeia. Os guerreiros ficaram escondidos e somente o cacique entrou. Ao se aproximar da aldeia o cacique daquele povo veio ao encontro do visitante.

Eles eram homens grandes, tinham a pele limpa e branca. O visitante disse ao cacique:

- Eu não vim fazer guerra, vim somente pela curiosidade de querer conhecer vocês, e saber como vocês vivem.

O chefe daquele povo disse ao visitante:

- Só pelo fato de você chegar até aqui, mostra que você é um grande guerreiro, porque ninguém consegue chegar até aqui, pois nós também somos um povo guerreiro. Eu sou cacique do meu povo e você também é cacique do seu. Você disse que quer conhecer o meu povo então eu convido você para mais tarde a gente conversar e se conhecer melhor.

Na hora combinada os dois sentaram e o cacique conduziu a conversa dizendo ao visitante:

- Eu vou lhe fazer umas perguntas sobre algumas coisas para saber se você conhece ou já ouviu falar, se você conhece, diga que sim e se não conhece ou nunca ouviu falar diga que não.

O visitante estava muito cansado e assim disse ao cacique:

- Parente, faz muitos meses que estou fora da minha aldeia e já que conheci o seu povo eu pretendo voltar para a minha aldeia amanhã pela manhã. Sei que minha família e meu povo estão preocupados.

O cacique disse:

- Tá bom parente, mas as perguntas que quero lhe fazer são muito importantes e tenho curiosidade de saber se você conhece.

E continuando a conversa perguntou:

- Você já viu alguém sofrer de dor de dente, ou já ouviu falar que alguém teve dor de dente?

Visitante: Não, nunca vi.

O cacique continuou a fazer perguntas sobre doenças e sofrimentos por causa das doenças e o visitante escutou ficando calado, não respondendo nem que sim e nem que não, até que por causa do cansaço acabou cochilando enquanto o cacique fazia as perguntas. Percebendo que o visitante estava cochilando disse ao visitante:

- Você dormiu? E não ouviu nada do que eu te perguntei?

Visitante: Não, parente, eu não dormi, é que estou muito cansado e acabei só dando um cochilo; pergunta de novo que eu vou te responder.

O cacique disse:

- Eu não posso repetir o que te perguntei, eu falei que é muito importante, e só tenho uma última pergunta.

E assim perguntou:

- Em sua aldeia a mulher e o homem quando ficam bem velhinhos, eles morrem, mas depois eles voltam a viver bem novinho novamente?

Visitante: Como assim?

- Você conhece a árvore “mulateiro”?

Visitante: Conheço.

- Pois bem! O “mulateiro” quando fica com a casca velha, esta casca cai todinha e depois não nasce outra casca e a árvore parece nova, novamente?

Visitante: Sim

- Pois é assim; a pessoa velhinha morre e depois nasce novamente novinha.

Visitante: Eu nunca vi isto acontecendo com as pessoas.

O cacique disse ainda:

- Parente preste atenção tudo o que eu lhe perguntei, quando você chegar a sua aldeia vai começar a acontecer.

O visitante não deu muita importância ao que o cacique havia lhe falado, é que em seu povo não existia doença, não conheciam a dor e nem a morte.

No dia seguinte o visitante mais os seus guerreiros estavam prontos para partir e dirigindo-se ao cacique disse:

- Parente nós estamos prontos, mas os meus guerreiros estão sem arco e flecha e o caminho é longo. Você poderia arrumar para nós arcos e flechas novos?

O cacique levou o visitante e seus guerreiros para a mata e chegando em um local cheio de pés de pupunha disse ao visitante:

- Olha, vou derrubar essa pupunha, ela vai cair na sua direção e peço que você a sustente, pois nela tem as armas de que vocês precisam.

Assim o fez. Só que, quando o pau vinha caindo o visitante teve medo de se machucar com os espinhos da pupunha e seu peso e correu para outra direção. Quando a pupunha caiu espalhou-se toda espécie de armas: tinha flechas, arcos e “bordunas”; só que todas chegaram quebradas sem condições de serem usadas.

O cacique disse ao visitante:

- Por que você correu? Vê que você perdeu tudo por causa do seu medo?

O visitante disse:

- Eu senti que a pupunha iria me machucar que eu não iria aguentar.

Um dos guerreiros do visitante implorou ao cacique que fornecesse as armas para eles e se ofereceu para segurar o pé de pupunha.

O cacique passou as mesmas instruções para o guerreiro e arremessou o machado na pupunheira. O guerreiro permaneceu firme, sustentando a pupunheira que caiu em seus braços. Ele não sentiu nem um espinho e nem o peso, pois ao chegar em seus braços não era mais o tronco de pupunha e sim diversas armas bem trabalhadas: arcos de diversos tamanhos, assim como as flechas e as “bordunas”.

O cacique disse então ao guerreiro:

- Distribua as armas, tem para todos.

Disse ao visitante:

- Você veio me visitar, agora eu fico devendo uma visita a vocês.

Lembre bem o que vou lhe dizer. Quando estiver perto de eu chegar a sua aldeia, vai acontecer uma grande alagação. Peço que, ao chegar, comece a construir uma grande casa que dê para abrigar todas as pessoas, em um local de terra bem firme; porque vai chover muito, alagar tudo e quase não vai dar para salvar nada. Quando a água estiver chegando na grande casa peço que você atire nas correntezas um casal de velhinhos, só assim a chuva vai cessar. Não esqueça a chuva só cessará se você me der um casal de velhinhos.

Voltando para sua aldeia, passado um tempo, as pessoas começaram a sofrer com algum tipo de doença e algumas chegaram a morrer. Ao perceber o sofrimento do seu povo, o cacique lembrou-se da conversa com o chefe daquela tribo que ele foi conhecer. Seu povo então disse para ele:

- Foi você que trouxe o sofrimento para nós, a gente não tinha este tipo de coisa e foi só você voltar de sua viagem que começou a aparecer estas enfermidades no nosso meio.

O cacique disse:

- Aquele cacique era um bruxo, se eu tivesse dito que conhecia todas aquelas coisas, a gente não teria conhecido o sofrimento e a morte.

Foi assim que apareceram as doenças, o sofrimento e a morte.

O cacique também se lembrou da promessa do bruxo em fazer uma visita em sua aldeia e do sinal da sua chegada. Convocou toda a aldeia disse o que estava para acontecer. Escolheram um local de terra bem firme e iniciaram a construção da grande casa; mal estavam terminando a construção quando a tempestade começou a se formar. Chovia muito dia e noite sem parar por muitos dias. O mundo todo parecia um grande rio sem fim e quando a água já estava entrando na grande casa ele lembrou que a chuva só iria parar se ele atirasse nas águas um casal de idosos. Vendo a água já entrando na casa, com muito sofrimento, escolheu o casal de velhinhos e fez conforme o pedido do cacique bruxo. Imediatamente as chuvas cessaram, as águas foram baixando, o sol voltou a brilhar e o céu a ficar azul.

VAPA RUA VASHU VIDI

HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE A
ENCANTOU UMA CORUJA

João Jaminawa

Existiu uma mulher que era solteira, não conseguia arrumar casamento e morava com seus pais. Nas noites de lua clara ela costumava ficar no terreiro observando a noite. Certa noite de luar bem clara ela estava no terreiro observando pensativa quando em sua frente passou um “vapa” (espécie de coruja). Ao ver o “vapa” ela falou bem baixinho:

- Há se você fosse um homem! Eu casaria com você. Há se você pudesse se transformar em um homem.

O “vapa” escutou o que a mulher tinha falado e se transformou em um homem e foi ao encontro dela. Chegando perto ficou meio escondido. A mulher ao perceber que alguém se aproxima falou:

- Quem está aí?

Ele respondeu:

- Olá, eu sou teu primo; escutei o que você falou e estou aqui.

A mulher disse:

- Eu não falei com ninguém, eu só falei com o “vapa” que passou por aqui.

Ele disse:

- Pois é prima sou eu. Eu me transformei em um homem e quero te levar pra minha casa.

A mulher disse:

- Primeiro eu preciso falar com meus pais, espere aí.

A mulher entrou em sua casa e falou para seus pais.

- Mãe, encontrei meu primo e quero saber se posso trazer ele aqui.

Os pais da mulher ficaram muito contentes e disseram:

- Que bom minha filha, há muito tempo a gente queria arrumar um casamento para você. Que bom que você encontrou teu primo, vai lá fale para ficar com a gente aqui.

E assim a mulher fez.

Na madrugada ele saiu para caçar. Pegou um macaco e chegando a casa entregou para a sogra preparar. Ele tinha a boca muito grande e tinha muita vergonha e por causa da vergonha ele tentava esconder o rosto e não olhava nem para a esposa e nem para a sogra.

A sogra preparou o macaco e disse para a filha:

- Leva comida pra teu marido ele está com fome, passou a madrugada caçando.

A mulher preparou o prato do marido e foi levar para ele, disse:

- Primo come, sei que estás com fome.

Ele, sem olhar para a mulher respondeu:

- Não tenho fome.

A mulher voltou para a sua mãe e disse:

- Mãe ele não quer comer, disse que não está com fome.

A mãe da mulher disse para ela:

- Filha deixa a comida perto dele, quando ele sentir fome ele vai comer.

O tempo foi passando até ele perder a vergonha e olhar para a esposa e a sogra, mas elas ainda achavam uma coisa estranha nele, é que ele nunca comia a comida que ele caçava e elas preparavam.

Em uma noite clara ele saiu dizendo que iria caçar. A mãe da mulher disse:

- Filha aproveita e vai atrás dele, alguma coisa acontece, tenta descobrir porque ele não come.

Assim a mulher fez, correu e escondida seguiu o seu marido. No meio da mata ele parou sentou e começou a gritar dizendo:

- Mãe, estou com fome, me dá de comer!

E não tardou muito apareceu uma “*vapa*” carregando em seu bico um punhado de besouro, chegando ao homem ele abriu a boca e a “*vapa*” jogou o punhado de besouro em sua boca.

A mulher espantada com o que viu correu para a casa e falou pra sua mãe:

- Mãe eu sei por que ele não come. E contou o que viu. Nós nunca comemos besouro, o que vamos fazer? Quando ele chegar eu vou conversar com ele.

Quando ele voltou a mulher preparou a comida e levou para ele. Como das outras vezes, ele disse que não queria comer, então ela falou:

- Sei por que tu não comes nossa comida é que tu te alimentas de besouro, nós não comemos besouro.

O homem foi ficando com muita raiva, se transformou no “*vapa*” e voou para a mata.

A mulher falou pra sua mãe o que aconteceu e o homem nunca mais voltou.

ESTRUTURA LINGUÍSTICA
JAMINAWA

○ ALFABETO ○

JAMINAWA // YAMINAWA

Rosenilda Nunes Padilha

Para escrever algo sobre a estrutura da língua Jaminawa, recorri às duas cartilhas existentes: uma boliviana e uma brasileira. Ambas apresentam somente uma proposição de alfabeto juntamente com uma listagem de palavras sem fazer menção ao sistema fonológico da língua. Além disso, essas duas cartilhas não apresentam uma proposta consensual, a cartilha *Guia del Alfabeto Yaminawa* apresenta um número menor de letras em relação à cartilha feita no Brasil.

ALFABETO YAMINAWA DA BOLÍVIA: GUIA DEL ALFABETO YAMINAWA

VOGAIS			
A	E	I	O

CONSOANTES			
P	T	K	J
F	S	X	SH
TS	CH	M	N
R	Y		

O ALFABETO JAMINAWA DO BRASIL

VOGAIS			
A	E	I	U

CONSOANTES			
B	D	H	M
N	P	K	R
S	T	SH	TX
TS	X	Y	W

Destaca-se ainda, que segundo o anexo do *Guia del Alfabeto Yaminawa*, o alfabeto proposto nesse guia tomou como base o alfabeto peruano que por sua vez apresenta as seguintes variações com relação ao brasileiro.

ALFABETO YAMINAWA (PERU)	VARIAÇÃO	ALFABETO JAMINAWA (BRASIL)
- letra “O”	Pode variar com	- letra “U”
- letra “F”	Pode variar com	- letra “W”
- letra “M”	Pode variar com	- letra “B”
- letra “N”	Pode variar com	- letra “D”

O que não está claro aí é do que se trata essa variação. Como não foi apresentado um quadro de fonemas entende-se que a variação em questão envolve somente as representações ortográficas. Contudo, é possível afirmar que essas diferenças gráficas nos dois alfabetos estão já apontando para um quadro de sons (fonemas) da língua em que a variação entre as letras “O” e “U”, por exemplo, poderiam estar indicando uma relação de alofonia entre os sons (fones) [o] e [u]. Seria necessário, então, definir se ambos os sons (fones) são fonemas na língua ou se somente um deles o é.

SISTEMA FONÉTICO PRELIMINAR JAMIMAWA

Através da comparação das duas propostas de alfabeto com os dados da língua jaminawa coletados para essa pesquisa, vamos propor um quadro preliminar dos sons (fones) para a língua, os quais serão postos em relação com suas representações ortográficas. Comparando as duas propostas, observa-se que os alfabetos boliviano e brasileiro apresentam ambos quatro vogais, com a diferença de que o boliviano apresenta a vogal “o” enquanto o brasileiro a vogal “u”. O que se observou nos dados do yaminawa falado no Brasil aqui coletado e analisado, é que esses dois sons podem estar em variação alofônica, como já apontado. Palavras grafadas como samo “abelha”, na cartilha da Bolívia, ocorrem em nossos registros como [sa'mu]. É necessário, portanto, fazer uma descrição da fonologia da língua para poder definir se temos aí um único fonema [u] ou [o] ou se essas duas vogais coexistem como fonemas distintos. No quadro de fones proposto aqui, optamos por indicar os dois itens como possíveis sons do jaminawa. Além disso, a partir dos dados coletados junto aos professores Jaminawa, é possível sugerir que a língua apresente outros sons vocálicos não identificados nas referidas cartilhas. Identificou-se a vogal fechada central não arredondada [ɨ] em palavras como [i'wa] “mãe” e a vogal meio fechada central não-arredondada em palavras como [PƏ'jƏ] “casa” e [ka'pƏ] “jacaré”. De qualquer modo, essa análise é bastante preliminar e tem como objetivo servir somente como indicador para pesquisas mais aprofundadas sobre a fonologia da língua jaminawa.

Já no que diz respeito às consoantes, o número de letras vai variar: o alfabeto brasileiro apresenta 16 consoantes, enquanto o boliviano apenas 14 consoantes. As duas consoantes que aparecem somente no alfabeto jaminawa brasileiro são “b” e “d”, que segundo as informações contidas no anexo do *Guia del Alfabeto Yaminawa*, da Bolívia, estão em variação com as letras “m” e “n”, respectivamente. Novamente, não é possível afirmar se são quatro fonemas ou apenas dois com seus respectivos alofones. Na cartilha produzida no Brasil, vemos que a opção pelas letras “b” e “d” foi confirmada pelos dados por nós coletados. Nas palavras yuba [yuba] “peixe” e di [di] “árvore” coletadas junto ao professor Josué, observa-se a oclusiva bilabial sonora [b] e a oclusiva dental sonora [d] seguida de vogal oral. Em outras palavras coletadas por nós, como por exemplo, [m'êke] “mão”, [mãkt] “braço” e [nôno] “pato” observa-se que as consoantes nasais (bilabial e dental) seguem-se a vogais também nasais, o que direciona a análise para tomar a ocorrência desses sons como determinados pelo contexto + - nasal: quando diante de uma vogal oral tem-se a distribuição dos fones oclusivos [b] e [d], quando diante de vogal nasal observa-se a ocorrência das consoantes nasais

[m] e [n]. Reforça esse argumento, certas palavras na língua jaminawa como [ã'si] “mutum (tipo de pássaro), [kîti] “panela de barro”, em que se identificam vogais nasais em contexto sem as consoantes nasais [m] e [n]. Esse fato parece indicar que há na língua também vogal nasal, além das orais já indicadas. Contudo, outras análises em línguas da família Pano (shanenawa, katukina e arara) vão mostrar que a nasalidade é fenômeno complexo e por isso precisa ser analisado de forma exaustiva antes que se possam apresentar conclusões mais definitivas.

Outras diferenças gráficas observadas nos dois alfabetos estão representando um mesmo som:

i) som (fonema) africado palato-alveolar surdo [tʃ]: é grafado como “tx”, no guia da Bolívia, e como “ch” na cartilha do Brasil;

ii) o som (fonema) fricativo glotal surdo [h]: é grafado pela a letra “j”, no guia da Bolívia e pela a letra “h” na cartilha do Brasil.

A dificuldade fica agora por conta da letra “f” do alfabeto boliviano que segundo o anexo do *Guia del Alfabeto Yaminawa* vai variar com a letra “w” do alfabeto brasileiro. De fato, essas duas letras poderiam estar indicando também dois sons em alofonia nessas variedades do yaminawa. De acordo com os nossos dados, foram identificados dois sons (fonemas) consonantais: i) aproximante lábio-velar sonora [w] nas palavras [a'wa] “anta” e [nawawae] “arco-íris” e ii) fricativo bilabial sonoro [β] em palavras como [βeʔo] “olhos”, grafados como “weru” na cartilha brasileira e como “f” no guia da Bolívia. Destaca-se que a palavra mãe que em nossos dados realiza-se como [i'wa] é grafado no guia boliviano como “efa” e na cartilha brasileira como “ewa”. Diante disso, é possível sugerir que fonema fricativo labiodental surdo [f] já identificado, por exemplo, na língua shanenawa (CANDIDO, 2004), e que parece ocorrer também na variedade do jaminawa falado na Bolívia (escolha da letra “f” no guia boliviano) não ocorre na variedade do jaminawa falado no Brasil.

De qualquer modo, entendendo que para a proposição do sistema fonológico da língua yaminawa se faz necessário uma análise refinada dos sons da língua, o que evidentemente foge ao escopo desse trabalho, pretendemos através dessa discussão problematizar o material produzido como proposta de ortografia e através dele e de nossos dados sobre o yaminawa, indicar, preliminarmente, uma lista bastante abrangente de sons para o yaminawa, os quais podem ser tanto fonemas quanto alofones.

QUADRO DE FONES CONSONANTAIS DOS JAMINAWA/YAMINAWA

	Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Palato- -alveolar	Retroflex	Velar	Glotal
Nasal	m		n				
Oclusiva	p b		t d			k	
Oclusiva batida (tap)			ʈ				
Fricativa	β	f v	s	ʃ	ʂ		h
Africada			ts	tʃ			
Aproximante				j			
Aproximante labiovelar sonora			w				

QUADRO DE FONES VOCÁLICOS DOS JAMINAWA/YAMINAWA

	Anterior	Central	Posterior
Fechada/alta	i	ɨ	u
Semifechada/alta	e	ə	o
Aberta/baixa	a		
	não-arredondada	não-arredondada	arredondada

QUADRO ORTOGRÁFICO YAMINAWA - CONSOANTES

FONEMAS	LETRAS	JAMINAWA	PORTUGUÊS	OBSERVAÇÃO
p	P	pade “rede”	pata	
b	B	badepe “folha”	bala	
t	T	takara “galinha”	tapa	
d	D	idu “onça”	dúvida	
k	K	kaxta “tatu”	capa	
f	R	rudu “cobra”	caro	
f/β f/ w /v	F / W F/ W	wero “olho” fero “olho” efa “mãe” ewa “mãe” vai “roçado”	vara	[β] Não há esse som no português, que estaria entre a representação de um “v” e um “f”. [w] Aproxima-se do som da vogal “u” no ditongo crescente “ua” em árdua. (SILVA, 2003, p. 97)
s	S	samo “abelha”	sala	
ʃ	X	xiwati “paneiro”	chá	-
ʂ	SH	shiki “milho”		Som produzido com a obstrução à corrente de ar que se dá pelo encurvamento da ponta da língua para cima e para trás (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2000, p. 123).
h	J/H	hōsi “lontra” jonsi “zorro”	carta	[h] som de “carta” do dialeto Belo Horizonte. (SILVA, 2003, p. 38)
ʦ	TS	ʦina “cutia”	-	pronúncia do dígrafo “ts” em português.
tʃ	TX/CH	txashu “veado” chi “fogo”	Tcheco eslováquia	Corresponde ao primeiro som da palavra “tcheco-eslováquia” (SILVA, 2003, p. 38).
m	M	meke “mão”	mala	-
n	N	numa “pombo”	nada	-
j/ɕ	Y	Yabe “machado”	sério dia	Aproxima-se do som do da vogal “i” no ditongo crescente “iu” (SILVA, 2003, p. 96) quando da variante [j] ou da pronúncia da palavra “dia” quando da variante [ɕ]

TABELA DOS FONES VOCÁLICOS DOS JAMINAWA

FONEMAS	LETRAS	PALAVRA JAMINAWA	PALAVRA PORTUGUÊS
ɑ	A	awa “anta”	pato
e	E	epa “pai”	Ele
i	I	isa “quandu”	Aqui
o	U	utsis “unha”	Luto
u	O	oxe “olho”	Ovo

A ORIGEM DOS KEDES

Rosenilda Nunes Padilha

A cobra “*Runuwã*” (essa cobra é considerada para o povo Jaminawa de espírito forte) foi quem ensinou o povo se pintar. No sonho o “*Runuwã*” ensinou todos os tipos de pinturas.

A arte dos Kede Jaminawa é uma arte quase que exclusivamente feminina, desenhado ou pintado. De acordo com a história indígena do povo Jaminawa, os “Kedes” tiveram origem desde seus principalmente nos rituais, as pinturas são caprichadas. Podem expressar alegria, lazer, sentimento, respeito, morte, luto, diferenciar “*Shukuwetsavu*” (Clã) do outro. São aprendizados de grande profundidade, dons presentes das mulheres mais antigas do povo Jaminawa. As mulheres mais novas nem todas conseguem fazer essa arte.

Os “*kedes*” são usados principalmente nas festas, ou seja, nos rituais. Onde fazem questão de pintar todo o seu corpo. Usam também como enfeites especiais em armas, lanças, arcos, flechas bordunas, peneiras, cestos, redes. Chegamos esses números “*kedes*” apresentados através da pesquisa, deve existir muito mais. Todos os seus nomes e significados, relacionados aos animais, árvores, pássaros.

Essa parte do livro reúne informações importantes sobre os “Kedes”, quem faz? O significa? Quem pode usar? Enfim os mais variados “*kedes*”. São informações catalogadas pelo Jovem Samuel Jaminawa com ajuda das pessoas mais velhas do seu povo tais como seu Carlito Jaminawa, Iracema Jaminawa, Zé Correia Jaminawa, seu Batista Jaminawa, Marina Jaminawa, João Jaminawa.

É interessante notar, que todos os “*kedes*” não tem regras, até o dia de hoje. Antigamente seguiam as regras, porque eram preparados para guerrear na mata. As meninas não querem usar mais pinturas. “Preferem usar os batons dos brancos. Essas mudanças fazem perder a essência do povo Jaminawa”, afirma Zé Correia, líder do povo em entrevista em 20 de julho de 2018.

Essas informações foram levantadas pelo jovem Samuel Jaminawa, residente na terra indígena Kayapuká, com ajuda dos mais velhos das comunidades. É um trabalho árduo de revitalização, valorização da cultura Jaminawa.

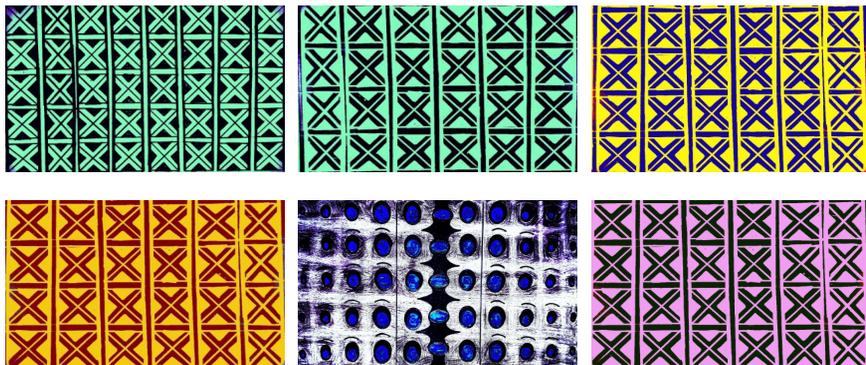
Tem como princípio sistematizar, registrar e publicar esses registros no intuito de resgatar a autoestima do povo, que depois de muitos anos de perambulação pela cidade, resolve retomar seus territórios e voltam a reconstruir suas vidas, suas culturas, seus mitos

É um primeiro trabalho, especificamente dos resgates dos “*kedes*”. Os Jaminawa nos ensinam que tudo isso, se aprende com a natureza da mata, das águas, do ar.

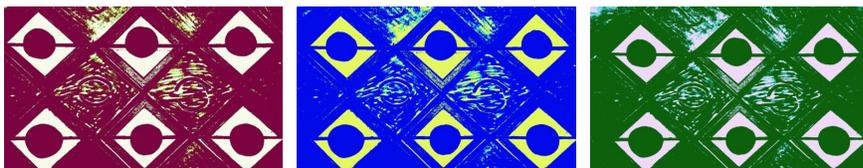
Eles afirmam que as primeiras tecelagens foram com palhas de murmurou, algodão, que as mulheres mais velhas vão passando para as mais novas.

Nos dias de hoje, afirmam incorpora os “Kedes” traçados em miçangas industrializadas de muitas formas e cores. Com essas miçangas fazem pulseiras, colares, tiaras. Afirmam que tem vontade de conseguir um recurso destinado ao grande plantio de algodão, para tecerem suas redes, tiaras. E também gostariam de ter uma oficina de artesanato, com as mulheres mais antigas do seu povo.

A pintura da força do Shuri deve ser usada no corpo do homem, da mulher, das crianças, jovens e adultos. Representa a chegada do espírito para a preparação do chá Shuri, nos rituais de cura.



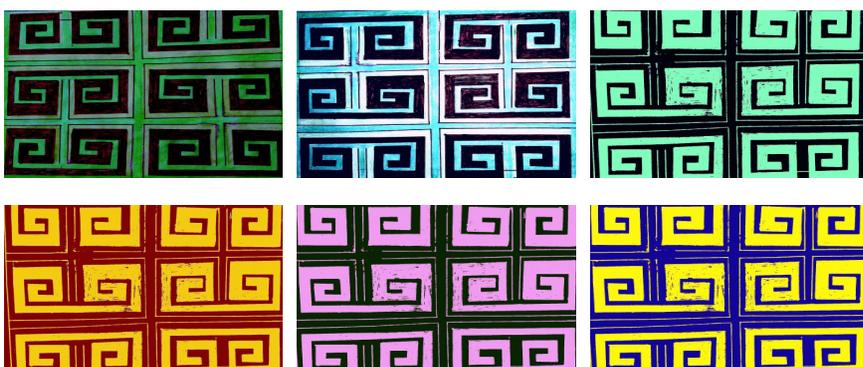
A **pintura da Força da Água** é utilizada quando a criança pega mau olhado na eira do rio e assim, passa a não dormir bem e chorar muito. Ao longo da pintura o pajé canta as músicas sagradas e envolve o corpo da criança em uma fumaça de palha seca.



A **pintura do Tamuatá** é utilizada no corpo das crianças, mulheres e homens. Trata-se de um enfeite que traz beleza e alegria.



A **pintura da Força da Medicina da Mata** é utilizada nas crianças até seus dois anos de idade. Ela retira todos os pesos do coração daquela criança. Apenas os adultos podem proceder essa pintura.



A **pintura feita na árvore de pupunha (Paspí)**, atualmente usada para caçar, mas, antigamente, era usada nas guerras entre os povos na mata. Depois do contato o povo Jaminawa não faz mais guerra e, por isso, a pintura é usada para adorno.

REFERÊNCIAS

- BIANCHINI, Fabrício. Os agentes agrofloretais indígenas do Acre. **Revista Agrícolas**, v. 4, n. 2, jul. 2007. Disponível em: <<http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-6-Os-agentes-agrofloretais-indigenas-do-Acre.pdf>>.
- BRANCO, M. Brandão Castelo. O gentio Acreano. **Revista Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, 1950.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1998.
- CALAVIA, Saez Oscar. **O nome e o tempo dos Yaminawa: etnologia e história dos Yaminawa do Alto Acre**. 1995. Tese (Doutorado em Ciência Social, Antropologia Social)– pela Universidade de São Paulo.
- CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 1977.
- CIMI – Conselho Indigenista Missionário. **Relatório de Campo não publicado, sobre o povo Jaminawa**, 1977.
- _____. **Dossiê Acre** – Documento especial para cúpula dos povos: **O Acre que mercadores da natureza escondem**. Rio de Janeiro, 2012. Dossiê ACRE: Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAF0BcAC/dossie-acre>>.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. Porto: Livraria Chardron, 1909.
- _____. **Um Paraíso perdido**: Ensaios, estudos e pronunciamento sobre a Amazônia. Rio de Janeiro, 1976.
- ESTADO DO ACRE, Prefeitura Municipal de Sena Madureira. Secretaria Municipal de Educação. EMEF. Messias Rodrigues de Sousa. **Projeto político pedagógico**, 2005.
- _____. Secretaria estadual de educação. **Cartilha Jaminawa**, 2004.
- FERREIRA, F. **Levantamento da situação atual dos índios Jaminawa**. Rio Branco: Fundação Elias Mansour, 2001.
- FUNAI – Fundação Nacional do Índio. **Relatório de identificação da terra Mamodate**, 1977.
- _____. **Relatório de identificação da terra indígena Arara do Cruzeiro do Vale**, 2006.

- Ministério de Educacion: viceministerio de Educación Escolarizada y Alternativa: Guia Del Alfabeto Yaminawa junio de 2003, Bolivia.
- NUNES, Rosenilda Padilha. **Entre o Português e o Jaminawa**: o bilinguismo e o ensino da língua oficial, 2013; Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem)– Fundação Universidade Federal de Rondônia.
- NUNES, Rosenilda Padilha (org.). **Indígenas em espaços urbanos no Acre**. Rio Branco: Mensageiro, 2011.
- PADILHA, Lindomar Dias. et al. **Dossiê Acre**: O Acre que os Mercadores da Natureza escondem, Brasília: Cimi, 2012.
- RIBEIRO, Darci. **Os índios e a civilização**. Petrópolis, RJ: Editoras vozes, 1977.
- RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. **Línguas Brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyala, 1986.
- _____. Línguas Indígenas. 500 anos de descobertas e perdas. **Ciências Hoje**, 1993.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOUZA, Jorge Bruno Sales. **Relatório do levantamento Antropológico acerca da situação de mendicância de indígenas da etnia Jaminawa**, Ministério Público Federal 1999.



CASA LEIRIA
Rua do Parque, 470
São Leopoldo-RS Brasil
Telefone: (51)3589-5151
casaleiria@casaleiria.com.br



SÉRIE SABERES TRADICIONAIS

A Série Saberes Tradicionais é uma iniciativa literária organizada pelo Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA), pertencente a Província dos Jesuítas do Brasil.

O OLMA inaugurou seus trabalhos em agosto de 2016 com objetivos de auxiliar na articulação da Rede de Promoção de Justiça Socioambiental da Província dos Jesuítas do Brasil, composta por dezenas de instituições; traçar estratégias de incidência em prol de tal Justiça, na agenda das políticas públicas nacionais; e promover, produzir e sistematizar conhecimentos e informações reflexivas a respeito da realidade brasileira contemporânea.

Entre suas principais áreas de atuação encontra-se o eixo Amazônia e Povos Tradicionais, com um conjunto de ações e projetos, entre eles a Semana de Estudos Amazônicos (SEMEA), que busca promover uma semana de estudos e debates sobre a Amazônia em universidades localizadas fora do território amazônico.

Justamente ao longo das edições da SEMEA, observando e acolhendo demandas de lideranças indígenas e ribeirinhas da Amazônia, que lutam por registrar suas histórias, divulgar suas culturas, visibilizar seus conhecimentos, que nasce a Série SABERES TRADICIONAIS.

A série, não seguindo obrigatoriamente um gênero específico, busca dar voz e visibilidade as histórias contadas e escritas exclusivamente por pessoas pertencentes aos povos originários e tradicionais do Brasil, como indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pescadores, agricultores familiares, entre outros.



JESUÍTAS BRASIL



OLMA
Observatório Nacional de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida

ISBN 978-85-9509-051-4



9 788595 090514 >